

2022

VOLUME 5 | NÚMERO 1

SEMESTRAL

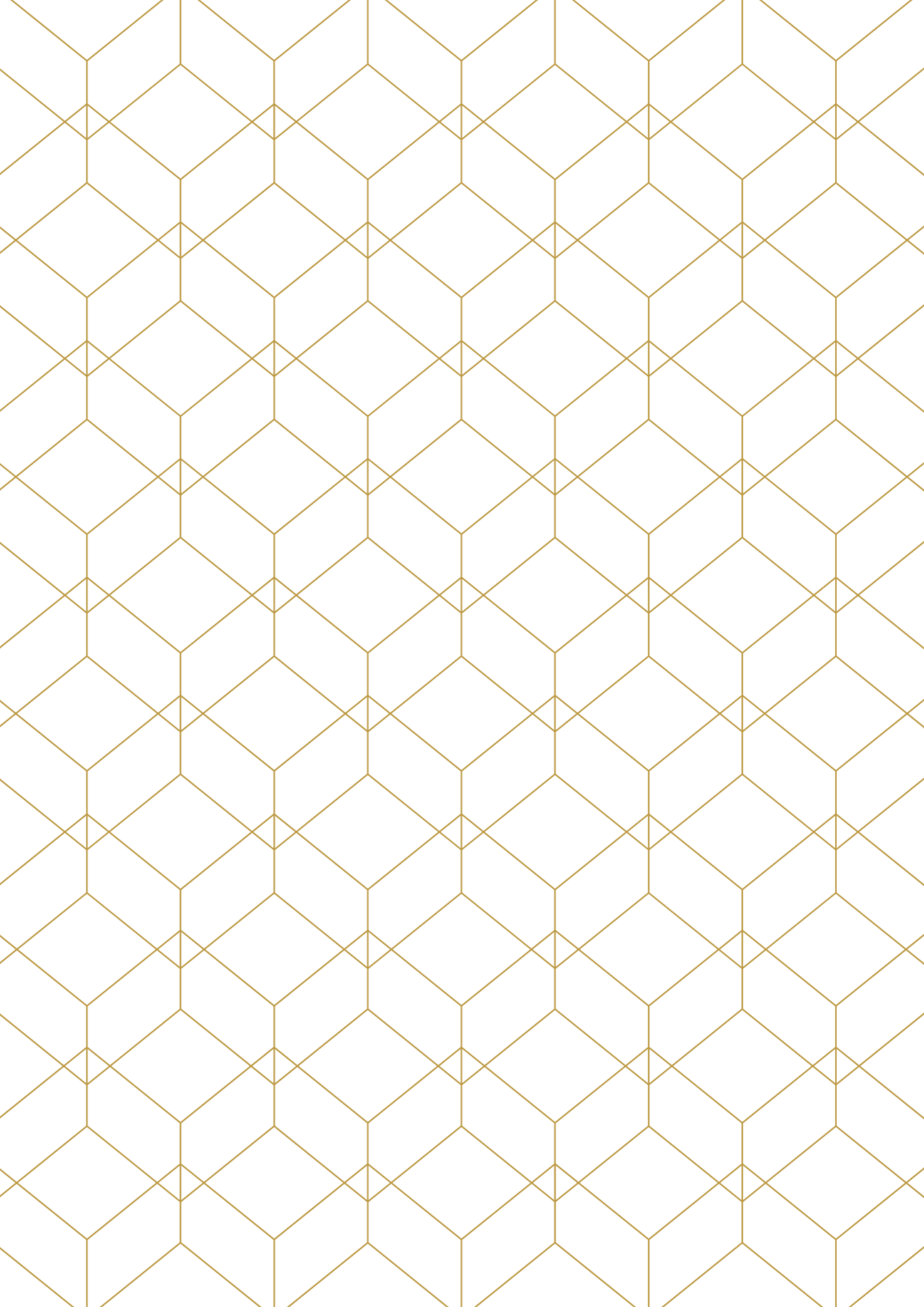
ISSN (ONLINE): 2184 – 3090

ERC: 127195

pontēditora



HERANÇA
Revista de História, Patrimônio e Cultura





“Fluindo na direção da morte, a vida do homem arrastaria consigo, inevitavelmente, todas as coisas humanas para a ruína e a destruição, se não fosse a faculdade humana de interrompê-las e iniciar algo novo, faculdade inerente à ação como perene advertência de que os homens, embora devam morrer, não nascem para morrer, mas para começar.”

(Hannah Arendt, A Condição Humana)





HERANÇA

Ficha técnica

Sede Social, Editor e Redação:

Startup Madeira - Campus da Penteada

9020 - 105 Funchal, Madeira

E-mail: geral@ponteditora.org

Telefone: 291 723 010

URL: Ponteditora – Formar uma pátria de língua portuguesa tendo por base a ciência.

URL (revista): [Herança - Revista de História, Património e Cultura \(ponteditora.org\)](http://Herança - Revista de História, Património e Cultura (ponteditora.org))

Diretora/Editora-Chefe: Isabel Cruz Lousada, PhD

Periodicidade: Semestral

Propriedade: Ponte Editora, Sociedade Unipessoal, Lda.

NIPC: 514 111 054

Composição do Capital da Entidade Proprietária:

10.000€, 100% detido por Ana Leite, Doutoranda.

Gestão/gerência (não remunerada): Eduardo Manuel de Almeida Leite, PhD.


ISSN (online): **2184-3090**

ERC: **127195**




EQUIPA EDITORIAL


EDITORA - CHEFE


Isabel Cruz Lousada  - Investigadora Auxiliar de nomeação definitiva da NOVA FCSH. Licenciada, Mestre e Doutora pela Universidade Nova de Lisboa tem feito o seu percurso académico na interseção das áreas científicas nas quais se inscrevem os Estudos sobre as Mulheres. Atualmente integrada no CICS.NOVA é também investigadora colaboradora do CLEPUL - Grupo de Investigação 6 - Brasil-Portugal: Cultura, Literatura e Memória, no qual co coordena o projeto “Senhoras do Almanaque”, com Vânia Pinheiro Chaves. Na CIDH - Cátedra Infante D. Henrique coordena com Isabel Baltazar o grupo de investigação MCCLA - Mulheres, Cultura, Ciências, Letras e Artes. Sócia fundadora do MIMA - Museu Internacional das Mulheres - Associação; Conselheira da CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Membro da Direção do Subgrupo WWIH - Women Writers in History da rede DARIAH; Vice-Presidente da AMONET - Associação Portuguesa de Mulheres Cientistas; Vogal da Secção de História da Medicina da SGL - Sociedade de Geografia de Lisboa). Membro da SPESXVIII – Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, atualmente na Presidência. Sócia da APE – Associação Portuguesa de Escritores e do P.E.N. Clube Português, Portugal.


EDITOR - ADJUNTO

Margarida Pocinho  - Phd em Educação pela Universidade da Madeira. Professora Associada na Universidade da Madeira, com Agregação no Departamento de Psicologia da Faculdade de Artes e Humanidades, Portugal. Vereadora da Câmara Municipal do Funchal para a Educação, Ciência e Apoio Social desde outubro de 2021. Frequentou cursos avançados internacionais em musicoterapia na Université Paris V e na U.S. Culture and Society como Fulbright Fellow na New York University, EUA. É investigadora colaborativa no Instituto de Psicologia Cognitiva da Universidade de Coimbra (Portugal) e investigadora integrada no CinTurs- Centro de Investigação em Turismo, Sustentabilidade e Bem-Estar da Universidade do Algarve. Foi também avaliadora de bolsas de projetos - FCT e H2020 e Coeditora Convidada de revistas indexadas (Q1, L1-Educational Studies in Language and Literature).


EDITORES ASSOCIADOS

Chih-Chieh Yang  - PhD em Direito, Professor Associado da Universidade de Ciência e Tecnologia do Sul de Taiwan, China.

Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos  - PhD em Comunicação e Cultura, Professor Adjunto da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Regente da Disciplina de Pesquisa de Mercado e Opinião Pública; Chefe do Departamento de Métodos e Áreas Conexas; Vice Líder do Laboratório de Estudos de Comunicação Comunitária (LECC CNPq/ECO UFRJ); Conselheiro Representante dos Professores Adjuntos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) no Conselho Universitário (CONSuni), Brasil.

Daniela Flor Coelho Melo  - PhD em Ciência Política, Professora Assistente da Universidade de Boston, Estados Unidos da América.


Fabrizio Ricciardelli – PhD em História Medieval, Diretor do Centro de Florença da Universidade de Kent, foi Professor de História da Universidade de Georgetown em Villa Le Balze, Itália.

Francisco das Neves Alves  - PhD em História, Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Brasil.


Gabrielė Šalčiūtė Čivilienė  - PhD em Humanidades, Professora do Kings's College de Londres.


Ramona Mihăilă  - PhD em Literatura e Estudos de Género, Vice-Reitora de Relações Internacionais da Universidade Dimitrie Cantemir, Roménia.


CONSELHO CIENTÍFICO


Ana Maria Pires da Silva  - PhD em Antropologia, foi Quadro Superior no Ministério da Educação; Lecionou a disciplina de Introdução ao Pensamento Contemporâneo na Universidade Lusófona; Vice-Presidente da Secção de História da Medicina da Sociedade de Geografia de Lisboa; Fundadora e Presidente do Conselho Fiscal da AC RIM - Associação de Cancro do Rim Portugal; Voluntária no Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa, Portugal.

Ana Pérez-Quiroga  - PhD em Arte Contemporânea. Artista. Investigadora no Center for Art and Artistic Research CHAIA-EU, Portugal.


António Pires Ventura  - PhD em História contemporânea pela Universidade de Lisboa. Professor Catedrático do Departamento de História da FLUL, Portugal.


Antonella Cagnolati  - PhD em História contemporânea pela Universidade de Lisboa. Professor Catedrático do Departamento de História da FLUL.


Arlinda Manuela dos Santos Cabral  - PhD em Sociologia da Educação, Conhecimento e Cultura, Professora Auxiliar da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; Investigadora Integrada do Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED); Coordenadora da ReLeCo NE-ES - Núcleo de Estudos Africanas: Educação e Sociedade (CeIED/ULHT), Portugal.

Ayşe Nur Ereğ  - PhD em História da Arte, Moderna e Contemporânea, História Urbana e Património Cultural, Professora Associada na Universidade de Istambul, Turquia.


Chih-Chieh Yang  - PhD em Direito, Professor Associado da Universidade de Ciência e Tecnologia do Sul de Taiwan, China.

Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos  - PhD em Comunicação e Cultura, Professor Adjunto da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Regente da Disciplina de Pesquisa de Mercado e Opinião Pública; Chefe do Departamento de Métodos e Áreas Conexas; Vice Líder do Laboratório de Estudos de Comunicação Comunitária (LECC CNPq/ECO UFRJ); Conselheiro Representante dos Professores Adjuntos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) no Conselho Universitário (CONSuni), Brasil.

Daniela Flor Coelho Melo  - PhD em Ciência Política, Professora Assistente da Universidade de Boston, Estados Unidos da América.


Dionísio Vila Maior  - PhD em Literatura Portuguesa, Professor Associado com Agregação na Universidade Aberta; Professor Visitante da Universidade de Pádua (Itália)

e da Universidade de Marie Curie (Polónia); Júri da Associação Portuguesa de Escritores (APE), Portugal.

Dora Maria Nunes Gago  - PhD em Línguas e Literaturas Românticas, Professora Associada da Universidade de Macau, China.


Eva Blay  - PhD em Sociologia. Professora Emérita da Universidade de São Paulo.

Fabrizio Ricciardelli – PhD em História Medieval, Diretor do Centro de Florença da Universidade de Kent, foi Professor de História da Universidade de Georgetown em Villa Le Balze, Itália.


Filipe Abraão Martins Couto  - PhD em Filosofia, Professor Auxiliar Convidado da Universidade Nacional Timor-Lorosae, Timor-Leste.

Francisco das Neves Alves  - PhD em História, Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Brasil.

Gabrielė Šalčiūtė Čivilienė  - PhD em Humanidades, Professora do Kings's College de Londres.


Inês Mendes Moreira Aroso  - PhD em Ciências da Comunicação, Professora Auxiliar da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e Investigadora Integrada no LabCom (Universidade da Beira Interior), Portugal


Isabel Cristina Ferreira Neves Baltazar  - PhD em História e Teoria das ideias, Instituto de História Contemporânea (IHC) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Isabel Idelzuite Lustosa da Costa  - PhD em Ciência Política, CHAM - Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

Joana Maria Balsa Carvalho de Pinho  - PhD em História da Arte, Artis - Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal.


João Paulo Queiroz  - PhD em Belas Artes especialidade Teoria da Imagem. Professor Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, Portugal.


José Cristian Góes  - PhD em Comunicação e Sociabilidade, Universidade Federal de Minas Gerais; Assessor de Comunicação da Advocacia-Geral da União, Brasil.

José Esteves Pereira  - PhD em Filosofia pela Universidade de Coimbra. Professor Catedrático Departamento de Estudos Políticos na NOVAFCSH / CHC - Centro de História da Cultura, Portugal.


Kata Krasznahorkai  - PhD em Arte Contemporânea, investigadora convidada na Universidade de Zurich, Suíça.

Luísa Marinho Antunes Paolinelli  - PhD em Literatura Comparada - Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira, Professora Auxiliar do Centro de Competências de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, Portugal.


Maria Alexandre Lopes Campanhã Lousada  - PhD em Geografia Humana (Geografia Histórica), Faculdade de Artes e Humanidades, Universidade de Lisboa. Investigadora no Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.


Maria da Conceição Albuquerque Emiliano Onofre Castel-Branco  - PhD em Estudo Anglo-Portugueses, Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

Maria de Fátima Nunes  - PhD em História, Universidade de Évora - IHC - Polo da Universidade de Évora, Portugal.


Maria Helena Teixeira Maia  - PhD em Arquitetura, Investigadora do Centro de Estudo Arnaldo Araújo, Professora Auxiliar da Escola Superior Artística do Porto, Portugal.

Maria Idalina Ferreira Pereira Sardinha  - PhD em Estudos da Arte, Conselho de Cultura da Universidade da Madeira, Portugal.


María de la Paz Pando Ballesteros  - PhD História Medieval, Moderna e Contemporânea. Professora na Universidad de Salamanca: Salamanca, Castilla y León, Espanha.


Mário Vítor Bastos  - PhD em Literatura Inglesa, Professor Auxiliar do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa, Portugal.


Nicole Shea  - PhD em Literatura Comparada, Universidade de Binghamton, Nova Iorque, Estados Unidos da América.

Olga Rusinova (Roussinova)  - PhD em História da Arte Europeia, Professora Associada da Faculdade de Humanidades da Universidade de Economia de Moscovo, Rússia.

Patrícia Alexandra Dias Santos Pedrosa  - PhD em Projetos Arquitetónicos, Professora Auxiliar Convidada da Universidade da Beira Interior, Portugal.

Paula Alexandra Ochôa de Carvalho Telo  - PhD em Ciência de Informação, Professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, CHAM – Centro de Humanidades, Portugal.

Paulo Campos Pinto  - PhD em Estudos da Cultura, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Portugal.

Pedro Urbano da Gama Machuqueiro  - PhD em Ciências Históricas, Instituto de História Contemporânea - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

Pekka Johannes Touminen  - PhD em Antropologia Social e Cultural, Estudos Urbanos e Etnografia, Universidade de Helsínquia, Finlândia.


Ramona Mihăilă  - PhD em Literatura e Estudos de Género, Vice-Reitora de Relações Internacionais da Universidade Dimitrie Cantemir, Roménia.


Ria Lemaire-Mertens  - PhD em Letras, Professora Emérita da Universidade de Poitiers, França.


Ricardo Oliveira de Freitas  - Pós-Doutorado em Estudos Culturais e Mídia, Professor Permanente da Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil.


Roberta Maria Bueno Bocchi  - PhD em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; FINEDUCA; Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, Brasil.


Rossana Andreia Neves dos Santos  - PhD em Turismo, Universidade da Madeira, Portugal.

Sandrina Francisca Teixeira  - PhD em Comunicação, Professora Adjunta do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto e Investigadora no CEOS.PP e no CEPESE (Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade), Portugal.

Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da Silva Ferreira  - PhD em História da Arte, Investigadora Contratada do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.


Tânia Ferreira Rezende Santos  - PhD em Estudos Linguísticos, Professora Associada da Universidade Federal de Goiás, Brasil.

Vanda Maria Gonçalves de Sousa  - PhD em Estudos de Cultura, Professora Adjunta da Escola Superior de Comunicação Social, Portugal.


Vitor Serrão  - PhD em História da Arte pela Universidade de Coimbra. Professor Catedrático na FLUL / ARTIS-IHA Instituto de História da Arte, Portugal.

Zsuzsanna Varga  - PhD em Literatura Inglesa, Professora na Universidade de Glasgow, Escócia.

CONSELHO EDITORIAL

Ana Miguel Ramos Leite  - Doutoranda em Estudos Globais, Universidade Aberta/L'École des hautes études em sciences sociales (EHESS), Portugal.

Bruno Miranda Braga  - Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, Brasil.

Luís F. C. Henriques  - Doutorando em Musicologia, Universidade de Évora; Colaborador do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical na Universidade de Évora, Portugal.

Manuel J. Gandra  - Licenciado em Filosofia, Professor Auxiliar Equiparado no IADE - Universidade Europeia, Portugal.

ESTATUTO EDITORIAL

- I – A **Herança – Revista de História, Património e Cultura**, conhecida também pelas formas abreviadas de **Herança**, é uma publicação periódica. Propriedade da Editora: Ponteditora.
- II – A **Herança** dedica-se à pluralidade de temas que envolvem a História, o Património, material e imaterial, e a Cultura.
- III – A linha editorial da **Herança** publica textos inéditos dedicados à investigação científica e como a Arqueologia, Arquitetura, História da Arte, Conservação e Restauro, Gestão e Estudos da Cultura, entre outras.
- IV – A **Herança** tem por missão fomentar a ciência em português e estimular a investigação e a elaboração de estudos e ensaios nos países da CPLP e da Diáspora de língua portuguesa.
- V – A **Herança** é editada semestralmente, online, em língua portuguesa e inglesa, sendo disseminada em todo o mundo através da Internet.
- VI – A **Herança** terá, aproximadamente, 80 a 180 páginas.
- VII – A **Herança** é, desde a sua génese até à atualidade, publicada na versão online.
- VIII – A **Herança** destina-se a professores, investigadores, estudantes e profissionais, nacionais ou estrangeiros.
- IX – A **Herança** apresenta um corpo editorial técnico e científico, aberto a académicos, investigadores e profissionais oriundos de diversas organizações e empresas relacionadas com a investigação cultural e histórica.
- X – A **Herança** publica artigos académicos e científicos, originais e de revisão, bem como ensaios e resenhas/recensões críticas.
- XI – A aprovação dos manuscritos para publicação regula-se por critérios de pertinência, interesse, qualidade científica e no respeito pela pluralidade de perspetivas. A **Herança** assume-se como independente de qualquer poder político, ideológico ou económico, e orienta-se por critérios de rigor, isenção e inclusão.
- XII - A **Herança** publica em língua portuguesa, assim como em inglês. Em cada artigo estão incluídos o título, resumo e palavras-chave em duas línguas.
- XIII - A revista **Herança** edita [números regulares](#) e [números especiais](#), confiados a investigadores/as credenciados/as das respetivas áreas de especialidade ([orientações para revisores/as](#)), sob a escrutínio e aprovação da Equipa Editorial. Toda a colaboração é submetida a um exigente processo de seleção e revisão

baseado em arbitragem científica e dois modos, cega por pares e por pares aberta.

- XIV** - Almejando os mais elevados padrões de ética na publicação, a Equipa Editorial da **Herança** inspira o seu Código de Ética nas orientações estabelecidas pelo *Committee on Publication Ethics* (COPE, Comité de Ética em Publicações, versão de março, 2011). Nesse código definem-se as responsabilidades de todas as partes envolvidas no ato de publicação da **Herança**.
- XV** - A revista **Herança** pretende promover o intercâmbio de ideias, experiências e projetos entre os autores e editores, contribuindo para a reflexão histórica, cultural e patrimonial e para a sua ligação com a sociedade
- XVI** - A revista **Herança** disponibiliza as Normas para apresentação e publicação de artigos e uma lista anual dos/as revisores/as que colaboram na arbitragem científica dos manuscritos.
- XVII** - A Equipa Editorial da revista **Herança**, assume o compromisso de assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa-fé dos leitores, nos termos nº 1 do artigo 17º da Lei de Imprensa.

Editorial

Editorial

001

Maria Amália Vaz de Carvalho nas páginas de O Paiz (1884-1889): levantamento dos textos e notas iniciais de pesquisa

The collaboration of Maria Amália Vaz de Carvalho with O Paiz (1884-1889): survey of texts and preliminary research notes

007

Mary Shelley e a Sibila de Cumas: molduras proféticas no romance The Last Man (1826)

Mary Shelley and the Sibyl of Cumas: prophetic frames in the novel The Last Man (1826)

039

Divórcio? : Andradina de Oliveira e a voz transgressora na virada do século XIX- XX

Divorce? : Andradina de Oliveira and the transgressive voice at the turn of the 19th- 20th century

055

A escrita de Andradina de Oliveira: testemunho de época

The writing of Andradina de Oliveira: a testimony of the time

069



087

**Anália Vieira do Nascimento, Uma
Portoalegrense no Almanaque de Lembranças
Luso-brasileiro**

Anália Vieira do Nascimento, A Writer from Porto Alegre in the Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro

105

**Escrita feminina e engajamento social no sul
do Brasil: as irmãs melo e a luta pelos
desvalidos**

Women's writing and social engagement in south Brazil: the melo sisters and the struggle for the underprivileged

123

**Nélida Piñon: na ladeira íngreme da crítica,
um sobe e desce de opiniões**

Nelida Piñon: on the steep hill of the critics, a seesaw of opinions

139

As Pensadoras, vol.1

The Thinkers, vol 1



Um acerto de contas com o passado das escritoras do Rio Grande do Sul

A reckoning with the past of Rio Grande do Sul's female writers

145

Museus, lugares de autenticidade?

Museums, places of authenticity?

151

HERANÇA

EDITORIAL

«(...) quando eu nasci, as frases que hão-de salvar a humanidade já estavam todas escritas, só faltava uma coisa - salvar a humanidade.»

(Almada Negreiros in *A Invenção do Dia Claro*)

A Guerra na Europa parecia ser impensável depois de 1945, escreve-se e ouve-se dizer.

A destruição implacável infligida por mãos humanas a um planeta já de si vulnerabilizado por epidemias e desastres alguns dos quais considerados «naturais», no dealbar do século XXI, e os esforços por parte das nações procurando promover por todos os meios a defesa da «Terra-mãe» para que esta pudesse/possa continuar a ser habitável e a ser casa para a humanidade, deveriam servir de garante para a união, assente na diplomacia, entre grandes e pequenos países no mundo, aos quais se faz essencial a liberdade e a democracia.

Inesperadamente e perante o pior cenário eis que o inimaginável se torna real.

As palavras de Anne Frank datadas 11 de abril de 1944: “Há-de chegar o dia em que esta guerra medonha acabará, há-de chegar o dia em que nós também voltaremos a ser gente como os outros e não apenas judeus” assumem novos sentidos com aquilatada e pungente expressão. Hoje a Ucrânia. Os limites ditados por contornos geográficos determinados e ratificados pela política internacional são questionados - face a questões de natureza político-militar - ameaçando o direito à soberania dos povos que, pela força, são obrigados a diásporas dramáticas perante o belicismo instalado.

Cidadãos do mundo, em marcha, alcançam países de acolhimento, numa trajetória que não sonharam e não caberia no desenrolar das suas vidas, em tempos de paz, como a única via rumo à sobrevivência, em tempos de guerra. Insondáveis os destinos de milhões que em périplos migratórios são, sabemos, sobretudo mulheres e crianças. E, pela simples razão de o serem, mais vulneráveis ainda se apresentam, apesar dos esforços para que os mais elementares Direitos Humanos sejam assegurados e os crimes de guerra julgados.

Lembramos o filme *La Vita e Bella* (Roberto Benigni -1999) e os múltiplos diálogos por ele permitidos, desta feita com cenários reais, como os que se vivem no Leste Europeu. A seu tempo a humanidade ajuizará e o trecho do filme *Hannah Arendt* (Margarethe von Trotta – 2012 <https://bit.ly/3qggHua>) sobre a banalidade do mal impõe-se, pensamos.

Estranha, se não inusitada, é a plateia de uma guerra a que assistimos «em directo», em «modo virtual» e quase ao minuto - a presença diária de notícias e de passagens comentadas vezes sem conta por especialistas, analistas políticos, em que continuamos sem certezas acerca de quase nada. Parecendo tudo ver em tempo real é tanto o que desconhecemos de incontáveis outras batalhas... e é nesse quadro que nos incitam a voltar às rotinas, apanágio de quem, tendo a paz assegurada tem de levar a vida por diante.

A *Herança*, revista de História, Património e Cultura prenunciava esta edição sob o signo da alegria, em virtude de termos obtido nova indexação, seguindo-se à SCOPUS – agora Emerging Sources Citation Index (ESCI), Clarivate Analytics WoS – Web of Science - apontando para o Dia Internacional da Mulher – celebrado a 8 de Março, fazendo jus a lutas que sendo porventura mais de umas são também de todos, lembrando que o dia 11 de Fevereiro serviu uma causa tangente – advogando uma maior participação das jovens, mulheres e raparigas na ciência. Na verdade, o mote: «A ciência não tem género» e «as carreiras não têm género» são aliadas da matéria subjacente ao volume que apresentamos, em torno da autoria feminina, da imprensa periódica e a questão candente – a (in) visibilidade da contribuição feminina na sociedade, na linha do tempo, nas diversas áreas de actuação e pelo mundo fora.

Animados pela organização de um Encontro Científico em que ombreámos no ano passado, surge clara a tendência deste novo número que agora trazemos até vós.

O presente volume abre com um *position paper* intitulado “**Maria Amália Vaz de Carvalho nas páginas de *O Paiz* (1884 – 1889): levantamento dos textos e notas iniciais de pesquisa**”, assinado por **Tânia Regina de Luca** e **Ana Cláudia Suriani da Silva**. O artigo resulta de um projecto de investigação “É preciso falar sobre as ausentes: mulheres cronistas na imprensa oitocentista” gizado a partir do acervo disponível na Hemeroteca Digital Brasileira e que, tal como o título do artigo deixa antever, visa mapear, neste caso, os textos da escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847 – 1921) durante a colaboração desta em *O Paiz*. As investigadoras conduzem essa pesquisa pretendendo ao fim e ao cabo efectuar uma reavaliação da presença feminina na imprensa do final do século XIX e trazer um novo olhar sobre as vozes femininas silenciadas e esquecidas.

Segue-se-lhe **“Mary Shelley e a Sibila de Cumas: molduras proféticas no romance *The Last Man* (1826)”** por **Janile Soares** que se ocupa da escritora inglesa Mary Shelley (1797 – 1851) sendo *The Last Man* - publicado em 1826, o romance apocalíptico escolhido para análise. Nessa obra, em que se narra o fim da humanidade, um único sobrevivente escreve no seu diário como tudo aconteceu. Mary Shelley introduz-nos o mito da Sibila de Cumas e Janile P. Soares procura discutir a importância do texto que introduz a narrativa do romance, considerando a relação entre o mito da Sibila e as capacidades criativas de Mary Shelley.

A autoria feminina continua a ser moldura que enquadra o ensaio seguinte sobre a escritora brasileira Andradina de Oliveira (1864 –1935) – **“Divórcio?: Andradina de Oliveira e a voz transgressora na virada do século XIX – XX”**, de **Rosa Hood Gautério**. O livro, publicado em 1912, convida ao debate sobre as convenções, as leis e a moral, dando conta de casamentos que se realizam por conveniências de ordem socioeconómica e cujo desfecho redundava invariavelmente em vidas infelizes, observadas no contexto do cerceamento da liberdade feminina e da luta pelos direitos das mulheres.

É também dedicado à escritora oitocentista sul-rio-grandense o artigo seguinte **“A escrita de Andradina de Oliveira: testemunho de época”**, de **Salette Rosa Pezzi dos Santos** que nos oferece uma leitura sobre a vida e a obra, notável aos mais diversos títulos, bem como pela luta dessa na defesa dos direitos das mulheres. Andradina de Oliveira não foi, até há bem pouco tempo, reconhecida pela história oficial da literatura brasileira, no entanto colaborou na imprensa periódica coeva, nomeadamente no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (Lisboa; 1851 – 1932), como a autora nos lembra. Destaque merece ainda a epígrafe com que o ensaio é iniciado, assinada por Zahidé Muzart (1939-2015) a reputada académica catarinense a quem o mundo tanto deve como pioneira na defesa da autoria feminina e idealizadora da Editora Mulheres.

Ainda com o olhar no âmbito da literatura brasileira do século XIX, encontramos o artigo **“Anália Vieira do Nascimento, uma porto-alegrense no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*”**, de **Cecil Jeanine Albert Zinani**. A escritora brasileira Anália Vieira do Nascimento (1854 – 1911), e sua colaboração no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, são mote para o ensaio. Anália teve uma presença assídua no *Almanaque*, por mais de vinte anos. Neste artigo são estudados a biografia de Anália, os textos publicados pela autora e a recepção à sua obra. Congratulamo-nos por ter sido dado à estampa, em 2017, na coleção «Senhoras do Almanaque», um volume a ela dedicado, assinado por Beatriz Weigert, que agora aqui lembramos e pode ser acessado no link seguinte: [.https://bit.ly/3tiw6vJ](https://bit.ly/3tiw6vJ)

Ainda no contexto da literatura do Sul do Brasil no século XIX surge o artigo **“Escrita feminina e engajamento social no sul do Brasil: as irmãs Melo e a luta pelos desvalidos”**, de **Luciana Gepiak**. Neste texto, Gepiak dá-nos o testemunho de duas escritoras brasileiras, irmãs, empenhadas em actividades literárias e lutas por causas

sociais – Revocata Heloísa de Melo (1853 – 1944) e Julieta de Melo Monteiro (1855 – 1928). Embora no século XIX a escrita feminina tenha tido um momento de grande difusão no Brasil, as irmãs Melo, a par de outras escritoras, tiveram de batalhar para ultrapassar diversos obstáculos a fim de exercerem as suas actividades literárias. Nesse sentido, a imprensa foi essencial para a divulgação da sua escrita. No Sul do Brasil, as irmãs Melo notabilizaram-se na vida literária e no activismo social e político. Este artigo assinala o activismo destas escritoras no Clube Beneficente de Senhoras.

Maria Eunice Moreira, assina o artigo “**Nélida Piñon: na ladeira íngreme da crítica, um sobe-e-desce de opiniões**” no qual discorre sobre o silenciamento da obra da escritora hispano-brasileira Nélida Piñon (n. 1937). Recorde-se que, apesar de ser dona de uma vasta obra, Nélida Piñon permanece, até há pouco tempo, como uma escritora pouco estudada e citada no Brasil. No seu ensaio, Maria Eunice Moreira analisa o que é mencionado pela crítica e procura trazer à luz as razões do silenciamento a que tem sido votada.

A fechar o número da revista *Herança* encontramos espaço para três recensões críticas. A primeira, “**As Pensadoras, vol. 1**”, tem a assinatura de **Rita de Cássia Fraga Machado** (fundadora da editora e coordenadora pedagógica da escola com título homónimo), apoiada por **Carmen Milly**, que nos dá a conhecer o volume que contém nove ensaios, foi organizado por vários autores e publicado em 2021. Este livro inaugural surge na esteira de “uma estratégia de difusão da produção académica sobre feminismos.”

“**Um acerto de contas com o passado das escritoras do Rio Grande do Sul**”, por **Mauro Nicola Póvoas**, dá-nos a conhecer o livro *Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses* (2020), organizado por Maria Eunice Moreira, que foi, no ano passado, distinguido com o prémio Ages (Associação Gaúcha de Escritores) na categoria especial e que pode ser acessado aqui <https://bit.ly/3KRuiQf>. São nove as escritoras do elenco constituído e do qual fazem parte algumas autoras cujos ensaios integram o presente volume de *Herança*, nomeadamente Anália Vieira do Nascimento e Andradina de Oliveira.

A finalizar, publicamos a recensão “**Museus, lugares de autenticidade?**”. O texto oferecido pela historiadora **Maria Isabel Roque** permite um olhar sobre as actas do congresso internacional *Museen – Orte des Authentischen? Museums – Places of Authenticity?*, publicadas em finais de 2020, tópico que nos é tão caro e em modo quase antecipatório do número especial que prevemos editar já no próximo trimestre.

Por último queremos lembrar a importância de tantas organizações e movimentos que ao longo dos tempos se empenham em causas que trazem à luz desigualdades que, aos

mais diversos títulos, assolam a humanidade combatendo a sua perpetuação. Para nomear somente uma salientamos da ONU a CSW - *Comission on the Status of Women*, cuja 66.^a edição decorre em Nova Iorque, entre os dias 14 e 25 de Março, este ano dedicada ao tema: «Igualdade de Género no centro das soluções».

Pelo que afirmámos e até pela incerteza dos rumos que o mundo atravessa atrevemo-nos a convocar à leitura de poesia, tendo a nossa escolha recaído em Natália Correia e, naturalmente, na sua instigante ***Ode à Paz***

Isabel Lousada e Francisco das Neves Alves (Editor convidado)

18 de março 2022

Ode à paz

Pela verdade, pelo riso, pela luz, pela beleza,

Pelas aves que voam no olhar de uma criança,

Pela limpeza do vento, pelos actos de pureza,

Pela alegria, pelo vinho, pela música, pela dança,

Pela branda melodia do rumor dos regatos,

Pelo fulgor do estio, pelo azul do claro dia,

Pelas flores que esmaltam os campos, pelo sossego dos pastos,

Pela exactidão das rosas, pela Sabedoria,

Pelas pérolas que gotejam dos olhos dos amantes,

Pelos prodígios que são verdadeiros nos sonhos,

Pelo amor, pela liberdade, pelas coisas radiantes,

Pelos aromas maduros de suaves outonos,

Pela futura manhã dos grandes transparentes,

Pelas entranhas maternas e fecundas da terra,

Pelas lágrimas das mães a quem nuvens sangrentas

Arrebatam os filhos para a torpeza da guerra,

Eu te conjuro ó paz, eu te invoco ó benigna,

Ó Santa, ó talismã contra a indústria feroz.

Com tuas mãos que abatem as bandeiras da ira,

Com o teu esconjuro da bomba e do algoz,

Abre as portas da História,

deixa passar a Vida!

(Natália Correia in *Inéditos*)



Maria Amália Vaz de Carvalho nas páginas de O Paiz (1884-1889): levantamento dos textos e notas iniciais de pesquisa

The collaboration of Maria Amália Vaz de Carvalho with O Paiz (1884-1889): survey of texts and preliminary research notes

Tania Regina de Luca 

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

tania.luca@unesp.br

Ana Cláudia Suriani da Silva 

University College London (UCL) | School of European Languages, Culture and Society (SELCS)

a.surianidasilva@ucl.ac.uk

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Histórico:

Submissão | Received: 18/08/2021

Aprovação | Accepted: 07/11/2021

Publicação | Published: 19/03/2022



Todo o conteúdo da **Herança – Revista de História, Patrimônio e Cultura** é licenciado sob *Creative Commons*, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.

RESUMO

O projeto “É preciso falar sobre as ausentes: mulheres cronistas na imprensa oitocentista: Pesquisa em acervos” (UCL, Unesp, Unicamp) visa localizar, de forma sistemática, a colaboração das escritoras Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), Maria Benedita Câmara Bormann (pseudônimo Délia, 1853-1895), Emília Moncorvo Bandeira de Melo (pseudônimo Carmen Dolores, 1852–1910) e Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) na imprensa do Rio de Janeiro no período da chamada Belle Époque. A pesquisa parte do acervo digital de periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, e, além de ter em vista a organização de edições digitais de livre acesso, pretende reavaliar a presença feminina na imprensa de fins do Oitocentos, de modo a contribuir para dar visibilidade e construir novas narrativas acerca das vozes femininas, em grande parte, ainda silenciadas. O artigo detém-se na trajetória de Maria Amália até sua entrada em *O Paiz*, apresenta a publicação na qual a escritora contribui por cinco anos, ainda que não de maneira contínua, e em cujas páginas esteve presente quase uma centena de vezes. Objetiva-se apresentar os traços gerais desse volumoso conjunto de textos de gêneros diversos – crônicas, contos, ensaios e resenhas de livros – e indicar algumas de suas múltiplas possibilidades analíticas. Destaque-se que se trata de um trabalho em andamento, uma vez que a pesquisa encontra-se em seus primórdios.

Palavras-chave: Maria Amália Vaz de Carvalho, *O Paiz*, Escrita feminina, Crônica, Correspondente, História, História da Imprensa

ABSTRACT

The project “The necessity for discussing the absent: women chroniclers in the nineteenth century press: Research in collections” (UCL, Unesp, Unicamp) aims to systematically locate the collaboration of writers Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), Maria Benedita Câmara Bormann (pseudonym Délia, 1853-1895), Emília Moncorvo Bandeira de Melo (pseudonym Carmen Dolores, 1852–1910) and Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) in the Rio de Janeiro press during the Belle Époque. The survey is based on the digital collection of periodicals available at the Hemeroteca Digital Brasileira, Brazilian National Library. In addition to organizing free access digital editions, it intends to reassess the female presence in the late nineteenth-century press, in order to give more visibility to women’s journalism and construct new narratives around female voices, which are still largely silent. The article focuses on Maria Amália’s career until joining *O Paiz*, and presents her five-year collaboration with this daily newspaper which (although not continuously) amounts to almost one hundred articles. This paper aims to present the general features of this voluminous set of texts from a diverse range of genres – crônicas, short stories, essays and book reviews – and to highlight its multiple possibilities for analysis. It should be noted that this is a work in progress.

Keywords: Maria Amália Vaz de Carvalho, *O Paiz*, Women’s writing, Chronicle, Correspondente, History, Press’s History

1. Introdução

A escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho, nasceu em primeiro de fevereiro de 1847, numa família aristocrática, foi educada em casa pela mãe e incentivada a escrever pelo pai, o deputado José Vaz de Carvalho, que recebia na quinta da família, em Pintéus, políticos e escritores. Os dotes literários da jovem logo evidenciaram-se, tanto que, em 1867, publicou seu primeiro livro, *Uma primavera de mulher*, poema em quatro cantos prefaciados pelo político e literato Tomas Ribeiro.

O casamento em 1874, quando tinha 27 anos, com o poeta afro-brasileiro radicado em Portugal, Gonçalves Crespo, não interrompeu sua atividade intelectual, pelo contrário, às poesias de *Vozes no ermo* (1876) seguiram-se *Serões do campo* (1877), reunião de contos e ensaios, *Arabescos. Notas e perfis* (1880), estudos de caráter biográfico e, ainda em 1880, *Contos e fantasias*, narrativas ficcionais, e *Mulheres e crianças: notas sobre a educação*, com temática relativa à família. A colaboração em periódicos amiudou-se, inicialmente sob o pseudônimo de Valentina de Lucena. Ao que consta, a entrada para o jornalismo ocorreu pelas mãos do tio, Luís de Almeida e Albuquerque, redator e depois, por alguns anos, proprietário do *Jornal do Commercio* (Lisboa, 1853).

Já a colaboração na imprensa brasileira iniciou-se em fevereiro de 1878, no homônimo *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro, 1827), então um dos mais importantes do Império, com texto remetido de Lisboa e datado de 26 de janeiro:

Venho hoje apresentar-me, pela primeira vez, revestida do honroso cargo de folhetinista do *Jornal do Commercio*, ao público brasileiro, a que me prendem, há tanto, laços de profunda simpatia, e principalmente às formosas leitoras fluminenses, que me não conhecem, e me receberão porventura com a desconfiança que nos inspira o que é para nós inteiramente novo (Carvalho, 23/02/1878).

Observação que também poderia ser feita em relação à estreante, que tinha a missão de dirigir-se, sobretudo, às leitoras de país no qual nunca estivera e que conhecia pela mediação do marido. Maria Amália manteve longo vínculo com o matutino, fosse de forma mais direta, ainda que nunca com regularidade, entre 1878 e 1881 e, posteriormente, de 1892 a 1897, ao que se devem crescer colaborações esparsas pelo menos até 1915.¹

Em 1883, quando esperava o seu terceiro filho, Gonçalves Crespo faleceu. A essa perda sobreveio a do menino recém-

¹ A respeito da colaboração da autora com o *Jornal do Commercio* e, mais especificamente sua produção ficcional aí publicada entre 1878 e 1880, consultar Reis, 2012.

nascido. Viúva e com duas crianças, o trabalho intelectual tornou-se essencial para a manutenção da família. Suas colaborações preenchiam as páginas dos magazines ilustrados e de variedades, que procuravam alcançar público amplo e diversificado, e das folhas diárias, que também se preocupavam em reservar espaço para os temas femininos. Polígrafa versátil, Dona Maria Amália, como era chamada pelos intelectuais e escritores que frequentavam o seu afamado salão da Travessa de Santa Catarina, respondia por traduções, escrevia poemas, contos, ensaios, biografias, crítica literária, além de aconselhar fosse sobre o casamento, a educação de meninos e meninas, a situação e a condição feminina, temáticas perscrutadas sob os mais diversos ângulos, num momento em que os nascentes movimentos em prol da conquista de direitos de cidadania colocavam a questão na ordem do dia.

Seu prestígio e a rede de sociabilidade na qual se inseria evidenciam-se no índice do livro *Um feixe de penas* (1885), que organizou em prol de asilo para raparigas abandonadas. A fina flor da intelectualidade portuguesa se fez presente em mais de quatro dezenas de textos, dos quais apenas dois foram assinados por mulheres, um de Maria Amália e outro de Amélia Janny. A “romeira da caridade” declarou que solicitou ajuda “a muitos dos mais formosos espíritos, das mais robustas individualidades literárias, dos pensadores mais sinceros e mais convencidos, dos

mais finos e delicados cultores da poesia”, que, não raro, remeteram suas contribuições acompanhadas de cartas e/ou bilhetes com muitos elogios à organizadora (Carvalho, 1885, p. III).² A empreitada evidenciou o respeito granjeado num campo intelectual avesso à presença feminina, o que, na chave proposta por Pierre Bourdieu, convida a refletir acerca das circunstâncias e estratégias que permitiram-lhe ocupar o espaço público e se impor como mulher de letras (Bourdieu 1996).³

Montante significativo do que Maria Amália estampava nos periódicos era recolhido em volumes, prática, aliás, bastante disseminada na época. Abre-se um instigante campo de pesquisa sobre a passagem do jornal ao livro, pois é bem sabido que o suporte está longe de ser um elemento neutro.⁴ Assim, eventuais significados adquiridos em função da posição do texto na geografia espacial do jornal ou revista alteram-se quando o mesmo passa a integrar um novo conjunto. Há, por parte do autor ou do organizador do volume, um processo de seleção, ordenação e eventuais alterações no conteúdo, que agora se apresenta ao leitor envolto por elementos paratextuais (peritextos e epitextos), que lhes conferem outros sentidos (Genette, 2009), questão que obviamente não diz respeito apenas à produção da autora em tela.

Está bem assente o papel fundamental desempenhado pela imprensa periódica no processo de profissionalização da atividade

² A iniciativa foi comentada em Carvalho, 08/05/1885.

³ Para as origens da noção de letrado, consultar Chartier, 1997.

⁴ Veja-se o clássico estudo de McKenzie, 2018.

intelectual, então em curso. Os escritores (e as poucas escritoras) garantiam pelo menos parte de sua existência graças às colaborações para jornais e revistas, ao que se somava a fama adquirida junto aos leitores.⁵ As empresas, por seu turno, eram recompensadas com o prestígio de exibir cronistas célebres, ao mesmo tempo em que fidelizavam os assinantes, interessados em acompanhar as rubricas. Tratava-se, portanto, de via de mão dupla, na qual os ganhos eram compartilhados num circuito de enobrecimento constantemente retroalimentado.

Nesse mundo, domínio quase exclusivamente masculino, Maria Amália foi uma das poucas mulheres que conseguiu tornar-se profissional das letras no contexto português e brasileiro, reconhecida como autoridade quando o tema era universo feminino, convivência social, educação, comportamento, princípios morais e religiosos. Note-se que as virtudes que pregava tornaram-se atributos de sua própria trajetória, elevada à exemplaridade. A origem aristocrática, a cultura enciclopédica, a esposa e mãe devotas eram aspectos destacados pelos contemporâneos, como atestam, por exemplo, os prefácios de suas obras. Nas palavras de Ramalho Ortigão, em carta que acompanha *Crônicas de Valentina* (1890), a autora foi caracterizada como filha heroica, esposa exemplar e mãe sublime, que “escreve para a imprensa com a mesma humildade com que outras mulheres fazem meias ou fiam na roca para ganhar

honradamente e obscuramente a sua vida” (Ortigão, 1890, p. XVI).

Não foi diversa a ênfase de Augusto de Castro no discurso que proferiu na Academia de Ciências de Lisboa quando do cinquentenário da publicação do primeiro livro de Maria Amália, datado de 1867. Após exaltar sua vasta e diversificada produção, também insistiu na tecla da humildade – “nunca precisou de sair da penumbra discreta e florida do seu salão” – ou seja, reafirmava-se, pela via do elogio, o papel subalterno e discreto da homenageada, que sabia portar-se com a discrição apropriada à sua condição. Castro louvou a figura senhoril, o meio aristocrático de que provinha, as predileções morais, a sensibilidade e a educação para concluir que “a alta e nobre senhora nunca deixou, por esse fato, de ser em tudo o que constitui a emotividade, a doçura, a simplicidade, o protótipo perfeito da mulher portuguesa” (Castro, 1923, p. 10).⁶ O escritor e diplomata esboçou curiosa tipologia que distinguia entre escritoras-homens, que assumiam postura masculinizada; escritoras-mulheres, que abandonavam os recatos e pudores típicos do seu sexo, e, por fim, as escritoras-senhoras, à qual pertencia D. Maria Amália. A respeitabilidade conquistada parecia provir mais da reputação ilibada, recato e devotado desempenho de funções inerentes à condição de mulher do que de dotes intelectuais, configurando critérios bastante diversos dos requeridos e aplicados para os escritores.

⁵ A respeito ver Thérenty, 2007.

⁶ O discurso foi incluído na quarta edição de *Cartas a uma noiva* cuja primeira edição é de 1891. Maria Amália foi a

primeira mulher a tornar-se membro da Academia de Ciências de Lisboa.

Entre 1884 e 1889, quando voltou a colaborar regularmente com um jornal do Rio de Janeiro, Maria Amália já se constituía em nome consagrado no campo literário, quiçá justamente por conseguir equilibrar atuação no espaço público como escritora, o que, em princípio, era interdito ao seu gênero, respeito às convenções sociais na vida pessoal e, não menos importante, escolha de temáticas e abordagens que, sem deixar de tensionar a ordem estabelecida, o fazia dentro de limites aceitáveis, circunstâncias que acabaram por lhe conferir prestígio e livre acesso à grande imprensa dos dois lados do Atlântico.

Enquanto ocupou o cargo de cronista em *O Paiz*, ela lançou *Cartas a Luiza (moral, educação, costumes)* (1886), *Alguns homens do meu tempo* (1889) e *Crônicas de Valentina*, editado em 1890, com prólogo de Ramalho Ortigão datado de outubro de 1889, indício de que a preparação do volume ocorrera no ano anterior, quando ainda colaborava com o jornal brasileiro ou imediatamente após afastar-se do mesmo. Nas décadas seguintes, sua produção continuou a

crescer, com a edição de mais de uma dezena de títulos.⁷

A despeito de escrever sobre uma miríade de assuntos, a fortuna crítica acerca da autora tem privilegiado, sobretudo, obras de tom moralizador e doutrinário, a exemplo dos já citados *Mulheres e crianças*, *Cartas a Luiza* e *Cartas a uma noiva* ou *A arte de viver na sociedade* (1895). Não há dúvidas de que Maria Amália não se perfilou ao lado do feminismo militante, que clamava por direitos políticos e igualdade de oportunidades, entretanto, tampouco se pode negar que ela se bateu pelo direito à educação e valorização do papel social, cultural e intelectual da mulher, numa vertente bastante cuidadosa, que estava longe de afrontar protocolos então consagrados, tanto que repetidamente aconselhava submissão, conformismo e estoica resignação. É comum confrontá-la com outras escritoras que, a despeito de serem mais jovens, foram suas contemporâneas, caso da brasileira Julia Lopes de Almeida (1862-1935) e da portuguesa Ana Castro Osório (1872-1935).⁸

2. Maria Amália e O Paiz

A escritora portuguesa compareceu nos primeiros números de *O Paiz*, matutino fundado pelo brasileiro João José dos Reis

Júnior (1846-1922), um negociante bem-sucedido que ostentava os títulos de segundo visconde e conde de São Salvador

⁷ Várias de suas obras tiveram edições sucessivas, sem mencionar o ano da primeira, o que torna difícil estabelecer uma cronologia precisa. Esse é o caso, por exemplo, de *Contos para os nossos filhos*, organizado com Crespo. A maioria das referências indica o ano de 1886, ou seja, posterior à morte do marido, outras fontes mencionam 1882. Listagem não exaustiva e tampouco destituída de enganos encontra-se em Figueiredo,

1918, pp. 55-59. Ver também *Escritoras: Women Writers in Portuguese before 1900*, <http://www.escriptoras-em-portugues.eu/1417106880-Cent-XIX/2015-0529-Maria-Amalia-Vaz-de-Carvalho>.

⁸ Ver, por exemplo Abrantes, 2010; Belline, 1999; Garzoni, 2013; e Silva, 1983.

de Matozinhos, concedidos ao seu pai pela monarquia portuguesa. Há significativa confusão entre esses dois personagens e não é raro que se atribua ao português João José dos Reis (1820-1888) a fundação do periódico.

A edição inaugural circulou em primeiro de outubro de 1884, numa conjuntura marcada por intensa agitação política, com a multiplicação de atritos entre o exército e a monarquia e o crescimento de um amplo movimento social antiescravista, que propunha ações efetivas por meio do incentivo à fuga e à desobediência à ordem estabelecida. Poucos meses antes do lançamento do jornal, em 25 de março de 1884, o Ceará tomou a dianteira e decretou a abolição do regime. O novo periódico, com quatro páginas, como era a praxe na época, tinha sua redação instalada na rua do Ouvidor n. 63, então a mais famosa da capital do Império, que também abrigava os seus principais concorrentes: o *Jornal do Commercio*, em circulação desde 1827, a *Gazeta de Notícias*, fundada em 1875, e o *Diário de Notícias*, lançado em junho de 1885, meses depois de *O Paiz*. Vê-se, portanto, que a folha tinha que se ombrear com diversas outras, o que instou seus responsáveis a colocar em prática estratégias capazes de particularizá-la e atrair a atenção do público leitor.

De início, a direção esteve sob a responsabilidade de Rui Barbosa, que permaneceu no cargo por breve período, tendo sido logo substituído por Quintino Bocaiúva, a quem coube, por anos a fio,

responder pelos rumos do jornal. Abolicionista desde o lançamento, mostrou-se cauteloso nas críticas ao regime monárquico, a despeito de ter à frente Bocaiúva, republicano dos mais destacados. *O Paiz* insistia em declarar-se neutro e independente em relação a partidos, o que não o impedia de tratar de assuntos políticos, predominantes em suas páginas. Análise atenta do conteúdo permitiu relativizar a suposta imparcialidade, mais declarada que efetiva.⁹ O constante aumento da tiragem, de início na casa dos 11 mil exemplares, chegou a 30.600 em 1889, o que levou o periódico a adotar o seguinte slogan, impresso no seu cabeçalho entre 1888 e 1895: “*O Paiz* é a folha de maior circulação na América do Sul”.

A despeito de seus editores privilegiarem a política local, eles não descuidavam das notícias internacionais, afinal, o país estava conectado à Europa, via cabo submarino, desde 1874, o que assegurava fluxo regular de informações, proveniente de agências de notícias, circunstância que selou o compromisso dos diários com as últimas novidades e justificava a manutenção de correspondentes nas principais capitais europeias e em diferentes regiões do país.

Outro aspecto importante para o sucesso das folhas dizia respeito às colunas, assinadas por escritores consagrados, cuidadosamente selecionados. Dentre os nomes frequentes nos jornais do Rio de Janeiro estavam, ao lado dos escritores brasileiros, diversos autores portugueses,

⁹ Sobre a posição do jornal em seus primeiros anos de existência, consultar Pessanha, 2006.

que comentavam o cenário político e cultural europeu. A *Gazeta de Notícias*, um dos matutinos mais importantes do país nas décadas de 1880 e 1890, teve entre seus colaboradores Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Guilherme de Azevedo, Jaime Batalha Reis e Mariano Pina.¹⁰ Não admira que, em seu terceiro número, *O Paiz* se dirigisse aos leitores nos seguintes termos:

Inserimos hoje em nossas colunas o primeiro artigo da série, que nos prometeu o ilustre escritor português, conselheiro Manoel Pinheiro Chagas, nosso auxiliar em Lisboa. Os nossos leitores darão o devido valor ao escrito do notável estilista, que tão grande nome conquistou nas letras. Temos também o concurso valioso da Exma. Sra. D. Maria Amália Vaz de Carvalho e dos Srs. Antônio Ennes, Gervásio Lobato e Cristóvão Aires, penas amestradas e que serão assíduos em remeter-nos os seus trabalhos. A correspondência particular para *O Paiz* é, de Portugal, escrita pelo distinto jornalista Jaime Vitor. Convidando para honrar estas colunas a tantos e tão estimados escritores, acreditamos que fica patente o nosso esforço para bem servir ao público (*O Paiz*, 03/10/1884).¹¹

A nota indica que o lançamento do jornal fora cuidadosamente preparado, tanto que os colaboradores estrangeiros já estavam assegurados: Pinheiro Chagas estreou em três de outubro e Maria Amália pouco depois, no dia seis. Sua produção

compartilhava espaço com outras mulheres, como Júlia Lopes de Almeida e Délia, e políticos brasileiros de grande prestígio, a exemplo de Quintino Bocaiúva e Joaquim Nabuco, que, como explica José Murilo de Carvalho, “tinham nela [a imprensa] a sua mais importante tribuna”, pois o parlamento brasileiro só funcionava regularmente de maio a agosto. “Nos oito meses restantes, a comunicação com os eleitores e com o público em geral se dava pelos jornais” (Carvalho, 2013, 13). De Portugal escreviam Pinheiro Chaves e Maria Amália e da Inglaterra Joaquim Nabuco, que atuavam como correspondentes da folha, colaborações por meio das quais o leitor brasileiro se mantinha informado sobre os últimos acontecimentos do mundo e mesmo passava a conhecer regiões remotas do planeta e detalhes da atualidade e da história europeia, tudo isso numa velocidade e intensidade somente possíveis graças às comunicações, via cabo telegráfico submarino, com o velho continente.

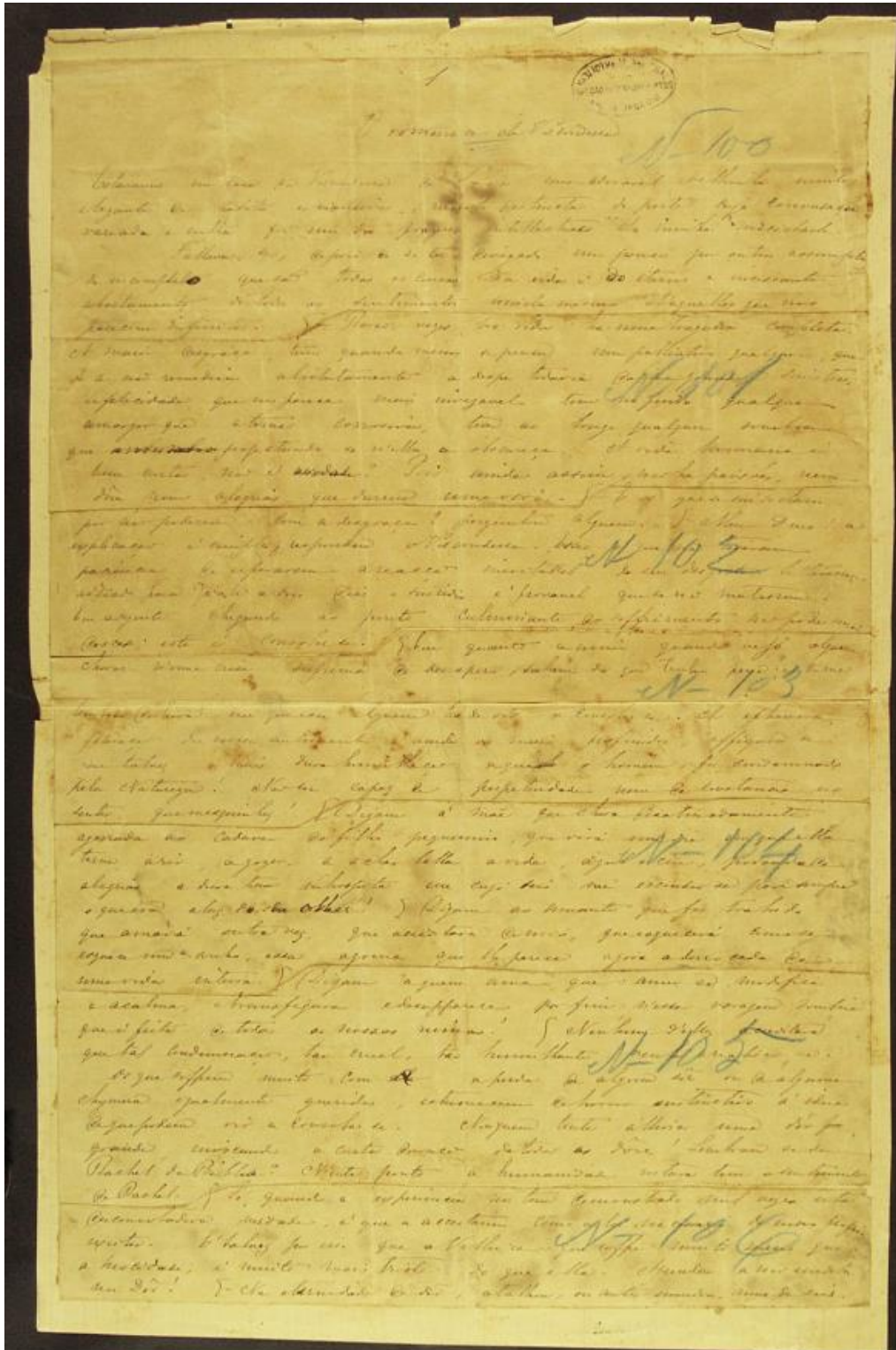
Ao contrário das notícias e notas curtas que atravessavam o Atlântico quase que instantaneamente via cabo submarino, os textos dos correspondentes eram remetidos manuscritos por navio. Os dois manuscritos de Maria Amália – “O romance da viscondessa” e “Conversações Lisboenses. A Imaginação” –, pertencentes ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional, atestam que os textos eram enviados para o Rio de Janeiro e

¹⁰ Para detalhes sobre a presença de autores portugueses na *Gazeta de Notícias*, consultar Miné, 2005.

¹¹ A prática de contar com colaboradores estrangeiros seguiu inalterada depois de 1891, momento em que o jornal mudou de mãos e transformou-se numa sociedade anônima.

compostos nas oficinas de O Paiz (ver Figura 1).

Figura 1 - Manuscrito autógrafo de “O romance da Viscondessa I”, com anotações não-autógrafas, provavelmente marcações tipográficas, a lápis azul. Fólio 1 de quatro fólhos, correspondente à colaboração de Maria Amália publicada em O Paiz, 24/11/1884, pertencente à Fundação Biblioteca Nacional



Enquanto Joaquim Nabuco trazia para o jornal os debates políticos do momento, a colaboração de Maria Amália e das outras escritoras pode ser entendida como chamariz para o público feminino. A correspondente portuguesa contava com coluna que lhe era inteiramente dedicada, sob responsabilidade de nome conhecido do público local, uma vez que Maria Amália, cujos ideais estavam em sintonia com os abraçados pela elite dominante, já ocupara, entre 1878 e 1881, as páginas do *Jornal do Commercio*, o mais antigo em circulação na capital do Império e um dos mais importantes do país. É preciso levar em conta a importância do intercâmbio entre Portugal e o Brasil, sobretudo em vista do peso do mercado brasileiro para o mundo editorial português, aspecto que a própria Maria Amália fez questão de frisar:

Em curtos anos de vida O Paiz atingiu um grau de vulgarização e de prosperidade, tão alto e tão excepcional, que escrever aqui é ter a certeza de ser lido por milhares de pessoas. Ora, não pode haver maior felicidade para o escritor cômico da sua delicada missão, para o escritor que não faz arte pela arte, mas tem a justa ambição de semear na terra algum bem, do que a ideia reconfortante e fecunda de que é apreciado, criticado, compreendido por um grande número de entendimentos, mais ou menos simpáticos, mais ou menos abertos a todas as curiosidades e a todas as impressões (...). Para os portugueses, que são fatalmente condenados a um público limitadíssimo, escrever para o Brasil é a grande ambição e o grande privilégio. Ao menos assim sabemos que somos ouvidos (Carvalho, 11/04/1887).

Se é fato que, nos dois países, a taxa de analfabetismo atingia patamares semelhantes, a superioridade numérica da população brasileira justificava o interesse em ter as obras distribuídas deste lado do Atlântico. A presença regular em jornais do então Império trazia vantagens imediatas, em termos financeiros e de divulgação do nome, além de outras de médio prazo, tendo em vista a conquista de leitores para os livros já lançados ou para os que ainda viriam a público. Na primeira colaboração, Maria Amália, que já não era desconhecida do público brasileiro, fez questão de detalhar as razões de sua presença nas páginas do novo periódico:

O fundador do Paiz (...) teve uma ideia generosa e rara, pela qual as minhas queridas leitoras – levando-lhe em conta pelo menos a intenção – não podem deixar de ser-lhe gratas. Pensou ele que as mulheres, às quais, por enquanto, tantas questões de alta importância se conservam estranhas, e que pouco ou nada se ocupam de política ou de comércio, de indústria ou de finanças, de diplomacia ou de ciência, gostariam de achar nas colunas deste novo jornal brasileiro um cantinho que fosse só delas, que lhes fosse exclusivamente destinado, e onde elas encontrassem, discutidas, analisadas, ou mesmo simplesmente notadas de passagem, as coisas que mais particularmente lhes atraíssem a atenção. Para conversar com senhoras, pensou ele e com razão que o mais acertado seria procurar uma pessoa do mesmo sexo (Carvalho, 06/10/1884).

A cronista manteve-se fiel à missão que lhe foi designada, tanto que fazia questão de entabular diálogo com as destinatárias, frequentemente evocadas como

“querida(s) leitora(s)”. Dirigia perguntas ao seu público – “não sei se alguma vez já lhes falei...”, “sabes quem é ...”; antecipava reações: “A leitora neste ponto para, um pouco surpresa e um pouco triste, não é verdade? E pergunta-me espantada: Pois quê?! Tem esta opinião...”; ou reafirmava os objetivos das longas palestras, “quase que exclusivamente consagradas aos interesses morais, sentimentais, intelectuais do sexo a que ambas pertencemos”. Evidencia-se, pois, a estratégia de adotar tom coloquial, de quem aconselha e ensina, num esforço para estabelecer laços de confiança, afetividade e proximidade, objetivos explicitados já na crônica inaugural:

É este o cantinho da sala, ou antes, é este o boudoir discreto, perfumado, cheio de plantas verdes, em que fazendo rancho à parte, nós conversamos à meia voz a respeito de arte, de literatura, de moral, de costumes sociais, a respeito da educação dos nossos filhos, ou do governo das nossas casas, a respeito de mil assuntos enfim, sérios e frívolos, graves ou amenos, que nos são gratos, e que de boa-fé tentaremos que nos sejam úteis (Carvalho, 06/10/1884).

Na diagramação de *O Paiz*, os textos dos cronistas eram antecidos pelo termo colaboração, em negrito e letras maiúsculas, seguidos pelo nome da coluna, prática igualmente válida para Maria Amália. As séries que ela assinou poderiam trazer apenas o título, por vezes seguido de subtítulo específico ou de resumo dos

assuntos tratados, cabendo destacar que as mesmas não eram impressas no *bas de page*, ou seja, no espaço destinado ao folhetim, antes figuravam na primeira ou segunda páginas, ladeadas por conteúdos diversificados. Suas colaborações não tinham periodicidade constante: por vezes compareciam com pequeno intervalo, outras espaçadas por larga temporalidade. Ausências mais prolongadas eram justificadas quando da retomada da seção, o que ocorreu, por exemplo, em 09 de dezembro de 1885: “Há quanto tempo que eu não te apareço, minha querida leitora. A doença, a pertinaz doença antipática, paralisadora de todas as faculdades afetivas e mentais, tem-me trazido, bem contra a minha vontade, afastada de ti!” (Carvalho, 09/12/1885). A colaboração anterior datou de 23/10/1885. O afastamento mais pronunciado foi registrado entre 13/06/1886 e 11/04/1887, momento em que a cronista, sem maiores explicações, limitou-se a declarar sua satisfação em retomar suas atividades.

Dividindo-se o montante de contribuições num dado ano pelo número de meses nos quais as mesmas figuraram, obtém-se média sempre inferior a quatro (ver Tabela n. 1).

No que respeita à denominação, apenas a partir de 1887 houve referência explícita às leitoras (“Cartas femininas”), o que não era o caso da até então predominante “Conversas Lisbonenses”, logo rebatizada de “Conversações Lisbonenses”, que enfatizava o espaço geográfico. “Cartas a Luiza” e “O romance da viscondessa” receberam títulos diferentes por serem textos mais longos e independentes. Foram

divididos em quatro e três fascículos, respectivamente, e tinham em vista, muito provavelmente, a republicação em volumes, como atesta a edição em livro de *Cartas a Luiza* (1886). O título da coluna de Maria Amália também se ajustou aos seus deslocamentos entre a cidade e o campo, passando a se chamar “Cartas do campo” no período em que a escritora se afastou de Lisboa:

Querida leitora — Continuar a chamar Conversações Lisbonenses às cartas que eu te escrevo, preguiçosamente deitada à sombra de uma grande árvore, vendo ao perto espreguiçarem-se pelo areal reluzente as águas límpidas e sinuosas do Mondego, parece-me realmente é faltar à verdade, um pouco mais do que o permitem as liberdades da prosa! Consente-me pois que eu, até ao inverno, batize o nosso desprezioso cavaco com o título de Cartas do campo (Carvalho, 21/08/1885).

A publicação das “Cartas femininas” encerrou-se em 14 de junho de 1889, sem despedida formal da autora.¹² As três colaborações subsequentes, duas em agosto e uma em setembro, já não integravam a série, constituindo-se em contributos isolados, como atestam os seus títulos.

A recolha das crônicas foi realizada a partir da Hemeroteca Digital Brasileira, cabendo esclarecer que a instituição não permite acesso ao suporte papel de material

disponibilizado em seu sítio. Além disso, boa parte do levantamento e transcrição dos textos foi realizado durante a pandemia do Covid-19, o que impossibilitou a consulta física de outras coleções do jornal. O recurso à pesquisa por palavras-chave mostrou-se pouco eficaz, tendo em vista os poucos resultados alcançados por essa via, seja em função das limitações inerentes ao programa que converte imagem em texto, da qualidade da impressão original, das marcas da passagem do tempo, que resultaram em páginas mutiladas ou ilegíveis, e mesmo da qualidade da digitalização realizada. Assim, para inventariar as publicações de Maria Amália, foi necessário percorrer todos os exemplares, página por página, ao que se soma o trabalho de transcrição, correção de gralhas tipográficas e atualização da ortografia, tarefas que demandaram significativo esforço. Em várias ocasiões foi necessário recorrer às republicações dos textos em volumes, adquiridos em sebos ou disponíveis em formato eletrônico, para corrigir e esclarecer palavras e trechos ilegíveis, como foi o caso das crônicas sobre George Sand e Charles Darwin, republicadas em *Alguns homens do meu tempo* e *Crônicas de Valentina*, respectivamente.

A Tabela n. 1 apresenta o material localizado. Alerta-se que, a despeito da intenção de exaustividade, não se pode descartar a hipótese de existirem outras ocorrências, seja por terem passado despercebidas ou em função das

¹² Anos depois, a autora adotou atitude diversa. Em 1897, quando novamente colaborava com o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, ela fez questão de atribuir o afastamento a causas estranhas à sua vontade, sem entrar em

maiores detalhes. Agradeceu os leitores e confessou: “Tenho saudades destas cartas que me vão faltar, tenho saudades deste trabalho a que me afeiçoei e ao qual dei tão longamente o melhor da minha vida intelectual” (Carvalho, 06/08/1897).

condições da coleção no suporte papel ou na sua representação digital. A representação digital é, de fato, muito útil, não só porque permite acesso remoto a impressos e manuscritos raros, mas também porque colabora para a sua conservação, uma vez que os preserva do manuseio frequente e garante, pelo menos, a sobrevivência da sua representação digital no caso de eventuais problemas de conservação derivados de incêndios de

acervos patrimoniais que, infelizmente, vêm se tornando cada vez mais frequentes no Brasil. Entretanto, é preciso estar consciente acerca da diferença e da relação entre o documento físico e sua representação. A reprodução digital simplifica o documento: não captura todos os ângulos do impresso, o que inevitavelmente implica em perda de alguma informação (Silva, 2019).

Tabela 1: Títulos das crônicas, localização no jornal, totais e média mensal

Número	Título	Data	Edição do jornal	Página de referência	Dia da semana	Total	Média por mês
1884, ano 1						10	3,3
1	Conversas lisbonenses	6/10/1884	6	1	segunda-feira		
2	Conversas lisbonenses	15/10/1884	15	01, 02	quarta-feira		
3	Conversas lisbonenses	22/10/1884	22	2	quarta-feira		
4	Cartas a Luiza I	30/10/1884	30	2	quinta-feira		
5	O romance da viscondessa	24/11/1884	55	2	segunda-feira		
6	O romance da viscondessa (Continuação)	27/11/1884	58	2	quinta-feira		
7	O romance da viscondessa (Conclusão)	3/12/1884	64	2	quarta-feira		
8	Cartas a Luiza II	22/12/1884	83	2	segunda-feira		
9	Conversas lisbonenses - As "miniaturas" de Gonçalves Crespo	30/12/1884	91	2	terça-feira		
10	Conversas lisbonenses - As "miniaturas" de Gonçalves Crespo (Conclusão)	31/12/1884	92	2	quarta-feira		
1885, ano 2						29	2,4
11	Cartas a Luiza III - Ida para o colégio	13/01/1885	12	2, 3	terça-feira		
12	Conversações Lisboenses - A propósito de um livro. <i>O mistério da estrada de Sintra</i>	03/02/1885	33	2	terça-feira		

13	Cartas a Luiza IV	11/02/1885	41	2	quarta-feira
14	Conversações Lisboenses	17/02/1885	47	2	terça-feira
15	Conversações Lisboenses	28/02/1885	58	2	sábado
16	Conversações Lisboenses	26/03/1885	84	2, 3	quinta-feira
17	Conversações Lisboenses	01/04/1885	90	2	quarta-feira
18	Conversações Lisboenses - As crises do casamento - Problemas insolúveis - atenuantes possíveis	04/04/1885	93	2	sábado
19	Conversações Lisboenses	22/04/1885	110	2	quarta-feira
20	Conversações Lisboenses	28/04/1885	116	2	terça-feira
21	Conversações Lisboenses	08/05/1885	126	2	sexta-feira
22	Conversações Lisboenses - A imaginação	15/05/1885	133	2	sexta-feira
23	Conversações Lisboenses - As escolas móveis pelo método de João de Deus	01/06/1885	150	2	segunda-feira
24	Victor Hugo I - O homem	26/06/1885	175	2	sexta-feira
25	Conversações Lisboenses - George Sand, vista à luz da sua correspondência I	12/07/1885	191	2	domingo
26	Conversações Lisboenses - George Sand, vista à luz da sua correspondência II (Continuação)	13/07/1885	192	2	segunda-feira
27	Conversações Lisboenses	19/07/1885	198	3	domingo
28	Conversações Lisboenses	02/08/1885	212	2	domingo
29	Conversações Lisboenses	07/08/1885	217	2	sexta-feira
30	Cartas do campo I	21/08/1885	231	2	sexta-feira
31	Cartas do campo II	06/09/1885	247	3	domingo
32	Cartas do campo III	07/09/1885	248	2	segunda-feira
33	Cartas do campo IV	09/09/1885	250	2	quarta-feira
34	Cartas do campo V	21/09/1885	262	2, 3	segunda-feira

35	Cartas do campo VI	24/09/1885	265	2, 3	quinta-feira	
36	Cartas do campo - História da República Romana por Oliveira Martins	18/10/1885	289	3	domingo	
37	Cartas do campo - História da República Romana por Oliveira Martins (Conclusão)	21/10/1885	292	3	quarta-feira	
38	Cartas do campo	23/10/1885	294	2	sexta-feira	
39	Conversações Lisboenses	09/12/1885	341	2	quarta-feira	
1886, ano 3					10	1,6
40	Conversações lisboenses - O poeta alemão H. Heine - O Intermezzo	04/01/1886	4	2	segunda-feira	
41	Conversações lisboenses - A morte dos dois reis - D. Afonso e D. Fernando	21/01/1886	20	3	quinta-feira	
42	Conversações lisboenses	27/01/1886	26	3	quarta-feira	
43	Conversações lisboenses	23/02/1886	53	2, 3	terça-feira	
44	Conversações lisboenses	11/03/1886	69	3	quinta-feira	
45	Conversações lisboenses - O último romance de Feuillet	31/03/1886	89	2	quarta-feira	
46	Conversações lisboenses II - O último romance de Feuillet	16/04/1886	105	2	sexta-feira	
47	Conversações lisboenses - O último romance de Feuillet III (Conclusão)	23/04/1886	112	2	sexta-feira	
48	Conversações lisboenses - A propósito de Schopenhauer e dos seus sectários	26/05/1886	144	2, 3	quarta-feira	
49	Conversações lisboenses - A propósito de Schopenhauer e dos seus sectários II	13/06/1886	162	3	domingo	
1887, ano 4					16	1,7

50	Cartas femininas - O conde de S. Salvador de Matosinhos	11/04/1887	918	2	segunda-feira	
51	Cartas femininas - Uma questão delicada	21/04/1887	928	2	quinta-feira	
52	Cartas femininas	18/05/1887	955	2, 3	quarta-feira	
53	Cartas femininas	05/07/1887	1003	2	terça-feira	
54	Cartas femininas	26/07/1887	1024	2, 3	terça-feira	
55	Cartas femininas	16/08/1887	1045	2	terça-feira	
56	Cartas femininas	24/08/1887	1053	2	quarta-feira	
57	Cartas femininas	19/09/1887	1079	2, 3	segunda-feira	
58	Cartas femininas	23/09/1887	1083	2	sexta-feira	
59	Cartas femininas	07/10/1887	1097	2	sexta-feira	
60	Cartas femininas	17/10/1887	1107	2, 3	segunda-feira	
61	Cartas femininas	03/11/1887	1124	2, 3	quinta-feira	
62	Cartas femininas	07/11/1887	1128	3	segunda-feira	
63	Cartas femininas	02/12/1887	1153	2, 3	sexta-feira	
64	Cartas femininas	13/12/1887	1164	3	terça-feira	
65	Cartas femininas	28/12/1887	1178	2	quarta-feira	
1888, ano 5					18	1,5
66	Cartas femininas	10/01/1888	1191	3	terça-feira	
67	Cartas femininas	15/02/1888	1227	3	quarta-feira	
68	Cartas femininas	05/03/1888	1246	2, 3	segunda-feira	
69	Cartas femininas	21/03/1888	1262	2, 3	quarta-feira	
70	Cartas femininas	14/05/1888	1316	2, 3	segunda-feira	
71	Cartas femininas	27/05/1888	Suplemento 1328	ao 1	domingo	
72	Cartas femininas	03/06/1888	Suplemento 1335	ao 1	domingo	
73	Cartas femininas - O Imperador Frederico	23/07/1888	1385	2	segunda-feira	
74	Cartas femininas - Alexandro Herculano	31/07/1888	1393	2	terça-feira	
75	Cartas femininas - Liceus para raparigas	11/09/1888	1435	3	terça-feira	
76	Cartas femininas - Liceus para meninas II	13/09/1888	1437	2, 3	quarta-feira	

77	Cartas femininas - <i>L'immortel</i> - de Alphonse Daudet	01/10/1888	1455	3	segunda-feira	
78	Cartas femininas - <i>L'immortel</i> - de Alphonse Daudet (Continuação) II	08/10/1888	1462	3	segunda-feira	
79	Cartas femininas - A vida e a correspondência de um sábio	02/11/1888	1487	2	sexta-feira	
80	Cartas femininas - Vida e correspondência de um sábio II	22/11/1888	1507	2, 3	quinta-feira	
81	Cartas femininas	04/12/1888	1519	3	terça-feira	
82	Cartas femininas - Leitura para os moços	12/12/1888	1527	3	quarta-feira	
83	Cartas femininas	30/12/1888	1545	2	domingo	
1889, ano 6					15	1,25
84	Cartas femininas - O Brasil e a Europa	16/01/1889	1562	2	quarta-feira	
85	Cartas femininas - O nosso grupo de Leão e a sua exposição de pintura	05/02/1889	1582	2	terça-feira	
86	Cartas femininas - O busto de Santa Tereza pela Duquesa de Palmela	26/02/1889	1603	2	terça-feira	
87	Cartas femininas - A cegueira de Camilo Castelo Branco	14/03/1889	1619	3	quinta-feira	
88	Cartas femininas - O romance de um rapaz pobre	20/03/1889	1625	2	quarta-feira	
89	Cartas femininas - Os romancistas da Rússia	14/04/1889	1650	2, 3	domingo	
90	Cartas femininas - <i>O livro das soledades. Ecos da Andaluzia I</i>	18/04/1889	1654	3	quinta-feira	
91	Cartas femininas - <i>O livro das soledades. Ecos da Andaluzia II</i>	08/05/1889	1674	2	quarta-feira	
92	Cartas femininas - <i>A Revista de Portugal</i>	22/05/1889	1688	3	quarta-feira	
93	Cartas femininas - A propósito da França e da sua Exposição	14/06/1889	1711	3	sexta-feira	
94	Cartas femininas - A serra de Sintra	03/07/1889	1730	2, 3	quarta-feira	
95	Cartas femininas - Os velhos	14/07/1889	1741	3	Domingo	
96	Coroação de Zorrilla	25/08/1889	1783	1	Domingo	
97	Íntimas	29/08/1889	1787	1	quinta-feira	
98	Antônio Pedro	08/09/1889	1797	1	domingo	

3. Maria Amália e o trabalho de mediação

O rol acima elencado abre múltiplas possibilidades de análise, algumas das quais serão aqui apontadas, sem pretensão de esgotá-las. Não resta dúvida de que a temática relativa ao feminino se constituiu no fio de Ariadne, não apenas dos textos de *O Paiz*, mas de toda a produção de Maria Amália, atravessada por tom pedagógico. A escolha dos assuntos e a forma de abordá-los tornaram-se passaportes fundamentais para sua afirmação enquanto profissional das letras, requisitada para além das fronteiras portuguesas, num momento em que convenções acerca dos papéis sociais do feminino e do masculino começavam a ser contestadas em termos diversos dos apregoados por Maria Amália, cujos posicionamentos distinguiam-se pela ausência de maior criticidade.

Das crônicas de *O Paiz*, sobressai a defesa da família, o papel de esposa e de mãe, os cuidados com a casa, as formas de se vestir e de se portar em sociedade, a educação dos filhos, com particular destaque para as jovens, a importância da honra e da moralidade, as leituras (in)adequadas, a submissão ao marido e a condenação do divórcio, que acabara de ser aprovado na França (1884). Veja-se, a título de exemplo, conselhos repisados em diferentes declinações:

É no interior da sua casa que a mulher se deixa mais facilmente estudar e

conhecer. É conforme a atmosfera moral que ela criou em volta de si, que o crítico e o observador poderão discriminar o seu caráter e o seu modo de entender e de praticar a vida (...). Se cada mulher tivesse por fato único, fazer da sua casa um ninho agradável, onde o marido se sentisse bem, e onde os filhos crescessem contentes! ... Parece muito, não é verdade? Pois é muito menos do que tudo que nós hoje tentamos. Limitar as nossas ambições a esta doce ambição de amor e de paz, seria talvez o meio único de tranquilizar as ondas agitadas e convulsas deste oceano, que é a alma moderna! (Carvalho, 19/07/1885)

A tão defendida educação feminina não dialogava com a emancipação, antes deveria inculcar a consciência dos altos deveres que a natureza e a sociedade impunham ao gênero. Nas suas palavras, só poderia “compreender e sujeitar-se à fatalidade das coisas, a que for educada, a que tiver retemperado o seu espírito, a que tiver fortalecido o seu entendimento, a que tiver a plena compreensão dos destinos da família” (Carvalho, 04/04/1885). Aceitação, submissão e apego à moral religiosa estavam entre os remédios constantemente receitados. Sua luta não incluía a “conquista absurda dos direitos políticos, à qual tudo nela recusa. Quero a mulher no interesse da sua casa, e só a quero aí; mas quero-a cônica do papel que tem a cumprir. Acho tão absurda e tão grotesca a mulher-deputado, como acharia

a mulher-soldado e a mulher-sacerdote” (Carvalho, 15/10/1884).¹³

Tal leitura tinha como corolário o diálogo com as transformações que marcaram as décadas finais do Oitocentos. As inovações técnicas, os progressos científicos, as novidades no campo dos transportes e das comunicações, a percepção da aceleração do tempo e do encolhimento do espaço, a invasão do cotidiano por artefatos que mediavam a leitura do mundo eram, a um tempo, motivo de admiração e orgulho, mas também de aflição frente às consequências sociais de um mundo cada vez mais laico e pautado na racionalidade. Maria Amália não se furtou a discutir essas questões, oscilando entre o orgulho de pertencer a um século que acumulava “descobrimientos feitos no intuito de melhorar o destino do homem, desde as mais humildes aplicações da indústria até às mais altas sínteses da filosofia!”, e o lamento: “quantas contradições hoje nos magoam! quantas deformidades morais nos entristecem, quantas incoerências nos desnorteiam, quantos contrastes entre o que se pensa e o que se pratica nos dilaceram o coração, nos entenebrece a consciência!...” (Carvalho, 26/03/1885).

Tensão que percorre suas reflexões, fossem sobre a mulher e a política, as personagens femininas presentes nos romances, a nevrose da vida moderna, sem nunca perder de vista o público a que se destinavam. Note-se que não se tratava de repetição enfadonha dos mesmos tópicos,

ainda que o mote geral tenha permanecido, pelo menos nos textos de *O Paiz*, constante. As crônicas tratavam dos assuntos os mais diversos: produção literária, conjuntura política, assassinatos, livre arbítrio, determinismo, exposições e estreias teatrais, lançamentos editoriais, adultério, divórcio ou o pessimismo moderno, para ficar numa lista não exaustiva. Assim, o leitor deparava-se com textos relativos ao passamento de figuras ilustres, fossem do campo da cultura, como Vitor Hugo e o ator António Pedro, ou de cabeças coroadas, caso de D. Fernando, D. Alfonso e o Imperador Frederico; o jubileu da rainha Vitória; uma nova turnê de Sarah Bernhardt; perfis de intelectuais destacados, a exemplo dos portugueses Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco ou do espanhol José Zorrilla y Moral, e, ainda, *faits-divers*, incêndios, terremotos e assassinatos.

Se, no mais das vezes, predominava o tom ensaístico, ela não deixou de recorrer à ficção na série intitulada “O romance da viscondessa” ou na quarta carta que dirigiu a Luiza. Para fundamentar sua argumentação, mobilizava referências literárias, pictóricas, musicais, teatrais, filosóficas, históricas, antropológicas, jurídicas, médicas, que evidenciavam sua vasta cultura, atualização e domínio da produção em diferentes áreas de saber. Desafio instigante, que escapa aos limites desse artigo, diz respeito à recolha sistemática de autores, obras e excertos

¹³ O tema era recorrente, veja-se mais um exemplo: “(...) note-se que não satisfação nem uma só das aspirações da mulher emancipada, da mulher doutora. Que a mulher pense, que a mulher leia, que a mulher se interesse, que seja curiosa de tudo, acho racional, acho legítimo, mas lá que ela aspire à tal

transformação social que fará do homem costureiro e da mulher advogada, isso confesso que chega a exasperar-me. Dizem que o futuro há de ver essa mudança; nesse caso dou muitas graças a Deus de não ser futuro, visto que isso me dispensa de ter de a presenciar” (Carvalho, 18/05/1887).

citados, tendo em vista as remissões diversificadas de que se valia.

Suas habilidades de tradutora transpareciam em excertos dos poetas Gustavo Adolfo Bécquer, vertido do espanhol, e do alemão Heinrich Heine, lido a partir do francês. De Charles Darwin apresentou cartas recém-divulgadas, sempre com o intuito declarado de conseguir acordar/despertar nas leitoras o desejo de ler/se familiarizar com os autores, mesma postura que transparece em crônica dedicada aos romancistas russos. Além de apresentar às leitoras brasileiras escritores já falecidos, como os acima citados, no universo de quase cem colaborações é possível identificar algumas dedicadas a comentar/resenhar livros específicos e que, não raro, tinham por subtítulo o nome da obra ou do autor, aspecto que, ao lado de suas traduções e profusão de citações, reforça seu papel de mediadora entre culturas muito próximas, mas, ainda assim, diversas.

Cabe perguntar, portanto, quais autores e obras ela decidiu apresentar, comentar, resenhar e que tipo de relação se pode estabelecer entre as temáticas que lhe eram caras e as escolhas que realizou, noutros termos, averiguar a partir de que perspectiva os livros foram apresentados ao público brasileiro.

É interessante notar que, a despeito de deter-se numa dada obra, Maria Amália nem sempre revelava preocupação de identificar a casa responsável pelo lançamento, data, local e número da edição. Assim, os dados apresentados na terceira coluna da Tabela n. 2 resultam de esforço para identificar os volumes que a autora teve em mãos. Trata-se de um conjunto de 21 textos, alguns deles publicados em duas partes, possivelmente por indisponibilidade de espaço para abrigá-los por inteiro numa única edição. Assim, das 98 colaborações, 30 ocorrências (quase 31%) responderam aos critérios de seleção propostos.

Tabela 2 - Colaborações selecionadas

Nome da Coluna	Data(s)	Temáticas
1/2 Conversas Lisboenses	30-31/12/1884	Gonçalves Crespo. <i>Miniaturas</i> . Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1884. 1ª ed. 1870.
3 Conversações Lisboenses	03/02/1885	Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. <i>O mistério da estrada de Sintra</i> . 2ª ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira, 1884. 1ª ed. 1870.
4/5 Conversações Lisboenses	12-13/07/1885	George Sand. <i>Correspondance 1812-1876</i> . Paris: Calmann Lévy, 1882-1884, 6 volumes.
6/7 Cartas do campo	09 e 21/09/1885	Jules de Goncourt. <i>Correspondance</i> . Paris: G. Charpentier, 1885.
8/9 Cartas do campo	18 e 21/10/1885	Oliveira Martins. <i>A História da República Romana</i> . Lisboa: Livraria Bertrand, 1885. 2 v.
10 Conversações lisboenses	04/01/1886	Heinrich Heine. <i>Intermezzo</i> . Tradução de Gerard Nerval, na <i>Revue des Deux Mondes</i> , 1848.
11/12/13 Conversações lisboenses	31/3 e 16-23/04/1886	Octave Feuillet. <i>La morte</i> . Paris: Calmann Lévy, 1886.
14 Cartas femininas	16/08/1887	Alexandre Dumas Filho. <i>Francillon</i> . Pièce en trois actes. Paris: Calmann Lévy, 1887.
15 Cartas femininas	07/10/1887	René Maizeroy. <i>L'adorée</i> . Les parisiennes. Paris: Victor-Havard, 1887.

16 Cartas femininas		07/11/1887		Gustave Flaubert. <i>Madame Bovary</i> . Paris Michel Lévy Frères, 1857.
17 Cartas femininas		13/12/1887		Paul Bourget. <i>Mensonges</i> . Paris: Alphonse Lemerre, 1887.
18 Cartas femininas		28/12/1887		Edmondo de Amicis. <i>Coração</i> . Livro pra rapazes. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1887.
19 Cartas femininas		15/02/1888		Alexandre Dumas Filho. <i>L'affaire Clémenceau</i> . Paris: Michel Lévy Frères 1866. Adaptação para teatro em 1887.
20/21 Cartas femininas		05 e 21 /03/1888		Aluísio Azevedo. <i>O Homem</i> . Rio de Janeiro: Tipografia de Adolfo de Castro e Silva & Cia, 1887.
22/23 Cartas femininas		01 e 08/10/1888		Alphonse Daudet. <i>L'Immortel</i> . Paris: Alphonse Lemerre, 1888.
24/25 Cartas femininas		02-22/11/1888		Francis Darwin. <i>The life and the letters of Charles Darwin</i> . London: John Murray, 1887.
26 Cartas femininas		04/12/1888		Luciano Cordeiro. <i>Soror Mariana</i> . A freira portuguesa. Lisboa, Ferin, 1888.
27 Cartas femininas		30/12/1888		<i>Obras poéticas e oratória de P. A. Correa Garção</i> . Introdução e notas de José Antonio de Azevedo Castro. Roma: Tipografia dos Irmãos Centenari, 1888.
28 Cartas femininas		20/03/1889		Octave Feuillet. <i>O romance de um jovem homem pobre</i> . 2ª ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1888. 1ª ed. Em francês 1858, 1ª ed. em português 1865.
29/30 Cartas femininas		18/04 e 08/05/1889		José Fernandes Costa. <i>O Livro das Soledades</i> . Ecos da Andaluzia. Lisboa: Ferreira, 1889.
31 Cartas femininas		29/08/1889		Christovão Ayres. <i>Intimas</i> . 2ª ed. Lisboa: Tipografia do <i>Jornal do Commercio</i> , 1889. 1ª ed. 1885.

Observando-se a terceira coluna, fica evidente o compromisso com as novidades do campo editorial, o que é compreensível tendo em vista o veículo no qual se inseria sua produção, cujo objetivo era colocar o leitor a par dos últimos acontecimentos, inclusive no âmbito da cultura. Ter o nome frequentemente estampado na capa de livros, nas páginas dos impressos periódicos ou nos cartazes dos espetáculos teatrais tornavam o letrado uma figura pública, cuja opinião era requisitada e apreciada. Não admira, portanto, que Maria Amália dedicasse parte do seu espaço em *O Paiz* para tratar do tema e que desse especial destaque às novidades no campo

editorial, inclusive em sintonia com as opções do jornal. Assim, em 3 de julho de 1888, teve início a publicação de *O Imortal* no rodapé do matutino e Maria Amália não se furtou a analisar as estocadas de Daudet contra a Academia Francesa na sua colaboração.

Três das obras arroladas na Tabela n. 2 foram editadas em momentos anteriores à colaboração de Maria Amália em *O Paiz*: os versos de Heinrich Heine (1848), *Madame Bovary* (1857) e *L'affaire Clémenceau* (1866), cabendo notar que em 1877 a obra de Dumas Filho foi levada aos palcos franceses, o que a instigou a comentá-la. A

atenção com que seguia os lançamentos no Hexágono evidencia-se pelo fato de nove crônicas terem por mote volumes recém publicados em Paris, enquanto do mercado inglês apenas a correspondência de Darwin foi mencionada. Já em relação aos novos títulos em português, dois eram traduções, uma do italiano e outra do francês, enquanto oito traziam a assinatura de escritores lusófonos, sendo três reedições e cinco livros novos, entre os quais figurou um único literato brasileiro. Somente uma mulher, George Sand, integra a amostra, com volumes póstumos correspondência, quatro em 1882 e os dois últimos em 1884.

A Tabela n. 2 também evidencia a diversidade de gêneros textuais, pois Maria Amália percorreu volumes de poesia, romance, biografia, correspondência e historiografia, o que testemunha, ainda uma vez, a amplitude dos seus interesses. É curioso notar que o rol inicia-se com *Miniaturas*, de Gonçalves Crespo, e fecha-se com a segunda edição de *Íntimas*, conjunto de poesias de Christovão Ayres, casado com sua irmã, Maria do Carmo. É bem possível que se trate de mera coincidência pois, como ela mesma fez questão de declarar:

Nestas cartas, que não obedecem a plano algum antecipadamente feito, o em que eu, mais de que tudo, procuro interessar as minhas leitoras naqueles assuntos de moral e de arte em que o coração humano mais diretamente intervém porque arte e moral têm para nós mulheres o sentimento por base principal (Carvalho, 14/04/1889).

No caso dos autores portugueses, a poesia recebeu particular atenção, com os já citados Ayres e Crespo, além de Fernandes Costa, o setecentista Correia Garção, editado com notas do brasileiro Azevedo Castro, ao que se somam estudos de história de Oliveira Martins e de crítica literária de Luciano Cordeiro.

Parte significativa das resenhas/comentários guardava relação direta com os principais ditames que guiavam as séries de Maria Amália, o que lhe dava oportunidade de, a partir de produção contemporânea, ou mais longeva no tempo, argumentar (mais do que somente informar) em prol dos princípios, práticas sociais e juízos que defendia. Ela partia do princípio de que a literatura “é sempre o exato reflexo das tendências morais e sentimentais de uma dada época”, constatação que fornecia argumentos para condenar os excessos do romantismo e do naturalismo. Nem sensibilidade exagerada, nem aberrações, morbidades e patologias – “A mim parecem-me tão pouco humanas as sílfides de Lamartine como as megeras de Zola”. E completava: “Nunca me poderei chegar a convencer que abrir as páginas de um livro corresponde a ir visitar um hospital; que folhear um romance me dará conhecimentos iguais aos que me daria a estatística do alcoolismo ou de outro qualquer de grandes vícios contemporâneos” (Carvalho, 03/02/1885).

Essa tomada de posição ajuda a compreender suas escolhas, pois é evidente a insistência em obras que colocavam no centro da cena personagens femininas, a começar pela Emma, de Flaubert, mas também Condessa W. e

Carmem, de Eça e Ramalho, Magdá, de Aloísio Azevedo, Aliette e Sabina, de Octave Feuillet, Francillon e Iza, de Dumas Filho, Marthe, de René Maizeroy, e Madame de Moraines, de Paul Bourget, que ensejavam longas digressões sobre comportamento, caráter, educação, desamparo, casamento, adultério, fragilidades atávicas, infidelidades de várias ordens, num diálogo crítico com os romancistas, que caucionava sua percepção acerca da boa e da má literatura:

Onde é que estão os bons livros que ensinaram a lutar, a viver, a amar a vida; porque se amava nela principalmente as comoções sadias dessa luta moral, sempre disciplinadora e sempre nobre? O homem, à proporção que tem aprendido a domar as forças inconscientes da Natureza, parece que vai desaprendendo a ciência bem mais útil de se dominar a si mesmo. A inutilidade do esforço, a insanidade da vontade, o absurdo do heroísmo, a loucura do sacrifício, a subserviência fatal ao poder da Paixão — eis o que ressalta como lei inelutável dessa literatura debilitante que para tudo nos inutiliza (Carvalho, 07/10/1887).

Imbuída da missão de orientar e guiar, alertava as mães acerca dos grandes malefícios causados por livros inadequados, tanto que sentenciava: “Há quem diga que a leitura não tem influência decisiva numa vida. Sim, isso pode ser verdade, aplicado aos imbecis”. Contrapunha tudo o que “amolece, tudo que enerva, tudo que enfeitiça

voluptuosamente a imaginação; é mau tudo que dá das coisas um aspecto falso, ou pior ou melhor de que elas realmente são”, ao que “prepara para a luta, para o esforço, para o exercício da vontade, tudo que retempera o ânimo, tudo que incita às nobres abnegações e aos altos sacrifícios” (Carvalho, 12/12/1888). Não admira que aplaudisse e recomendasse a versão portuguesa de *Cuori*, livro de Edmondo de Amicis.

A transformação do escritor e do cientista em personagens respeitados e constantemente citados na imprensa aguçava o interesse dos leitores por aspectos de sua vida pessoal, o que ajuda a compreender o entusiasmo “pelos correspondências, pelas memórias, pelas notas e observações colhidas dia a dia, por estas confissões involuntárias sem fito feito” (Carvalho, 12/07/1885) tal como apontado por Maria Amália, que não ficou imune à sedução exercida pelo gênero, tanto que se deteve na correspondência de Jules de Goncourt, George Sand e Charles Darwin. A trajetória do escritor francês, cuja morte o irmão atribuiu ao excesso de trabalho, deu margem a curiosa teoria acerca dos efeitos do trabalho intelectual:

Dizem que o cérebro moderno tem mais circunvoluções. Pudera! Se ele tem, por força, muitas mais ideias! Tem todas as que tinham os seus predecessores, e mais aquelas de que ele fez a aquisição por seu esforço próprio. Há uns requintes doentios, uma eterezição mórbida, um excesso de atividade cerebral no homem da nossa geração, que foram inteiramente

desconhecidos noutras épocas mais equilibradas e mais sadias. Os que estão acima do nível vulgar, os que pensam, produzem e criticam são todos um pouquinho histéricos. O sistema nervoso desconjuntou-se-lhes à força de o terem em contínua e dolorosa vibração. Daqui as oscilações e os desequilíbrios fatais de toda a máquina interna e externa também. (Carvalho, 09/09/1885).

Se a vida de Jules de Goncourt era exemplar pela tenacidade, esforço e luta contra a incompreensão dos contemporâneos, circunstâncias que o extenuam e acabaram por matá-lo, não era diversa, aos olhos da cronista, a trajetória de Darwin, retratado como um sábio de saúde frágil, marido amoroso e pai devotado, o que lhe permite relativizar o darwinismo social a partir do próprio exemplo do criador da seleção natural:

Ele que fisicamente é *um fraco*, pois que a doença não cessa de o torturar em longos anos de vida, *vence* à força de gênio, de perseverança, de trabalho, de intuição extraordinária dos mais misteriosos concorrentes nas lutas renhidas e apaixonadas da ciência. Não me resigno a deixar as leitoras decerto interessadas, sem mais algumas informações acerca deste livro admirável, e desta vida, que é ao mesmo tempo uma lição fecunda, um exemplo adorável, um espetáculo de alta e consoladora moralidade (Carvalho, 02/11/1888).

Essas vidas exemplares contrastavam com a trajetória da “pecadora” George Sand, que certamente não poderia figurar na lista edificante proposta por Maria Amália. Se a vida era um obstáculo intransponível, a absolvição só poderia vir por meio da obra, pois, como argumentava Maria Amália, “o gênio, porém, tem atenuantes excepcionais para os seus excepcionais desvarios!”. Desvarios que eram atribuídos a elementos atávicos, os mesmos que ela relativizava em outras circunstâncias. Assim, a “filha de ligação irregular”, que teve como exemplos uma “avó voltairiana e sem crenças” e uma “mãe plebeia, leviana, inteiramente ignorante”, acabou vítima de um casamento que a fez “quase escrava duma espécie de bruto, sempre ébrio, incuravelmente grosseiro” (Carvalho, 13/07/1885).

Ainda que nada disso fosse suficiente, segundo Maria Amália, para desculpar a vida íntima, eivada de fragilidades morais, era preciso separá-la da escritora, tendo em vista que era impossível não reconhecer as habilidades literárias e a capacidade intelectual de Sand. E as cartas, justamente por registrarem alegrias e dores cotidianas, ofereciam a chance de, se não apagar o que era interpretado como lamentável desvio, pelo menos matizar duro juízo, em face das lutas, revezes e mudanças que se afiguravam sinceras, pois, pelo menos em princípio, tinham por leitor apenas o destinatário.

A tabela 2 apresenta apenas uma parcela dos impressos que Maria Amália folheou, leu, citou ou simplesmente mencionou nesse conjunto de 98 textos recuperados de sua colaboração com *O Paiz*. A essas 21

obras para as quais a escritora dedicou uma resenha, somam-se poemas, contos esparsos, volumes completos, além de obras de arte, que ela comenta, analisa e recomenda para as leitoras brasileiras. Podemos dar como exemplo os contos “Kátia”, de Tolstói, e “Krótkaia”, de Dostoievski, cujos enredos Maria Amália resume brevemente na crônica sobre os romancistas russos. Esses dois contos são, segundo a escritora, mais apropriados do que os romances para as leitoras brasileiras que quiserem se iniciar na literatura russa:

“É difícil aconselhar às leitoras que leiam os livros dos modernos escritores russos.

Em primeiro lugar os romances são todos enormes; depois em cada mil páginas há apenas cem que deem um prazer da inteligência, uma voluptuosidade literária sem mistura.

A desordem, inteiramente diversa de todos os moldes que nós conhecemos na França ou mesmo na Inglaterra, que caracteriza estes romances, não convida para que se demorem nela espíritos educados por outra escola” (Carvalho, 14/04/1889).

Além de os títulos das duas obras encontrarem-se parcialmente ilegíveis, uma dificuldade adicional para a sua identificação é o fato de a escritora utilizar traduções em francês disponíveis no século dezenove. Somente com a ajuda do especialista em literatura russa, Bruno Gomide, pudemos identificar os dois contos. “Kátia” é o nome que os primeiros tradutores franceses deram à novela “Felicidade conjugal”. “Krótkaia” foi traduzido de várias maneiras para o português: “A doce”, “Ela era doce e suave”, “Uma criatura gentil”, “A dócil” e “Uma criatura dócil”.¹⁴

Em uma outra crônica, Maria Amália recomenda os poemas do escritor espanhol Gustavo Bécquer, sem se referir a uma edição específica. A escritora compara Bécquer a Musset e Heine, reproduz alguns dos seus versos em espanhol – que o jornal, diga-se de passagem imprime com diversas gralhas – e os traduz para o português, cumprindo seu objetivo de divulgar, por vezes em primeira mão, a produção cultural europeia contemporânea para os os leitores do outro lado do Atlântico.

4. Conclusão

O presente artigo limitou-se a apresentar as crônicas dedicadas a resenhar obras específicas. Entretanto, o estudo do

conjunto de sua colaboração para *O Paiz* revelou que o repertório de leituras e de citações de Maria Amália vai muito além

¹⁴ *Felicidade conjugal* (1859) foi traduzido por Boris Schnaiderman e publicado pela Editora 34 em 2010, e *Uma*

criatura dócil, por Fatima Bianchi, editado pela Cosac & Naify em 2003.

dos volumes aqui comentados. Somente o índice onomástico geral, cuja produção está em curso e compõe-se, até o momento, de mais de uma centena de títulos e autores documentará de forma sistemática “*la rage de lire*” (“o furor da leitura”) de Maria Amália, o seu conhecimento enciclopédico, a sua “*lecture extensive*” (“leitura extensiva”, Chartier,

1995, p. 274) de impressos numerosos e diversos. Portanto, as 98 crônicas de *O Paiz* são, por várias razões, um testemunho rico e talvez único da produção intelectual da mulher de letras do final do século dezenove enquanto leitora, pensadora e mediadora de conhecimento entre o Brasil e a Europa.

BIBLIOGRAFIA

- Abrantes, E. S. (2010). Ana de Castro Osório: feminismo e a educação da mulher como dote simbólico [Ana de Castro Osório: feminism and women's education as a symbolic endowment]. *Fazendo Gênero* 9. *Díásporas, Diversidades, Deslocamentos*, 1-9. http://www.fazendogenero.eventos.dype.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=605
- Belline, M. H. C. (1999). Júlia Lopes de Almeida e Maria Amália Vaz de Carvalho: vozes femininas? [Júlia Lopes de Almeida and Maria Amália Vaz de Carvalho: female voices?]. *Via Atlântica*, 2, 42-56. <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/48732>
- Bourdieu, P (1996). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário* [The rules of art: Genesis and structure of the literary field]. Companhia das Letras.
- Carvalho, M. A. V (06/08/1897). *Conversas Lisbonenses* [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/57
- Carvalho, M. A. V (15/10/1884). *Conversas Lisbonenses* [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/57
- Carvalho, M. A. V (1889). *Alguns homens do meu tempo: impressões literárias* [Some men of my time: literary impressions]. Tavares Cardoso & Irmão. <https://www.gutenberg.org/files/26338/26338-h/26338-h.htm>
- Carvalho, M. A. V. & Crespo, G. (1882). *Contos para os nossos filhos* [Tales for our children]. Editor Joaquim Antunes Leitão.
- Carvalho, M. A. V. (02/11/1888). *Cartas femininas* [Women's letters]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6121
- Carvalho, M. A. V. (03/02/1885). *Conversações Lisbonenses* [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/508
- Carvalho, M. A. V. (04/04/1885). *Conversações lisbonenses* [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/748

- Carvalho, M. A. V. (06/08/1897). Os ingleses [The English]. *Jornal do Commercio*, 77, (216), 1.
- Carvalho, M. A. V. (06/10/1884). Conversas lisbonenses [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/21
- Carvalho, M. A. V. (07/10/1887). Cartas femininas [Women's letters]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/4509
- Carvalho, M. A. V. (08/05/1885). Conversas Lisbonenses [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/880.
- Carvalho, M. A. V. (09/09/1885). Cartas do campo IV [Letters from the countryside IV]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1396
- Carvalho, M. A. V. (09/12/1885). Conversas lisbonenses [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1810
- Carvalho, M. A. V. (11/04/1887). Cartas femininas [Women's letters]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/3816
- Carvalho, M. A. V. (12/07/1885). Conversações Lisbonenses [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1140
- Carvalho, M. A. V. (12/12/1888). Cartas femininas [Women's letters]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6314
- Carvalho, M. A. V. (13/07/1885). Conversações Lisbonenses [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1146
- Carvalho, M. A. V. (14/04/1889). Cartas femininas [Women's letters]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6900
- Carvalho, M. A. V. (14/04/1889). Cartas femininas [Women's letters]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6900
- Carvalho, M. A. V. (18/05/1887). Cartas femininas [Women's letters]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/3964
- Carvalho, M. A. V. (1867). Uma primavera de mulher. Poema em quatro cantos precedido de um prólogo (conversa ao reposteiro) por Thomaz Ribeiro [A spring of a woman. Poem in four corners

- (conversa ao reposteiro) preceded by a prologue by Thomaz Ribeiro]. Tipografia Franco-Portuguesa.
- Carvalho, M. A. V. (1876). Vozes no ermo. Com uma carta prólogo do Sr. Conselheiro Latino Coelho [Voices in the wilderness. With a prologue letter by Mr. Board Member Latino Coelho]. Tipografia Editora Mattos Moreira.
- Carvalho, M. A. V. (1877). Serões no campo [Night work in the countryside]. Tipografia Editora Mattos Moreira.
- Carvalho, M. A. V. (1880). Arabescos (notas e perfis) [Arabesques (notes and profiles)]. Tipografia das Horas Românticas.
- Carvalho, M. A. V. (1880). Contos e fantasias [Tales and fantasies]. Joaquim Antunes Leitão.
- Carvalho, M. A. V. (1880). Mulheres e crianças: notas sobre educação [Women and children: notes on education]. Joaquim Antunes Leitão.
- Carvalho, M. A. V. (1886). Cartas a Luísa (moral, educação e costumes) [Letters to Luiza (morals, education, customs)]. Barros e Filha.
- Carvalho, M. A. V. (1889). Alguns homens do meu tempo: impressões literárias [Some men of my time: literary impressions]. Tavares Cardoso & Irmão.
- Carvalho, M. A. V. (1890). Crônicas de Valentina [Valentina's chronicles]. Tavares Cardoso & Irmão.
- Carvalho, M. A. V. (1895). A arte de viver em sociedade [The art of living in society]. Livraria Antônio Maria Pereira.
- Carvalho, M. A. V. (19/07/1885). Conversações lisbonenses [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1171
- Carvalho, M. A. V. (21/08/1885). Cartas do campo [Letters from the countryside]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1312
- Carvalho, M. A. V. (23/02/1878). Folhetim do Jornal do Commercio [Jornal do Commercio's feuilleton]. Jornal do Commercio. Jornal do Commercio (RJ) - 1870 a 1879 - DocReader Web (bn.br).
- Carvalho, M. A. V. (26/03/1885). Conversações Lisbonenses [Lisbon conversations]. O Paiz. http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/712

BIBLIOGRAFIA

- Carvalho, M. A. V. et al. (1885). Um feixe de penas [A bundle of feathers]. Tipografia Castro Irmão.
- Castro, A (1923). D. Maria Amália Vaz de Carvalho. In M. A. V. Carvalho, Cartas a uma noiva [Letters to a bride]. 6ª edição (pp. 7-16). Empresa Literária Fluminense.
- Chartier, R. (1994). Du codex à l'écran : les trajectoires de l'écrit [From codex to the screen: the trajectories of writing]. Solaris. Pour une nouvelle économie du savoir. Presses Universitaires de Rennes. Vol. 1. <http://gabriel.gallezot.free.fr/Solaris/d01/1chartier.html>
- Chartier, R. (1997). O homem de letras [The man of letters]. In M Vovelle (Ed.), O homem do iluminismo (pp. 119-153). Presença.
- Dostoievski, F. (2003). Uma criatura dócil [A gentle creature]. Tradução de Fatima Bianchi. Cosac Naify, 2003.
- Figueiredo, A. (1918). Maria Amália Vaz de Carvalho. Discurso proferido na sessão solene realizada na Academia de Ciências de Lisboa, na noite de 17 de março de 1918 [Maria Amália Vaz de Carvalho. Speech given at the solemn session held at the Lisbon Academy of Sciences, on the night of March 17, 1918]. Livrarias Aillaud e Bertrand.
- Garzoni, L C. (2013). “Queridas leitoras”: seções femininas na imprensa diária do Rio de Janeiro no final do século XIX [“Dear readers”: female columns in the daily press in Rio de Janeiro at the end of the 19th century]. *História Social*, 22-23, 217-234. <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1210>
- Genette, G (2009). Paratextos editoriais [Editorial paratexts]. Ateliê Editorial.
- McKenzie, D. F. (2018). Bibliografia e a sociologia dos textos [Bibliography and the sociology of texts]. Edusp, 2018.
- Miné, E. (2005). Ferreira de Araújo. Ponte entre o Brasil e Portugal [Ferreira de Araújo. Bridge between Brazil and Portugal]. *Via Atlântica*, 8, 221-229. <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50022/54154>.
- O Paiz (03/10/1884). Noticiário [News]. http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1884_00003.pdf
- Ortigão, R. (1890). Prólogo [Prologue]. In M. A. V. de Carvalho, Crônicas de Valentina [Valentina’s chronicles] (pp. III-XVIII). Tavares Cardoso & Irmão.

- Pessanha, A. S. S. (2006). O Paiz e a Gazeta Nacional. Imprensa republicana e abolição. Rio de Janeiro 1884-1888 [O Paiz and Gazeta Nacional. The Republican press and abolition. Rio de Janeiro 1884-1888] [Tese de doutoramento, Universidade Federal Fluminense]. https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2006_PESSANHA_Andrea_Santos_da_Silva-S.pdf.
- Reis, B. S. C. dos (2012). “Cérebros e corações”: a ficção de Maria Amália Vaz de Carvalho no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro [“Brains and hearts”: the fiction of Maria Amália Vaz de Carvalho in Jornal do Commercio in Rio de Janeiro] [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4005.
- Silva, A. C. S. (2019). Esaú e Jacob e Memorial de Ayres: manuscritos que viajam [Esaú and Jacob and Counselor Ayres’s Memorial: Manuscripts that travel]. Machado de Assis em Linha, 12(26), 125-160. <https://doi.org/10.1590/1983-6821201912268>
- Silva, M. R. T. (1983). Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX [Feminism in Portugal in the voice of women writers from the beginning of the 20th century]. Análise Social, XIX, (77-79), 875-907. <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223465449P2eYY6he7Ah47BN7.pdf>
- Thérenty, M (2007). La littérature au quotidien. Poétique journalistique au XIXe siècle [Literature in everyday life. Journalistic poetics in the 19th century]. Seuil.
- Tolstói, L. (2010). Felicidade conjugal [Family happiness]. Tradução de Boris Schnaiderman. Editora 34, 2010.
- Women Writers in Portuguese before 1900. <http://www.escriptoras-em-portugues.eu/1417106880-Cent-XIX/2015-0529-Maria-Amlia-Vaz-de-Carvalho>.

BIBLIOGRAFIA



Check for
Updates

Mary Shelley e a Sibila de Cumas: molduras proféticas no romance *The Last Man* (1826)

Mary Shelley and the Sibyl of Cumas: prophetic frames in the novel *The Last Man* (1826)

Janile Pequeno Soares 

Universidade Federal da Paraíba

janilesoares@hotmail.com

Conflito de interesses: nada a declarar. Financiamento: nada a declarar.

Histórico:

Submissão | Received: 24/08/2021

Aprovação | Accepted: 13/11/2021

Publicação | Published: 19/03/2022



RESUMO

No ano de 1826 a escritora inglesa Mary Shelley publica o romance apocalíptico *The Last Man*, contando a história de como a humanidade fora dissipada por uma peste em 2100, restando apenas um sobrevivente que, imune à pandemia, resolve deixar registrado em forma de diário, a história do fim do mundo como ele o conhecia. Ao apresentar o relato que levou à escritura da narrativa, Mary Shelley nos coloca em contato com o mito da Sibila de Cumas, revelando ter encontrado o manuscrito que indicava os fatos que ela narrou em seu romance. Este artigo visa discutir a importância do texto introdutório do romance, considerando as molduras estabelecidas entre o mito da Sibila e as capacidades criadoras de Shelley.

Palavras-chave: Mary Shelley, *The Last Man*, Feminismo, Sibila de Cumas, História, História Literária

ABSTRACT

In 1826 the English writer Mary Shelley published the apocalyptic novel *The Last Man*, telling the story of how humanity was dissipated by a plague in 2100, leaving only one survivor who, immune to the pandemic, decided to write a diary telling the story of the end of the world as he knew it. By presenting the account that led to the writing of the narrative, Mary Shelley puts us in contact with the myth of the Sibyl of Cumas, revealing to have found the manuscript that indicated the facts she narrated in her novel. This paper aims to discuss the importance of the introduction text to the novel, considering the frames established between the myth of the Sibyl and Shelley's creative abilities.

Keywords: Mary Shelley, *The Last Man*, Feminism, Sibyl of Cumas, History, Literary History

Mary Wollstonecraft Shelley era filha de Mary Wollstonecraft Godwin, uma das fundadoras do movimento de emancipação feminina na Inglaterra do século XVIII, escritora de *A Vindication of the rights of woman* e *William Godwin*, um influente filósofo radical liberal que escreveu *Political Justice*. Foi também esposa de Percy Bysshe Shelley, um filósofo, poeta, ateu radical, discípulo de Godwin e dentre sua rede de amigos, o controverso e sombrio Lorde Byron, poeta Romântico. A vida toda Mary Shelley respirou em um ambiente de livres-pensadores e as influências do ambiente familiar não poderiam deixar de fazer com que ela compreendesse a vida sob um ponto de vista racionalista ou crítico (FLORESCU, 1998).

Assim como Lionel Verney, seu personagem principal em *The Last Man* (O Último Homem), a vida de Shelley foi cercada por séries de perdas e sobrevivências: a começar por seu nascimento que custou a vida de sua mãe; entre o tempo que ela escrevia seu romance aqui em questão, três dos seus quatro filhos tinham falecido; seu marido, Percy Shelley tinha se afogado em um naufrágio, e Lorde Byron, seu amigo próximo, tinha acabado de morrer na Grécia. Aos vinte e seis anos, ela possivelmente se considerava a última relíquia de uma raça extinta de provocadores críticos (JOHNSON, 2014). O romance não parece ser, no entanto, uma visão espelhada do luto de Shelley mesmo considerando todas estas perdas, mas um lamento pela decadência do homem. *The Last Man* evoca uma discussão que está

bem além de sua época de produção, é um romance que celebra a capacidade criadora de Mary Shelley ao escrever sobre um tema considerado discussão masculina, na época em que viveu a escritora, de modo exemplar e pioneiro sob a pena feminina.

A história de *The Last Man* se desenvolve quando no ano de 2092 um surto de peste se espalha pelo mundo, começando pela região da China, rapidamente atingindo a Itália e logo chega à Inglaterra, dizimando aos poucos a população mundial. Trazendo convulsão política, desestabilidade social e um falso Messias. No ano de 2100 apenas um sobrevivente permanece imune à infecção, então, ele resolve escrever sobre os acontecimentos que levaram ao fim de sua espécie em forma de diário, na esperança de que um dia, este possa servir de alerta para que os erros do passado não se repitam no futuro.

Em sua Introdução à história sobre o homem solitário que vê a humanidade ser dissipada, Mary Shelley faz uma fusão entre ficção e realidade trazendo relatos sobre como a história que temos em mãos fora inspirada (ou encontrada?). Shelley afirma que em 1818 descobriu, na caverna de uma Sibila, perto de Nápoles, uma coleção de escritos proféticos pintados pela Sibila de Cumas. Shelley editou estes escritos em uma narrativa atual, a narrativa em primeira pessoa de um homem que vive no final do século XXI. Assim, é curioso como Shelley utiliza as visões de uma das profetizas - a sétima dentre as dez que se tem registro - para alertar sobre o futuro de seu país condenado pela imprudência dos homens. Vejamos estas duas passagens, onde esse alerta se faz presente e que

evidenciam os horrores diante do caos iminente extraídos do romance:

“[...] agora é o homem o senhor da criação? Olhe para ele – ah! Vejo a peste! Ela atacou a sua carne, emaranhou-se com seu ser e cega seus olhos, que perscrutam o céu. Deite-se, Oh homem, na terra salpicada de flores; abra mão de toda reivindicação de sua herança, tudo o que você pode um dia possuir dela é a pequena célula que o morto exige. A peste é a companheira da primavera, do brilho do sol e da fartura. Não mais lutamos com ela.

Esquecemo-nos do que fazíamos quando ela não existia. [...] Os homens fizeram jornadas periclitantes para possuir esplêndidas bugigangas da terra, gemas e ouro. [...] Agora a vida é tudo o que cobizamos; que este autômato de carne deve, com juntas e peças em ordem, desempenhar suas funções. [...] Éramos, com efeito, suficientemente degradados. (SHELLEY, 2007, p.338,) - Destaque nosso.

Tudo está acabado, agora. Ele está solitário; como os nossos primeiros pais, expulsos do Paraíso, ele olha para trás, na direção da paisagem que abandonou. [...] Como nossos primeiros pais, toda a terra está diante dele, um vasto deserto. [...] A posteridade já não é mais; a fama, a ambição e o amor, são palavras vazias de sentido [...] (SHELLEY, 2007, p. 344-345). - Destaque nosso.

É fato que Shelley e seu marido, o escritor Percy, visitaram Nápoles, bem como a famosa caverna da Sibila de Cumas, momento registrado nos diários de viagens da escritora. Considerando que estamos lendo uma história fictícia, este traço de realidade sobre a descoberta da história parece deixar um sabor de veracidade ou até mesmo temor sobre os acontecimentos que estão prestes a serem consumidos pelo leitor. Mary Shelley tinha acesso a livros sobre os mais diversos temas, considerando o acervo da livraria do pai, e sua curiosidade diante dos mais diversos assuntos a fazia sempre, não apenas ler muito, mas pesquisar a fundo sobre o que desejava compreender melhor, principalmente se ela estava decidida a escrever sobre.

Após uma semana em Roma, durante a qual Shelley e Percy visitaram quantas maravilhas os olhos podiam ver, eles partiram para Nápoles em 08 de dezembro de 1818 e por lá ficaram durante três meses. Não há muitos registros nos diários de Mary sobre essa estadia, exceto por anotações a respeito das muitas leituras feitas pelo casal, que devoraram livros e mais livros desde Livy, Dante, Sismondi, Winkelmann, Georgics até “As vidas de Plutarco, Gil Blas e Corinne¹⁵”.

O tempo em que Shelley e o marido permaneceram na Itália parece ter sido um dos mais vivos e satisfatórios para a escritora, que desfrutou do que ela considerava os ares de um lugar onde

¹⁵ The Life and Letters of Mary Wollstonecraft Shelley. Volume 1 (of 2). Org. Mrs. Julian Marshal, 2011. E- book.

ainda vale a pena viver, diferente do ambiente sufocante de Londres, sua cidade natal. O casal aproveitou muito dos lugares que haviam sido indicados por amigos e pelos guias que iam encontrando para direcioná-los, a passagem pela região da gruta da Sibila foi uma espécie de achado no passeio. Nesta passagem da Introdução Shelley descreve como supostamente ocorreu:

Fomos ao então chamado Campos Elíseos e Avernus; e caminhamos por entre várias ruínas de templos, banhos e outros locais clássicos; ao final, adentramos a sombria caverna da Sibila de Cumas. Nossos Lazzeroni levavam tochas que reluziam um vermelho quase crepuscular pelas soturnas passagens subterrâneas, cuja escuridão parecia se embeber mais e mais de luz. Passamos por uma arcada natural, que levava a uma segunda galeria, e perguntamos se não podíamos entrar ali também. Os guias apontaram para o reflexo das tochas nas águas que cobriam sua superfície, deixando-nos com nossas próprias conclusões; mas acrescento que era uma pena, pois a galeria conduzia à Gruta da Sibila. A curiosidade e a excitação cresceram dentro de nós pela circunstância, e insistimos em experimentar a passagem. (SHELLEY, 2007, p. 08)

A descrição aponta para toda uma gama de aspectos que tornam a experiência da descoberta da caverna um momento de mistério, aventura e conhecimento como se algo os estivesse chamando para ser apreciado e consumido, numa espécie de

roda do destino. A sede de conhecimento os fez caminhar e desbravar cada parte da galeria, sem muito poderem ver ou até mesmo entender o caminho, guiados apenas pela ânsia de chegar ao ponto final e, terem a certeza de cumprir com o que lhes fora impulsionado a fazer, ver e conhecer.

Somos levados pela magia da descoberta daquela experiência e essa sensação nos permite ansiar também por descobrir que espécie de mensagem ou que história esperava para ser contada, uma estratégia usada pela escritora, mas que é possível acomodá-la porque o ser humano é ávido por aquilo que o desafia. Assim, o romance implanta a história de um manuscrito encontrado, uma estratégia particularmente utilizada no século dezoito acompanhando uma longa tradição da eclosão dos romances epistolares e que mantém o foco na figura do editor, que aparece como autoridade para fazer pronunciamentos sobre o texto, sem assumir exatamente a responsabilidade autoral por ele. Bennett (2000) nos fala o quanto essa estratégia narrativa fez sentido no período romântico dizendo:

Durante o período romântico, a estratégia do manuscrito encontrado se torna mais simbolicamente carregado, e assim ocorreu por razões bastante específicas. Como Jon Klancher observou, os românticos são o primeiro grupo a se tornar radicalmente incertos de seus leitores, e a estrutura editorial absorve e textualiza essa incerteza, tentando prever, regular ou minar a própria recepção do trabalho. No início do século XIX, a expansão de mercado

*literário, a profissionalização da autoria, a prática do anonimato autoral e a explosão da publicação periódica contribuíram para a dispersão da autoridade na esfera pública*¹⁶. (BENNETT, 2000, p. 122) - tradução nossa.

No caso de *The Last man*, a estratégia pode ter sido escolhida por várias outras razões, incluindo o fato da grande profusão de textos sobre o tema que já haviam sido publicados, tanto anteriormente quanto na época do seu lançamento. As narrativas de seus colegas escritores traziam o desenvolvimento do tema de uma maneira quase que repetida, como que continuação de uma especulação sem muita credibilidade. Segundo Morton Paley¹⁷, o romance de Shelley foi publicado quando as narrativas, ou melhor, o tema do “último homem”, sofria com críticas e comentários de escárnio - apesar da popularidade e discussão da ruína da sociedade de diversas maneiras – devido a então busca do senhor Thomas Campbell em se afirmar como o primeiro a escrever sobre o tema do “último homem” na Inglaterra, visivelmente uma disputa contra o poema *Darkness de Byron*, escrito um pouco anteriormente.

Campbell não admitia ter o seu poema débito com o do amigo Byron, e afirmava ter ele mesmo sugerido a este último o tema sobre o último homem na Terra. Campbell teria feito essa queixa através de

carta escrita a um jornal que, ao publicar o texto do autor lembrara o quanto o tema se assemelhava ao poema de Byron, publicado anteriormente. O conhecimento da obra de Cousin de Grainville teria, decerto, poupado o trabalho do senhor Campbell na corrida para se certificar como criador original da concepção do seu último homem, mesmo que somente na Inglaterra. Poderíamos afirmar que a confusão instaurada acabou por cansar um pouco os leitores, então, a estratégia de mesclar ficção e realidade trouxe ao romance de Shelley uma atenção e seriedade um pouco maiores, apesar de ter sido suavemente rejeitado no ano de sua publicação, não obtendo nova edição entre os anos de 1833 a 1965, quando apareceu a primeira reedição pela *Bison Books*, obtendo interesse da crítica novamente.

Alguns exemplos de produções literárias que são formadas de acordo com essa estrutura narrativa incluem *Tale of a Tub* (1704) de Jonathan Swift, *The Man of Feeling* (1765) de Henry McKenzie e *The Castle of Otranto* (1765) de Horace Walpole. No romance de Shelley o texto fora possivelmente encontrado, e por ela reunido para dar o formato que temos em mãos, conforme explica na Introdução:

Ao final, meu amigo, que tinha em suas mãos algumas das folhas espalhadas

¹⁶ During the Romantic period, the found manuscript device becomes more symbolically loaded, and it does so for fairly specific reasons. As Jon Klancher observes, the Romantics are the first group to become radically uncertain of their readers, and the editorial frame absorbs and textualizes this uncertainty by attempting to predict, to regulate, or to undermine the work’s own reception. In the early nineteenth

century, the expansion of the literary marketplace, the professionalization of authorship, the practice of authorial anonymity, and the explosion of periodical publishing all contributed to the dispersal of authority in the public sphere.

¹⁷ Para mais informações acessar: <https://romantic-circles.org/editions/mws/lastman/paley.htm>

ao nosso redor, exclamou: “esta é a caverna da Sibila e estas folhas são sibilinas.” Examinando-as, descobrimos que todas as folhas, as cortiças e os demais elementos continham palavras quase apagadas. O que mais nos surpreendeu foi que esses escritos estavam em várias línguas [...]. E, mais estranho ainda, havia palavras em idiomas modernos, como o inglês e o italiano. Não podíamos ler direito por causa da penumbra, mas pareciam ser profecias, relatos detalhados de eventos remotamente passados; nomes, agora famosos, mas de tempos modernos; e frequentes exultações e lamentos, de vitórias e derrotas, estavam traçados nas frágeis e escassas páginas [...] e nós provavelmente devíamos a preservação daquelas folhas ao incidente que fechara a entrada da caverna e à rapidez do crescimento da vegetação, que pôde evitar a penetração da tempestade na sua única abertura. Fizemos uma seleção apressada de algumas folhas, cujos escritos poderíamos compreender; e então, carregando nosso tesouro, oferecemos nossos respeitos à caverna fendida e envolta na penumbra, e depois de muito esforço conseguimos nos juntar aos nossos guias. (SHELLEY, 2007, p. 10)

Para entendermos mais acuradamente por que os escritos e a caverna onde supostamente viveu a Sibila referenciada por Shelley, são tão importantes a ponto de serem usados pela escritora como objeto de trabalho, e claro, também como fonte de veracidade para a sua história, se faz mais que necessário conhecermos um pouco

sobre a história que envolve o mito das Sibilas e em especial sobre a Sibila de Cumas.

As Sibilas, na mitologia grega, eram sacerdotisas que tinham como principal função transmitir os oráculos de Apolo. O número de sibilas é elevado, não se podendo talvez falar de uma Sibila. Por estarem voltados ao culto de Apolo, muitos locais reivindicavam por isso a presença de uma Sibila. No século I, existiram dez Sibilas, cada uma de cada canto do Mediterrâneo onde existiam Gregos: Ciméria (Quersoneso Táurico), Cumana (de Cumas, na Itália), Delfica (Delfos, a cidade de Apolo), Eritreia (de Éritras, na Lídia), Frígia (Frígia, na Ásia Menor), Helespôntica (do Helesponto, entre a Europa e a Ásia), Líbica (da Líbia, no Norte de África), Pérsica (da Pérsia), Sâmia (da ilha de Samos), Tiburtina (de Tibur, ou Tivoli, junto a Roma). As mais conhecidas entre estas foram Eritreia, Líbia e Cumas (Sul de Itália).

A primeira Sibila teria sido uma filha de um troiano chamado Dárdano e de Neso, filha de Teucro, fundador da dinastia de Ílion (que reinava em Troia). Como tinha o dom de profetizar, tornou-se famosa como adivinha, fazendo com que posteriormente o nome de Sibila fosse dado a todas as profetisas. Estava consagrada ao culto de Apolo, que lhe tinha dado o poder de profetizar. Dava a conhecer os seus oráculos sob a forma de enigmas, os quais ela escrevia em folhas, assim como as demais.

De acordo com o pesquisador Almeida (2013), a Sibila de Cumas foi a mais

popular entre todas as sibilas da história, se tornando uma forte figura profética da religião grega e romana. Na antiguidade, o chamado “oráculo” tem um significado importante, configurando a resposta dada por uma divindade a uma questão pessoal através de artes divinatórias. O termo oráculo muitas vezes se designa como um intermediário consultado, que transmite a resposta. Segundo Almeida (2013) no Mundo Antigo, o local que ganhava reputação por distribuir a sabedoria oracular, ou onde havia uma presença divina sempre que chamada, passava a ser considerado solo sagrado, e previamente preparado para práticas de contatos entre o Homem e os Imortais Deuses. Ainda segundo Almeida (2013):

O oráculo é a resposta dada por um Deus que foi consultado por uma dúvida pessoal, referente geralmente ao futuro. Estes oráculos só podem ser dados por certas divindades, em lugares determinados, por pessoas determinadas chamadas de Sibilas, tudo isso respeitando sempre rigorosamente os ritos: a manifestação do oráculo se assemelha a um rigoroso vulto religioso. [...] o termo oráculo designa tanto a divindade consultada como o intermediário humano que transmite a sua resposta, ou

até mesmo o lugar sagrado onde à resposta é dada. (p. 12)

Cumas foi uma antiga colônia grega fundada em cerca de 750 a.C., na Campânia, a cerca de vinte e cinco quilômetros de Nápoles, na antiga Itália. Foi a primeira colônia grega fundada na Península itálica, mas logo fora tomada pelos Samnitas, um antigo povo da Itália. Com isso, em pouco tempo toda a cultura grega desapareceu daquela região. Tempos depois, Cumas fora conquistada por Roma tendo se tornado uma cidade pouco relevante durante o império Romano. Existiu ainda até 1205, quando foi totalmente destruída.

A Sibila de Cumas era natural de Éritras, importante cidade da Jônia, localizada na costa ocidental da Turquia. Também era conhecida pelo nome Deífoba¹⁸, seu pai se chamava Teodoro e sua mãe era uma ninfa, e a tradição conta que ela nascera em uma gruta do monte Córico. Desde que aprendera a falar ela mostrava ter o dom da profecia e sempre fazia suas previsões em verso. Almeida (2013) afirma que ela ficou conhecida como Sibila de Cumas por ter ficado a maior parte da sua vida nesta cidade. Suas previsões certeiras viajavam muitas partes do globo, mas suas profecias registradas em livros, que ela mesma teria vendido a um rei de Roma, pertenciam ao império romano e eram consultados pelo

¹⁸ Palavra que significa *deidade* ou aquela que tem a forma de uma *deusa*.

senado em situações de emergência. Neles continham informações futuras sobre toda Roma Antiga. O conteúdo se dizia recheado de profecias catastróficas, embora hoje muitos considerem a maior parte da história como lenda. Os venerados livros eram interpretados por sacerdotes que logo encontravam a solução para quaisquer problemas que apareciam. A enigmática coleção foi destruída quando o templo de Júpiter (dizia-se que os livros da sibila estariam depositados ali) pegou fogo, e de seu raro conteúdo restaram apenas alguns versos.

Ao longo do tempo, dizia-se que a maior de todas as previsões estava relacionada ao verso que falava da destruição do mundo, da construção de uma nova era após momentos catastróficos que toda a humanidade sofreria, mas tais versos nunca teriam sido realmente encontrados em seu formato original, apenas escritos inspirados na profecia. Almeida (2013) afirma que os versos oraculares que sobreviveram anunciavam o nascimento de um homem que salvaria a humanidade e um possível apocalipse. Segue abaixo o trecho de uma das profecias sobreviventes da Sibila de Cumas, que se tem registro:

Agora vem o cantado novo tempo,

*Começará agora uma nova organização
no mundo. Virá o reino de Saturno.*

*Você seja amável com a criança que
nascerá através da qual o tempo férreo*

*terminará, E uma nova era em todo o
mundo se iniciará.*

*Logo serás, Sardenha, em cinzas
transformada. Não mais serás ilha
quando chega a décima contagem do
tempo, e velejando nas águas te
procurarão, quando tu,*

Já não existes mais.

Ai de ti, infeliz, maldosa enchente,

*Consumida pelo fogo, através de
enchentes um povo destruirás. Com
forças violentas na terra e fogo furioso,
como água se derrama, e toda Terra
destrói, montanhas queimadas, rios
incendiados, desertas as nascentes.*

*Não só se torna a crosta terrestre
flutuante como também combustível
como a água. As águas incendiadas,
em ondas tremendas não só
transformarão os rios e nascentes em
chamas, mas queimará também as
montanhas.*

O mundo não será mais mundo,

*Quando os seres morrerão,
arrepentidos do mal, o céu os infelizes
olharão*

*Quando as estrelas não mais iluminam
e sim o reflexo do fogo, mas não
desaparecerão de repente, deixarão de*

*existir na carne, mas continuará o espírito por todos os tempos*¹⁹.

Shelley, então, brinca com a possibilidade de haver conseguido sob o animador direcionamento do destino, encontrar as folhas originais perdidas, transformar em seu *The Last Man*, a tempo de alertar ou informar a profecia mais importante para a humanidade.

A lenda sobre a morte da Sibila de Cumas diz que em contato com o próprio Deus Apolo²⁰, que teria se apaixonado pela Sibila, este havia lhe ofertado a realização de um desejo em troca de sua virgindade e que, assim, lhe daria qualquer coisa para que ela se tornasse uma de suas fiéis amantes. A Sibila, então, teria colocado um punhado de areia em sua mão e pedido para viver a quantidade de anos que houvesse naqueles grãos em suas mãos, imaginando que quanto mais vivesse, mais sábia ela se tornaria. No entanto, ao fazer tal pedido, ela não se lembrou de pedir também a eterna juventude, então, a cada século ela se tornava cada vez mais velha, e com o passar dos anos, tornou-se tão consumida pela idade que murchou e teve seus restos engarrafados no antigo templo de Apolo em Cumas. Os habitantes de Cumas diziam que, quando as crianças iam até ela e perguntavam o que queria, ela apenas respondia “quero morrer”.

Tendo conhecido um pouco sobre a figura da Sibila e a importância creditada aos seus escritos, não é de admirar ou sequer duvidar que a estratégia fora bem pensada

pela escritora de *The Last Man*. Na Introdução Mary Shelley registra que, ao ser informada sobre a lenda ficara fascinada, e durante o tempo que ficara em Nápoles, ela e o companheiro teriam voltado várias vezes à caverna e Shelley mergulhado nos poemas que formavam o que ela chamou, posteriormente, de “tesouro milenar”:

Desde aquele período, sempre que as circunstâncias mundanas não me furtavam o tempo ou que a atmosfera de minha mente não impedisse tais estudos, eu me dedicava a decifrar aquelas reminiscências sagradas. Seu significado, maravilhoso e eloquente, costumava compensar minhas dificuldades, aliviar minhas mágoas e excitar minha imaginação com voos audaciosos por entre a imensidão da natureza e a vastidão da mente humana. [...] (SHELLEY, 2007, p. 10).

Curioso notar que, após conhecer um pouco sobre a história do mito e tomarmos conhecimento de que, em sua maior parte, as mulheres foram aquelas que obtiveram a dádiva da visão sobre o futuro dos deuses, Shelley, enquanto mulher se coloca também como alguém apta a forjar a continuidade ou a junção do que seriam previsões divinas, reafirmando o fato de que apenas uma mulher poderia escrever uma história carregada de credibilidade diante de tal assunto, quando equiparamos seu poder de criação e inspiração ao da própria Sibila. Seria ela, então, a

¹⁹ Disponível no livro “Sibila de Cumas” do escritor Alessandro de Almeida

²⁰ Apolo era o Deus que inspirava as profecias das mulheres chamadas de Sibilas.

sacerdotisa moderna que teria sido incumbida de espalhar ao mundo o alerta sobre uma catástrofe que poderia tomar tamanha proporção. E como um alerta distópico, sua narrativa se faria como o oráculo para o novo tempo, apenas para mostrar o quanto a humanidade se destrói, mas não por falta de aviso, senão por iminente fuga de humanidade.

Para que uma profecia ou alerta seja eficiente é preciso que pelo menos uma pessoa esteja presente para obter a informação e passá-la adiante. No entanto, ao final do romance de Shelley todos estão mortos e a importância do alerta parece falhar, uma vez que não há como organizar de outra maneira uma sociedade que não tenha agentes, sujeitos que possam promover a mudança. Lionel, o último sobrevivente escreve a sua história em forma de diário para que um dia, caso a humanidade seja reconstruída, alguém leia os seus registros e assim possa evitar que os mesmos erros sejam cometidos, e em seguida ele mesmo some na imensidão do mundo, apesar de não ficar claro sobre o seu destino, deduzimos que ele não consiga sobreviver tempo suficiente para ver essa nova era surgir.

A mensagem utópica da profecia ou alerta que a história comporta não se realiza porque todo e qualquer agente de mudança está morto e o último está sozinho como que em um mundo de cegos sendo o único a ver. Ele é o oráculo da imperfeição. A mensagem não é a resposta sobre como evitar o fim, mas o alerta sobre como o fim pode ocorrer e cabe ao leitor idealizado pelo personagem de Lionel, interpretar os erros cometidos que acabaram levando

àquele fim, como uma moldura profética. Em tom de desespero ele diz: “Eu também escreverei um livro, exclamei – para quem ler? – a quem dedicar? E então com tolo floreio [...] escrevi, dedicado aos ilustres mortos. Sombras, ergam-se e leiam sua queda! Observem a história do último homem” (SHELLEY, 2007, p. 490).

A Introdução de Shelley parece enviar uma mensagem além de apenas explicar a origem da história que ela segue. Ela sinaliza uma metáfora maior escondida nas entrelinhas de uma mistura de ficção e realidade, não apenas para tornar a história verossímil, mas para celebrar, mesmo que sutilmente, os poderes femininos de criação artística, ainda que o relato não seja totalmente real e as folhas encontradas na caverna passassem apenas de folhas em um local miticamente sagrado. A criatividade da escritora concatena um universo fictício onde ela mesma consegue criar, juntar, decifrar e produzir uma história de especulação sobre o futuro de dentro de uma caverna, que, diga-se de passagem, sempre foi o ponto de maior conhecimento e reflexão de uma mulher do tempo de Shelley. A caverna é o espaço escondido e cheio de mistérios na sua qualidade de confinamento e lá, a mulher escritora obtém consciência de sua genialidade e não pode deixar confinada apenas para si.

Shelley mostra assim, metaforicamente, “a história da artista que entra na caverna de sua própria mente e lá encontra as folhas espalhadas não apenas de seu próprio poder, mas da tradição que pode ter gerado

aquele poder²¹”, como já afirmaram as críticas literárias Gilbert e Gubar (1984) no texto *The Parables of the Cave* (As Parábolas da Caverna). A dupla de críticas analisam os vários significados que a caverna simboliza pensando em suas associações literárias, especialmente considerando o espaço feminino em relação a esse lugar obscuro e questionam: “Como, então, qualquer mulher - mas especialmente uma mulher literata, que pensa em imagens - concilia o potencial metafórico negativo da caverna com suas possibilidades míticas positivas?²²” (p.95).

Como parte da resposta elas comentam que a introdução ficcionalizada do romance de Shelley adiciona a essa discussão uma nova forma de pensar o significado da caverna como obscura, para a possibilidade de espaço por onde a luz pode ser nascida, como um útero e as folhas que Shelley supostamente encontra seriam não só a sua revisita ao passado ancestral, como também, o fruto de sua criação, uma vez que é ela enquanto mulher escritora, que dá vida às inscrições desordenadas contidas nas folhas da Sibila. O fato de Shelley ter usado o mito do poder profético da Sibila é ponto a considerar principalmente porque exalta os poderes femininos, mesmo que Shelley afirme que as rimas de Cumas “devam sua forma presente a mim, sua decifradora, já que eram caóticas e obscuras” (SHELLEY, 2007, p. 11).

A esse respeito Gilbert e Gubar (2017), em outro texto intitulado “Infecção na sentença: a escritora e a ansiedade de autoria²³”, fazem uma importante análise a respeito do lugar que envolve a mulher escritora na tessitura de sua própria criação, quando são poucos ou quase nulos os exemplos de precursoras que serviriam como fonte de inspiração. A mulher escritora, então, se via sempre no afã de construir a sua própria fonte, ser ela mesma a revisora ou criadora dos seus próprios mitos. Nas palavras de Gubar e Gilbert (2017):

Ademais, frequentemente ela só pode começar essa luta, se procurar ativamente por uma precursora, que longe de representar uma força ameaçadora a ser morta ou negada, prova, por seu exemplo, que uma revolta contra a autoridade literária patriarcal é possível. (p. 194)

Atribuir destaque a um mito que envolve o lugar de privilégio de uma mulher (Sibila) como detentora da palavra se faz como um rico recurso feminista por parte de Shelley, sendo ela mesma filha de uma precursora do feminismo, Mary Wollstonecraft, mas que não conseguiu aprender com a sua mãe mais do que ela mesma pode retirar de seus escritos, uma vez que a mãe falecera com o seu nascimento. A Sibila parece exercer, nesse ínterim, o papel de

²¹ The story of the woman artist who enters the cavern of her own mind and finds there the scattered leaves not only of her own power but of the tradition which might have generated that power.

²² How, therefore, does any woman - but especially a literary woman, who thinks in images - reconcile the cave's negative metaphoric potential with its positive mythic possibilities?

²³ Este texto foi traduzido por Cintia Schwantes e Eliane Campelo, publicado pela Editora da UFSC em 2017 no livro “Traduções da Cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)”, sob a organização de Izabel Brandão, Ildney Cavalcanti, Claudia de Lima Costa e Ana Cecília Acioli Lima.

ancestralidade que a autora buscou para inspirar sua deusa interior e desenvolver seus próprios poderes através da palavra, recurso inclusive, utilizado em seu *The Last Man* como a ferramenta que pode ser capaz de mudar o curso de uma história, ou meio pelo qual o caos advindo dos erros de um passado possa ser corrigido ou evitado na construção individual dos sujeitos de uma sociedade do porvir. Confirmando um processo que Gubar e Gilbert (2017) concluem dizendo que:

Teremos que retrazar os caminhos árdios pelos quais as mulheres do século dezenove superaram sua “ansiedade de autoria”, repudiaram as debilitantes prescrições do patriarcado e recuperaram ou lembraram as precursoras perdidas que podiam ajudá-las a encontrar seu poder feminino único. (p. 207)

Revisitando o mito da Sibila estaria Shelley, possivelmente, recuperando ou revisitando a precursora que a ajudou encontrar seu poder, profético ou não, mas seguramente feminino e particular de criação artística em uma época de desolação e solidão, quando havia perdido grande parte dos que amava aos vinte e seis anos.

O texto introdutório de *The Last Man* traz finalmente outra moldura, pela primeira vez ela se coloca como a tecelã de uma ideia que estava antes apenas no nível da especulação e cheia de brechas obscurecidas pelo tempo, aparentemente distorcidas ou repetidas, assim como pareciam os textos de seus antecessores, nessa tradição de obra sobre “o último

homem”, todos de autoria masculina, acrescente-se. Diferente do conhecido Campbell, Mary Shelley não tenta entrar na disputa de ser a primeira a tratar sobre o tema, mostrando que a sua narrativa seria o mais contundente ou verossímil, ela afirma que fora uma reconstrução, mas que o seu olhar e instinto artístico o tornava único apenas pelo fato de ter sido ela, com suas próprias capacidades criadoras, moldado e finalizado a história para a apreciação do público que se dispusesse a ler o seu conteúdo, conforme afirma nesta outra passagem:

Eu apresento ao público minhas últimas descobertas das finas páginas sibílicas. Aleatórias e desconexas como estavam, fui obrigada a acrescentar junções e modelar o trabalho de maneira consistente. Mas a essência permanece nas verdades contidas nestas rapsódias poéticas, assim como a intuição divina de que a donzela de Cumas obteve do Paraíso. (SHELLEY, 2007, p. 11)

O texto mostra sinal de empoderamento e segurança sobre as suas próprias capacidades enquanto escritora publicando um tema que, em forma de romance, havia aparecido apenas com companheiros masculinos. Foi um trabalho que lhe acalentou, apesar de pesado e de conteúdo tão avassalador, como uma espécie de libertação. A esse respeito ela diz já ao final da Introdução:

Meus trabalhos acalentaram longas horas de solidão e me isolaram de um mundo que transformou sua então benigna face para uma outra, fulgurante de imaginação e poder. Perguntarão meus leitores: como poderia eu encontrar conforto em uma narrativa de mudanças tristes e de lamentações? Esse é um dos mistérios de nossa natureza, que se apoderou por completo de mim e de cuja influência não posso escapar. Confesso que me emocionei com o desenrolar da trama; e que me deprimi, não, agonizei em algumas partes do recital, que eu transcrevi literalmente dos meus materiais. Porém, assim é a natureza humana, pois a agitação mental me era querida e a imaginação, pintora de tempestades e terremotos, ou ainda pior, de paixões humanas tempestuosas e carregadas de ruína, aliviou minhas tristezas reais e infinitos arrependimentos ao revestir as fictícias de idealização, que sofre a ferroadá mortal da dor. (SHELLEY, 2007, p. 11-12).

A invenção, devemos admitir humildemente, não consiste em criar do nada, mas do caos; os materiais devem, em primeiro lugar, ser concedidos; ela pode dar forma a substâncias disformes, negras, mas não pode trazer à existência a própria substância. Em todas as questões de descoberta e invenção, mesmo as que pertençam à imaginação, somos continuamente lembrados da história do ovo de Colombo²⁴. A invenção consiste na capacidade de aprender as possibilidades de um objeto e no poder de moldar e adaptar as ideias que lhe são sugeridas. (SHELLEY, 2017, p. 27)

Shelley, então, parece nos impulsionar a ver a beleza do caos, para que dele possamos reconhecer as amenidades da calmária de uma estrutura que não nos leve ao fim, mas que tenhamos conhecimento de sua possibilidade, como um pesadelo consciente. Uma moldura profética a ser observada com calma.

Sua coragem e impulso libertador em se colocar como criadora avançou a partir de então, e essa moldura estaria encaixada ainda cinco anos após a publicação de seu *Last Man*, quando ela decide assumir a autoria de *Frankenstein*, até então seu romance mais famoso, na Introdução à terceira edição da obra em 1831. Em tom seguro e agora ainda mais consciente de seu papel enquanto criadora, decifradora de ideias, Shelley afirma:

²⁴ Dizia-se que Colombo, diante dos espanhóis, após colocar um ovo em pé achatando uma das extremidades, fora interpelado pelo grupo que afirmava que qualquer um poderia fazer aquilo. O navegador respondeu: “Convenhamos, entretanto, que, apesar da simplicidade e facilidade, você não descobriu a solução, e que

apenas eu removi a dificuldade. O mesmo ocorreu com a descoberta do Novo Mundo. Tudo que é natural parece fácil após conhecido ou encontrado. A dificuldade está em ser o inventor, o primeiro a conhecer ou demonstrar”.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Alessandro de. A Sibila de Cumas: o mistério dos nove oráculos. Clube dos Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=DsR7DwAAQBAJ&lpg=P1&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 18/03/2020.
- BENNETT, Betty T. Mary Shelley in Her Times. John Hopkins University Press: Baltimore, 2000.
- GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. The parables of the Cave. In: The madwoman in the attic: the woman writer and the Nineteenth-century literary imagination. Boston: Yale University Press, 1984.
- GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. Infecção na sentença: a escritora e a ansiedade de autoria. In: BRANDÃO, Izabel (Org.). Traduções da Cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.
- JOHNSON, Barbara. A life with Mary Shelley. Stanford: Stanford University Press, 2014. SHELLEY, Mary. The Last Man. Edição bilingue. Tradução de Marcella Machado C. Furtado. São Paulo: Editora Landmark, 2007.

BIBLIOGRAFIA



Divórcio? : Andradina de Oliveira e a voz transgressora na virada do século XIX- XX

Divorce? : Andradina de Oliveira and the transgressive voice at the turn of the 19th-20th century

Rosa Cristina Hood Gautério 

Universidade Federal de Santa Catarina

rosacristinah@yahoo.com.br

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Histórico:

Submissão | Received: 29/09/2021

Aprovação | Accepted: 14/11/2021

Publicação | Published: 19/03/2022



RESUMO

O trabalho busca apresentar o romance tese *Divórcio?* escrito pela gaúcha Andradina de Oliveira que trouxe o tema ainda em 1912. A narrativa traz ao centro do debate valores doutrinários-moralistas que envolvem casamentos mal-sucedidos na sociedade brasileira impostos para preservar a posição das famílias da elite. Destacamos as perdas afetivas, a discriminação e a opressão no contexto do patriarcado que faculta à mulher a regeneração de Eva pecadora como imagem Redentora no constitutivo da sociedade de então. A importância do resgate da obra se dá pela relevância da luta por direitos que estão em pauta na sociedade atual onde ressurgem discursos de retorno a padrões mais tradicionais.

Palavras-chave: Literatura, Autoria feminina, Patriarcado, Poder institucional, História, História das mulheres

ABSTRACT

This paper seeks to present the thesis novel *Divórcio?* written by Andradina de Oliveira, from Rio Grande do Sul, who brought up the theme in 1912. The narrative brings to the center of the debate doctrinal-moralistic values that involve unsuccessful marriages in Brazilian society, imposed to preserve the position of elite families. The affective losses, discrimination, and oppression in the context of patriarchy are highlighted, which allows women the regeneration of sinful Eve as a redemptive image in the constitution of society at the time. The importance of recovering this work is due to the relevance of the struggle for rights that are on the agenda in today's society, where discourses of a return to more traditional patterns reappear.

Keywords: Literature, Female authorship, Patriarchy, Institutional power, History, Women's history

1. Introdução

A serpente

A serpente alisou de Eva

Os cabelos...

Que lhe tapavam o corpo...

Enroscou-se

Nos seus ombros...

A acariciar-lhe ao ouvido

O gosto tão prazeroso

Do fruto mais proibido

Com um falar de prazer

Na saliva repartido

E a língua bifurcada

Num movimento furtivo

- Desobedece...

Insinuou a serpente

Estendendo-lhe depois

...um livro

(Thereza Horta)

A poesia que serve de epígrafe apresenta três personagens que saíram dos livros sagrados e se perpetuaram no imaginário humano: Adão, Eva e a serpente. Eva fez a humanidade cair em danação e foi condenada; uma crença que percorreu a história da humanidade. Ao longo dos séculos desaparece o medo da vingança divina, mas permanece a natureza da obediência no plano da redenção com a

ideia aliada a um compromisso moral que se entrelaça na relação de dependência conjugal que “direta ou indiretamente, refletiu sobre o papel da mulher e o ideal de domesticidade” (VAQUINHAS, 2006, p. 41). Com o comportamento vigiado pelo clero, cabe à mulher a constante lembrança de que a esposa vela pela virtude e está a serviço de sua família.

Mas os textos sagrados também afirmam que homens e mulheres são iguais perante Deus e que ambos foram criados a sua semelhança. Na evolução do progresso humano surge uma nova Eva de um ato libertador: a mulher foi abduzida pela serpente que “a acariciar-lhe ao ouvido [...] E a língua bifurcada... Num movimento furtivo... – Desobedece, Insinuou a serpente... Estendendo-lhe depois um livro”. A bem dizer, este presente é uma provocação. Com o conhecimento surge a lucidez e uma inquietação sobre sua felicidade. Inicia-se um discurso sobre a equidade entre os gêneros. “o primeiro contato de Eva com as forças do mal, personificado pela serpente, inoculasse na própria natureza do feminino algo como estigma atávico que predisponha à transgressão” (ARAÚJO, 1999, p. 46).

Dá-se a representação histórica baseada na narrativa bíblica sobre a qual triunfará o patriarcado. O casamento se torna uma união com laços entre a natureza e a razão, mas a razão cria um espaço jurídico e a lei intervém fundamentando-se na

moralidade. O divórcio desencadearia uma grave doença social.

Este ensaio é parte de uma tese de doutorado de caráter biobibliográfico sobre a atuação intelectual da gaúcha Andradina de Oliveira, especificamente sobre o romance *Divórcio?* tema que ela trouxe para o debate já em 1912. Impôs-se como feminista assumida ao formar opiniões com sua *Literatura*. Questiona o clero sobre a indissolúvel união matrimonial e o Poder Público que admitia a separação do casal sem desfazer o vínculo do matrimônio, implicando a grave rejeição social para a mulher. Nesse contexto, a intelectual lutava contra a “moralidade simulada e conservadora da sociedade” que, com suas severas convenções de opressão, impunha a dependência do marido para preservar a posição das famílias da elite, com o poder de controlar o destino das mulheres.

Pretendemos apresentar recortes da narrativa e sua representação no contexto histórico social que se centrava na propriedade, acentuada pela imagem de família santificada. A narrativa tece críticas ao Estado e a Igreja e desnuda valores doutrinários- moralistas da sociedade brasileira daquela centúria. Por fim, iremos traçar algumas reflexões sobre as implicações do divórcio, além da publicação de Andradina que traz em seu texto uma carga emocional, mas transgressora uma vez que questiona os valores tão marcadamente tradicionais. A reflexão é pertinente na atual sociedade que tem parte cultora de princípios conservadores com objetivos de retorno de

padrões mais tradicionais, apontando a relevância do retorno aos debates públicos.

O Romance *Divórcio?* a tese transgressora de Andradina

Em meados do século XIX, meninas prematuras de doze e treze anos eram casadas pelos pais com homens geralmente muito mais velhos. Eram casamentos arranjados que se centravam na propriedade e tinham objetivo de preservar e aumentar a fortuna das famílias das elites. Os consórcios eram acordados entre aliados políticos, comerciantes e grandes proprietários de terras e escravos. Cabia à esposa gerar muitos filhos, cuidar da casa, submeter-se à autoridade do marido que cuidava de sua honra e da honra familiar. A obesidade e o envelhecimento chegavam às mulheres aos 20 anos em plena maturidade (HAHNER, 2003).

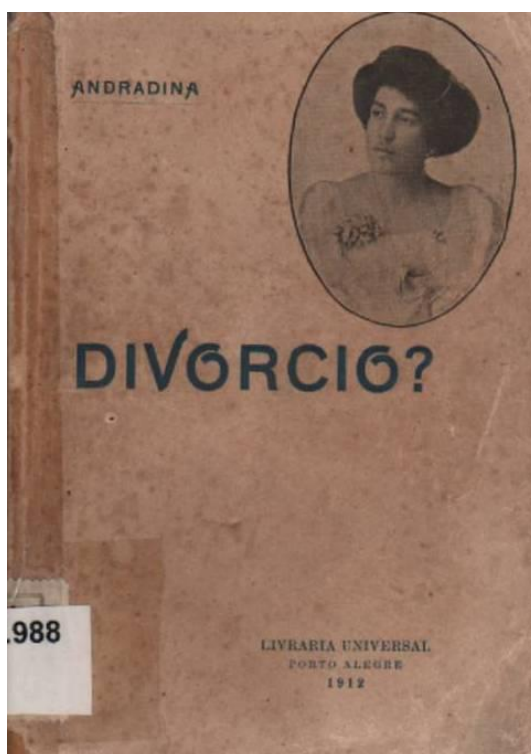
No Brasil, a lei do casamento civil promulgada pelo então governo provisório em 1890, trouxe esperanças para essas mulheres, porque “ao mesmo tempo em que começavam aparecer na imprensa as notícias sobre a obrigatoriedade do casamento civil, tem início também as manifestações sobre a possibilidade da implantação do ‘divórcio vincular’ – a possibilidade de um novo casamento” (SENNA, 2002, p. 67). Entretanto, mesmo com a separação legal entre a Igreja e Estado, levado em conta pela Constituição

de 1891, o catolicismo se opôs firmemente à legalização do divórcio no país.

Neste cenário, poucas feministas tomaram o tema como questão maior, porque a o desquite, “a separação do leito, mesa e habitação”, possível em determinadas circunstâncias, já era uma solução satisfatória para algumas das mulheres. (HAHNER, 2003) Poucas, mas nem todas estavam satisfeitas com a separação de corpos. O “divórcio pleno”, que desfazia o vínculo matrimonial e permitia aos pares constituírem nova família, era conquista a ser alcançada.

No começo do século XX, feministas como Mirtes de Campos²⁵, a primeira a exercer a advocacia no Brasil, Inês Sabino, Carmem Dolores e Francisca Clotilde defenderam publicamente a legalização do divórcio pleno, apoiando as ideias de emancipação das mulheres. Aliada ao grupo, Andradina, no sul do país, coloca o divórcio como assunto relevante no seu trabalho e luta firmemente pela sua legalização. Formadora de opiniões, publica o romance tese *Divórcio?* em 1912, conforme figura 1:

Figura 1 - Capa original (Acervo da Biblioteca Rio-Grandense)



O romance questiona o casamento como questão intrínseca da organização social e critica os efeitos do seu caráter de

indissolubilidade que, segundo a autora, é consequência imoral e desastrosa para as relações humanas.

²⁵ No dia 22 de setembro de 1907, “mereceu atenção da referida folha rio-grandina [o Diário do RioGrande] a carta que a Exma. Sra. Dr.^a Mirtes de Campos, bacharel em direito e propugnadora

do divórcio, endereça ao último dos escritores católicos; a bacharel foi responsável pela defesa da lei do divórcio do Instituto dos Advogados no Rio de Janeiro” (SENNÁ, 2002, p. 79).

Em estilo epistolar, o romance é narrado por inúmeras personagens que contam várias histórias a partir de vinte e cinco cartas cujos remetentes e destinatários são múltiplos. Homens e mulheres denunciam os graves problemas de convivência conjugal tais como infidelidade, maus-tratos, difamação e abandono; todos infortúnios efeitos de casamentos malsucedidos.

Andradina critica a sociedade que “em tudo se macula e em tudo se enxerga o vício, a imoralidade”, (2007, p. 30) onde “a mulher é sempre condenada!” (2007, p. 30)²⁶, desabafa. Os matrimônios indissolúveis pela natureza sacramental e jurídica são a condição da sustentação dos depoimentos dramáticos no livro.

Em primeira página, a autora registra uma nota cuja composição vem a ser muito mais do que uma dedicatória, mas um reconhecimento público “àquele espírito superior que teve revoltas santas para todas as justiças” (2007, p. 25). Trata-se de referência feita à Emilia Moncorvo Bandeira de Melo, ou Carmen Dolores²⁷, “A grande evangelizadora”, título em que a autora reafirma seu compromisso com lutas pela valorização da mulher, declarando que: “eu, sofredora campeã do Feminismo, aqui, neste espaço pujante do Brasil, que é o Rio Grande do Sul, a minha terra! [...] tenho ao menos o mérito da sinceridade de uma alma bem irmã da sua” (2007, p. 25).

Segue-se uma espécie de prólogo com uma carta aberta à sociedade em que a autora faz um chamamento às mulheres e aos homens do meu país (2007, p. 27). O tom vocativo expõe e sustenta um conjunto de argumentos sobre o divórcio como “uma questão de urgente atualidade brasileira”. Consciente da luta contra a “moralidade simulada e conservadora da sociedade”, a carta logo adverte: “Abri-o sem medo: é um livro moral” (2007, p. 27). Reitera, nas linhas seguintes, que o livro é “moral porque é sincero [...] moral porque o vivifica um intenso e nobre ideal; moral porque é puro, oriundo de uma das nossas mais dolorosas necessidades sociais...”. Ciente da difícil cruzada, consciente da forma ousada de apresentar suas ideias, a autora diz: “atiro-o, inteiramente, à publicidade” (2007, p. 27). Mesmo o prólogo sendo uma citação longa, consideramos imperioso resumir alguns pontos:

Quando se ergue essa questão, eles, os antividuorcionistas, saltam em arreganhos de ofendidos melindres, numa cômica bancarrota da lógica e empurram para a frente os velhos chavões da dissolução da família, da situação dos filhos, da depravação dos costumes, dos motivos religiosos.

[...]

Dissolução da família? - Ela está de fato dissolvida desse que o adultério, seja

²⁶ Quando tratarmos especificamente sobre citações da narrativa de o Divórcio?, a identificação do romance será feita apenas pelo ano e pelo número de páginas.

²⁷ Com reconhecido talento como escritora, contista, cronista, dramaturga e colunista do periódico O País, a intelectual também

foi grande batalhadora na luta pela educação e pela luta da implantação do divórcio no Brasil, conforme já referenciamos. Contemporâneas nas lutas, Andradina ofereceu-lhe o seu livro À grande evangelizadora que tinha recentemente falecido, em 1910.

do homem, seja da mulher, nela penetrou.

[...]

Motivos religiosos? - Esses são mais sérios. [...] O casamento é contrato ou casamento? Na primeira hipótese, todo o contrato supõe um possível distrato. Na segunda, a Igreja ergue-se do seu formalismo para decretar a indissolubilidade! [...]

Condenar a mulher e o homem, já divorciado, e que experimentem um novo afeto, a passar a vida sem gozar a aventura de se unirem legalmente, publicamente, moralmente ao ente querido, não é um monstruoso crime, cometido em nome da mais sublime das religiões – a religião do Amor e do Perdão??! [...] Não rasga o padre, muitas vezes, a batina e não vai construir à face da sociedade o seu ninho de amor??

[...]

Aqueles que como eu, acreditem firmemente na realidade do progresso moral, na evolução humana, não porão mesma dúvida em admitir que o divórcio seja um estado transitório e que, com o aperfeiçoamento das espécies, daqui a uns tantos séculos terá, talvez, desaparecido a sua necessidade (2007, p. 27-33).

As cartas numeradas até o número vinte e cinco são fragmentos e impressões de personagens que falam de si e de suas dores. Cartas que formam um conjunto memorial de agravos em dramas comuns de cônjuges “que se submetem a cristãmente aos infernos dos casamentos *mal assortis*²⁸ [sic] (2007, p. 29).

Como um lado épico da verdade, a autora anuncia que o livro é um *livre à clef* (2007, p. 27), isto é, as personagens remetem a pessoas reais com nomes fictícios, pois, não há um “que não tenha sido copiado *d’après nature*” (2007, p. 27) – da realidade.

Os textos-cartas são precedidos por epígrafes escritas por personalidades não fictícias, como Carmen Dolores, Balzac, Coelho Neto, João do Rio, Tolstoi, entre alguns nomes ilustres que são encarregados de um pré-texto, como um ponto de apoio ao texto que segue. Tomamos como exemplo a carta de número dezoito:

O mais maravilhoso dos livros é o do amor.

Goethe

O amor é um grande sol. E ele é que faz famosa a natureza.

Coelho Neto

Seguimos com o exemplo da missiva de número dezoito (18) que é a resposta de Velúnia para a amiga Branca, quando narra sua experiência com um novo afeto; lemos: “Eu estou ligada a Eurico à face da natureza e, portanto, à face de Deus [...]. Chamamolo o Amor e ele sorri. O caso é que me fez

²⁸ Mal assortis- em que os cônjuges não combinam e não se entendem, tradução da própria escritora.

olvidar aquele passado de vergonha em que, ao lado de um marido infame, eu nada valia” (2007, p. 119). Ao desabafo, segue-se o tom poético: “Qual lindo pássaro alvissareiro entrou-me em casa, a cantar a tua ternura, de envolta mesmo com os aromas do jasmineiro e laranjais floridos e das rosas que, numa orgia casta, se multiplicam e seduzem, lá pelo jardim, onde as borboletas e os colibris com elas se inebriam” (2007, p. 118), próprio do discurso literário.

A carta de número dezessete (17) tem como remetente Marina e se destina aos pais. Ela narra sua má sorte de ser “vendida” aos dezessete anos a um septuagenário:

Tenho sob os olhos febris a vossa carta. Onde me ordenais que deixe esta cidade, para não vos envergonhar e às minhas irmãs. Perdoai se não vos obedecer (...). É talvez esta, a última missiva a endereçar-vos, e, portanto, ouvi:

Das minhas irmãs foi eu a escolhida por este libertino celibatário que levava os melhores dias da existência comprando a honra das pobres donzelas, que iam depois engrossar a fileira das meretrizes. Foi um comércio infame! (...) minha desgraça, o resultado de um castigo aceito pela sociedade. (...). Quando me achei, altas horas da noite, na vasta e luxuosa alcova nupcial (...) parecia-me a câmara de um cemitério...o leito um sepulcro (...) Bárbaro que fostes, imolando a aurora da minha carne..(...) Ele agradecia-vos com um punhado de ouro, o presente do meu corpo novo.

(...) Que fazer senão abandonar o libertino barão para ser toda, sem hipocrisia e mentiras, daquele que compadecido com meu infortúnio a que me votastes, nos seus beijos juvenis me desvendou o verdadeiro paraíso.

(...) Que soberba eu passarei por vós pelo braço do meu verdadeiro marido, do homem a quem me liguei honestamente, porque me liguei pelos mais nobres dos afetos, o amor!

Vossa filha

Marina.

A carta é uma experiência de leitura que nos tira do conforto sobre a vida. Abaixo da superfície e atrás das paredes, o ser humano com toda a sua miséria exhibe o retrato de uma mulher sob o domínio do patriarcado no início do século XX. O texto mostra como esse feminino se expõe numa escrita epistolar de resistência.

Conquanto em algumas das cartas a escritora aponte os graves problemas de desigualdades sociais nos domínios civis, econômicos e das convenções conjugais, em outras ela traça um quadro comparativo entre a educação dos meninos e das meninas, que seria, para a autora, a raiz de todos os problemas. É o exemplo da carta de número vinte e dois: “A mulher é uma criatura desgraçada? Em minha opinião, muito desgraçada, desde o berço! [...] O homenzinho vai, desde logo, se arvorando em protetor: a mulherzinha vai se encolhendo na sua posição protegida. A mãe inconsciente, ignorante, acentua a distinção” (2007, p. 137).

Por fim, o livro traz um texto contendo uma história das interpretações de todas as cartas publicadas, como se fosse a reprodução do eco de todas as vozes em uma única Súplica, título da página final. Nesta, uma narradora apenas identificada como “aquela que muito padeceu” é a voz da enunciação e traz, igualmente, um discurso de testemunho²⁹. Tal discurso é um produto que marca a subalternidade na voz: “Mártir excelsa, que há vivido a grande vida dos séculos imersa na noite da ignorância, na agonia, suprema da opressão!...” (2007, p. 164).

Desde o final do século XIX, deputados que apoiavam as feministas mantinham acirradas campanhas no governo. O primeiro foi o deputado Érico Coelho em 1893; depois em 1900, o senador Martinho Garcez; em 1908 foi a vez de Virgílio de Sá Pereira; e em 1910, o projeto do deputado Floriano de Britto. Todos tiveram seus projetos rejeitados pelo Legislativo Federal. Outras campanhas persistiram por longas décadas, mas sem êxito.

Em 1912, transitava mais um projeto no Congresso Nacional e Andradina de Oliveira escreve *Divórcio?*, obra reivindicatória em um mês, inserindo-se na campanha. Até 1916, seguiram-se os debates públicos, mas sem resultado concreto. Para a feminista o que dissolvia as famílias era o adultério, o concubinato dos maridos fora

dos lares e os interesses do mercado matrimonial. O divórcio pleiteado por todos veio a acontecer no Brasil somente em 1977.

A intelectual teve uma relevante atuação na sociedade de seu tempo. A contribuição significativa de suas ações na formação da opinião pública recebeu notório reconhecimento do então Deputado Floriano Britto:

Câmara dos deputados

Talentosa e eminentíssima Patrícia

Muito e respeitoso saudar.

Só agora acuso, agradecendo penhorado, o recebimento do seu livro propaganda DIVÓRCIO? e do seu curioso romance O PERDÃO. Cujo valor que me devia merecer uma leitura demorada, atenta, explica a demora desse meu tardio, porém efusivo reconhecimento.

Houvesse dez mulheres, com o talento, o preparo estético e o espírito liberal da eminente Patrícia, e a nossa luminosa Cruzada se transformaria, em breve, numa vitória deslumbrante.

Não esmorecemos porem, na refrega que bem merece a causa e é certo o dia do triunfo.

Envio-lhe um exemplar da justificação com que amparei na Câmara a apresentação do projeto.

²⁹ Etimologicamente, um “testemunho” é alguém que toma parte de um processo ou, nesse contexto, ela toma parte numa linguagem de senso comum, portanto, tal expressão é tomada como sinônimo de “identidade” partilhada pelo mesmo grupo. O conceito de identidade aqui é um conceito posicional, tomado de

empréstimo de Stuart Hall (2000), segundo o qual “as identidades são construídas dentro e não fora do discurso; nós precisamos compreendê-la como produzidas em locais históricos específicos” (p.109).

*Beijando-lhe as mãos sou seu humilde
patrício e admirador.*

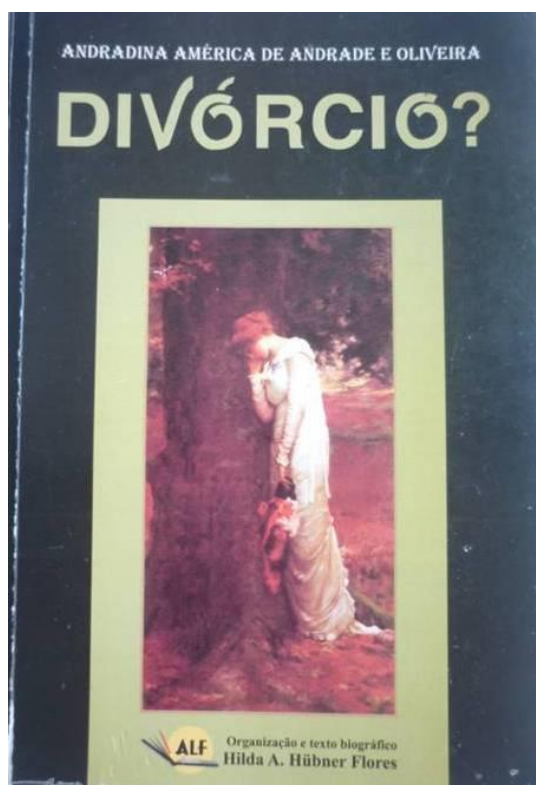
Floriano Britto.

*12 de outubro de 1912 (OLIVEIRA,
1958, p. 112).*

clássicos da literatura do gênero, no que desnuda valores doutrinário-moralistas próprios da sociedade brasileira de um século atrás”(2007, p. 18). Pela relevância dessa publicação, o livro foi reeditado em 2007, conforme figura 2:

Segundo a historiadora Hilda Flores, *Divórcio?* foi “considerado como um dos

Figura 2 - Capa da reedição de Divórcio? (Acervo particular)



A reedição teve acréscimo à obra original com uma “Apresentação,” uma “Biografia de Andradina” e um “Sumário”, além de atualização da ortografia.

A reedição se deu através do projeto “Memorial Feminino” da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, instituição

onde Andradina foi Patrona da cadeira n. 11, pelo relevo nas letras rio-grandinas. A reedição conta com a organização da historiadora Hilda Agnes Hubner Flores, que presta valiosa contribuição nas pesquisas sobre as mulheres do século XIX, no Rio Grande do Sul.

2. Algumas Considerações

Desde as narrativas bíblicas, em diferentes momentos e em diferentes séculos houve movimentos que pensaram as relações homem-mulher a partir das questões morais e religiosas, com o objetivo de situar as mulheres “virtuosas” em casa, propondo um modelo materno. A subordinação e a maternidade apagam o pecado de Eva e a alma transgressora torna-se para a Igreja a restauração, o modelo cristão.

Com o jogo de poder entre o Estado e a Igreja, a maternidade é vivida como uma tarefa cívica e religiosa, respectivamente. Moral e virtude são qualidades pelas quais cada uma responderá perante Deus. Mesmo o afastamento entre Igreja e Estado depois da Constituição, não afasta das mulheres o espírito do sacrifício, abnegação e submissão. No centro das questões, continuam a se impor casamentos entre idades muito diferentes e o marido a ter a custódia da mulher e dos bens num sistema que dominava o mercado de matrimônios.

Com o divórcio a mulher emancipou o homem e inversamente. Foi um ato libertador para ambos. O casamento não poderia ser lugar fundado na desigualdade e de imutabilidade das relações entre homens e mulheres. A partir do divórcio houve novo vínculo estabelecido entre família e sociedade, principalmente na relação de força do patriarcado na questão do direito, mais do que o poder.

A história ainda é incompleta. As mulheres ainda lutam pela igualdade de direitos. Algumas sociedades ainda impõem vigilância no seu comportamento cotidiano das mulheres. Andradina América de Andrada e Oliveira teve muita consciência sobre as questões femininas sempre revisitadas ao longo de muitas gerações que a partir dela se seguiram. A intelectual feminista utilizou a Literatura como um mote de reflexão sobre a oposição do divórcio pela igreja enfatizando que casamentos arranjados eram a causa de violentas desilusões matrimoniais, de preconceitos e abandono, mas celebrados como santo sacramento, o que para ela era um “remédio doloríssimo amargo”. Seu projeto literário teve intenção de se colocar na interseção entre o individual e coletivo, do público e o privado, trazendo em seus textos-cartas todo o significado do drama de um projeto de nação estabelecido através de um processo de simbolização.

Muitas histórias poderiam ser contadas no livro, além das 25 cartas, para ilustrar as relações desastrosas dos casamentos arranjados, da dependência das mulheres e o abandono de si mesmas, numa elite afinada aos moldes de uma educação tradicional. Andradina que contou histórias, romanceou, funcionalizou a realidade, tornou a questão do divórcio uma reflexão indispensável nos primórdios do movimento no Brasil.

Na atualidade, o casamento volta a ser debate público. “A bela, recatada e do lar” uma vez mais reverbera ecos do passado. Sarcasticamente, tenta-se audiência com as pequenas organizações defensoras da tradição, especialmente voltados à honra familiar, com o discurso de que o

comportamento da mulher é uma ameaça para a vida das famílias. Mais uma vez, emerge assunto para um debate social, lugar para trazer à tona mulheres como Andradina de Oliveira e sua luta do início do século XX.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Jorge de Souza. (1999). Perfil do leitor colonial [Colonial Reader Profile]. Ihéus: Editus.
- GAUTÉRIO, Rosa Cristina Hood. (2015). Escritório, Andradina de Oliveira e sociedade (s) Entrelaços de um legado feminista [Escritório, Andradina de Oliveira and society (s) intertwined with a feminist legacy] [Tese de doutoramento, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório da Universidade Federal de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158435>
- OLIVEIRA, Andradina de. (2007). Divórcio? [DIVORCE?]. Hilda Agnes Hubner Flores (org). Porto Alegre: Ediplat; Florianópolis: Editora Mulheres.
- VAQUINHAS, Irene. (2006).As mulheres no mundo contemporâneo: história comparada [Women in the contemporary world: comparative history]. Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra. Coimbra. (Coleção Estudos 60).
- HAHNER, June Edith.(2003). Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940) [Female emancipation: the fight for women's rights in Brazil (1850-1940)]. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- HALL, Stuart. (2000). Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org e trad). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais [Identity and difference: the perspective of cultural studies] (pp 102-133) Petrópolis: Vozes.
- SENNA, Adriana Kivanski de. (2002). O Casamento e o divórcio nos jornais rio-grandinos: (1889-1914) [Marriage and Divorce in the Newspapers rio-grandinos (1889-1914)]. Rio Grande: Ed: FURG.
- VASCONCELLOS. Eliane. (2008). Intimidade das confidências[Intimacy of Confidence]. Teresa, Revista de Literatura Brasileira, v. 8, n. 9, São Paulo (pp.372-389).

BIBLIOGRAFIA



A escrita de Andradina de Oliveira: testemunho de época

The writing of Andradina de Oliveira: a testimony of the time

Salete Rosa Pezzi dos Santos 

Universidade de Caxias do Sul

srsanto@ucs.br

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Histórico:

Submissão | Received: 28/09/2021

Aprovação | Accepted: 13/11/2021

Publicação | Published: 19/03/2022



RESUMO

Este artigo discorre sobre a escritora oitocentista sul-rio-grandense Andradina de Oliveira, que se notabilizou não somente pela qualidade e pluralidade de sua produção intelectual, como também pela defesa aos direitos femininos que empreendeu por meio de sua escrita. Pouco reconhecida pela historiografia literária oficial, teve seu nome referendado em revistas e jornais de então, dos quais também participou como colaboradora, entre eles o Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (Lisboa), importante anuário que concorreu para o desenvolvimento da literatura sul-rio-grandense, divulgando escritos de autores oitocentistas.

Palavras-chave: Autora oitocentista sul-rio-grandense, Escrita de vanguarda, Recepção, Almanaque de Lembranças luso-brasileiro, História, História literária

ABSTRACT

This article presents the 19th-century writer from Rio Grande do Sul Andradina de Oliveira, who was noted not only for the quality and plurality of her intellectual production, but also for the defense of women's rights through her writing. Little recognized by the official literary historiography, her name was endorsed in magazines and newspapers of the time, in which she also participated as a collaborator, among them Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (Lisbon), an important yearbook that competed for the development of literature from Rio Grande do Sul, disseminating writings by nineteenth-century authors.

Keywords: 19th century South-Rio Grande do Sul author, avant-garde writing, reception, Luso-Brazilian Souvenir Almanac, History, Literary History

Quando, no século XIX, as nossas primeiras escritoras, timidamente, ocultando-se em pseudônimos, temerosíssimas da opinião, masculina dominante, tentaram publicar suas narrativas, tudo era visto com muita delicadeza como obras de senhoras e equivalendo-se ao crochê, tricot, bordado ou culinária, mas atrás desse artesanato, existiram vozes que se fizeram ouvir até o dia de hoje...

Zahidé Lupinacci Muzart (2011)

1. Introdução

O universo das letras sul-rio-grandenses como também de outras Províncias brasileiras, no século XIX e primeiras décadas do século XX, contou com significativa produção de escritoras, entretanto, historiadores da literatura, com raras exceções, não lhes dedicaram espaço em seus escritos, num processo tão costumeiro, que não ocorria questionar por que mulheres escritoras não eram mencionadas, ou raramente o eram, o que suscitava uma contínua naturalização dessa prática. Constatações como essas derivam de uma série de pesquisas realizadas no país, a partir das últimas décadas do século XX, momento em que a Academia passa a estimular estudos relevantes nessa área, em cursos de graduação e pós-graduação, ensejando iniciativas de resgate de obras de escritoras oitocentistas. Desse modo, foi possível identificar mulheres de letras que conseguiram posicionar-se criticamente em relação às circunstâncias que as cercavam, acreditando poderem cumprir o script para o qual a sociedade as destinava, e, ao mesmo tempo, realizar

outros projetos de vida. Em vista disso, ao lado da produção literária aceita pela crítica oficial, surge um novo cenário cultural brasileiro, constituído por nomes de mulheres que compuseram o quadro literário de escritoras da época, estimulando que mais investigações fossem levadas a efeito, como também se efetivassem outras iniciativas consideráveis para alargar a escrita da história das letras no Brasil. Consoante essas considerações, é importante ter em mente o Grupo de Trabalho Mulher na Literatura, constituído em 1984, assim como a Associação Brasileira de Literatura Comparada, em 1986, que consolidaram a investigação em torno de questões relativas à mulher, sua representação e atuação na literatura como foco legítimo de pesquisa. Esses Grupos de Trabalho surgiram no bojo da ANPOLL, fundada em maio de 1984. A partir da primeira iniciativa de mobilização, que ocorreu na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em julho de 1985, novos e seguintes seminários foram

implementados, expandindo a articulação nacional entre pesquisadores. Assim, em 2015, dando continuidade a essas ações, a Universidade de Caxias do Sul realizou o VII Seminário Internacional Mulher e Literatura e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura, cuja temática versou sobre Mulheres de Letras - do oitocentismo à contemporaneidade: transformações e perspectivas, ocasião em que foram homenageadas as escritoras oitocentistas Luciana de Abreu, Amália dos Passos Figueirôa, Luísa de Azambuja, Revocata dos Passos Figueirôa de Melo, as quais integraram a Sociedade Partenon Literário (1868-1884).

Nesse percurso, mais recentemente, a partir de um edital da CAPES em prol de pesquisas no âmbito da memória brasileira, desenvolveu-se o importante Projeto de Pesquisa “Retratos de Camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses” (2016), sob a coordenação de Maria Eunice Moreira, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e a Universidade de Caxias do Sul (UCS), o qual culminou na publicação da obra Retratos de Camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses (2020), com a organização de Maria Eunice Moreira. Constituíram o corpus dessa pesquisa onze escritoras oitocentistas sul-rio-grandenses que tiveram textos seus divulgados, entre os anos de 1873 e 1903, no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, anuário

editado em Lisboa por um período de oitenta e um anos, de 1851 a 1932, em oitenta e seis volumes, devido a algumas edições suplementares. (SCHLEE, 2014, p. 10). Indiscutivelmente, o feito dessas escritoras foi memorável, uma vez que a literatura sul-rio-grandense tardou a se firmar como tal, só conquistando maior representatividade no momento em que surge, em Porto Alegre, a Sociedade Partenon Literário (1868-1884), uma vez que, antes disso, os intelectuais contavam primordialmente com periódicos que destinavam espaços para suas publicações, surgindo, mais tarde, jornais literários para tal fim. No ano seguinte à sua fundação, a entidade lança a Revista Mensal do Partenon Literário, espaço privilegiado para a edição de textos de letras. Também os discursos proferidos na tribuna do Partenon eram publicados na Revista e tinham por meta a educação, em especial, da mulher, prestigiando o seu papel social, entretanto poucos nomes femininos constam no quadro de filiados.

É importante destacar que, conquanto seja uma das intelectuais que não participou dessa academia, a escritora oitocentista sul-rio-grandense Andradina América Andrade de Oliveira, com seus escritos, suas aulas, suas conferências, trilhou o caminho de notável defensora dos direitos humanos, advogando em defesa da mulher, incitando-a a considerar sua capacidade de luta por direito à educação, ao trabalho fora do lar, ao voto, à cidadania.

2. Andradina de Oliveira: uma voz do sul no cenário das letras

Andradina América Andrade de Oliveira³⁰ nasceu em Porto Alegre, em 12 de junho de 1864³¹ e faleceu em São Paulo, em 19 de junho de 1935. Filha de Joaquina da Silva Pacheco e de Carlos Montezuma de Andrade, iniciou os estudos na escola da escritora porto-alegrense Luciana Teixeira de Abreu (1847-1880). Formou-se no curso de magistério na Escola Normal de Porto Alegre, posteriormente, Instituto de Educação General Flores da Cunha - o mais antigo liceu de ensino secundário e de formação de professores da cidade. Quando falece o pai, a família passa a viver em Rio Pardo com os parentes maternos e lá, ainda jovem, casa-se com o paraibano Augusto Martiniano de Oliveira, oficial do exército brasileiro, Alferes do 12º Batalhão de Infantaria de Rio Pardo. Em 1888, quando falece o marido, Andradina assume a responsabilidade de manter o lar, e sua formação no magistério lhe permitiu trabalhar na área, além de dedicar-se à literatura e ao jornalismo. Andradina também foi conferencista, biógrafa, teatróloga, poeta, contista, romancista, e, muito cedo, suas obras vinham a público, marcando sua trajetória no universo das letras. De acordo com Flores (2007, p. 16-17), no período entre 1915-1920, Andradina de Oliveira e a filha Lola de

Oliveira empreendem uma viagem cultural, percorrendo o Uruguai, a Argentina, o Paraguai e também o estado de Mato Grosso. Enquanto a autora proferia palestras e conferências, a filha comercializava suas telas e ministrava aulas de desenho e pintura. Assim, o trabalho intelectual lhes valeu a subsistência, fato não comum na época em relação ao comportamento feminino, caracterizando-se a atuação da escritora pela coragem e espírito de vanguarda. Flores (2007) ainda informa que, após esse período, mãe e filha residem temporariamente em Jaú, transferindo-se, posteriormente, para Ribeirão Preto, município do interior de São Paulo, local em que Lola estreia nas letras com a obra *Ametistas* (1922). No prefácio da obra, transparece a emoção de Andradina, que fala não somente para a artista, mas principalmente para a filha:

Minha filha

Vai sozinha com as tuas Ametistas! Elas têm um brilho doce e triste e não ofuscarão o lampejar entontecedor das estrofes peregrinas dos lapidadores da rima. As tuas Ametistas são singelas como a tua grande alma de artista. Vai, minha adorada companheira de Arte e de Saudade, sozinha com os teus versos! Se na tua estrada os espinhos te ferirem os pés mimosos, lembra-te que tens o peito de tua mãe para

³⁰ Encontram-se diferentes designações para a escritora, tais como Andradina de Oliveira, Andradina América Andrade de Oliveira, Andradina América de Andrade(a) e Oliveira, Andradina de Andrade e Oliveira.

³¹ Também ocorrem divergências quanto à data de nascimento da escritora: FLORES, H. A. H. (2011), e SCHUMAHER, S. e BRAZIL, É. V. (2000) apontam a data referida neste texto. SCHMIDT, R. T. (2004) indica a data de 12 de junho de 1870, e VILLAS-BÔAS, P. L., a data de 12 de julho de 1878.

*repousares a tua fronte sonhadora e
haurires novas forças para a luta... (In:
FLORES, 2007, p. 17).*

...

Sem maiores notícias dessa época, sabe-se que Andradina de Oliveira foi presa durante a Revolução Constitucionalista de 1932, o que desencadeou insanidade mental, levando-a à morte em 1935, aos 71 anos de idade, na cidade de São Paulo.

De acordo com registros, a escritora auferiu uma educação primorosa, o que é possível atestar em seus escritos. No romance *O perdão*, por exemplo, observa-se o uso de vocábulos da língua francesa, permeando, principalmente, a fala da narradora, como também o conhecimento da música erudita europeia pelos membros da família Souza. Quando as filhas do fazendeiro Leonardo de Souza – todas habilidosas musicistas, juntamente com o pai e a mãe Paula – organizam um programa para o concerto familiar, obras de Mozart, Rossini, Donizetti, Chopin, Wagner, Gounod dão vida às vozes e aos instrumentos musicais. Depois de interpretar a Ária das joias, da ópera *Fausto*, de Charles Gounod, Estela – a primogênita do clã – é aplaudida com entusiasmo pelos familiares, enquanto o pai lhe diz: "Se fosses para o teatro nem Haricléé Darclé³² nem Patti³³ te excederiam." (OLIVEIRA, 2010, p. 51). Termos do francês também estão presentes em outras produções da escritora, bem como se verifica a

familiaridade com filósofos, escritores, juristas, pensadores estrangeiros e brasileiros e figuras da mitologia. É possível, apenas para citar alguns, deparar-se com filósofos como Diógenes (Grécia, 413-327 a. C.), Auguste Comte (França, 1798-1857), Friedrich Nietzsche (Alemanha, 1844-1900); com escritores como Alphonse Lamartine (1790-1869), Honoré de Balzac (1799-1850), George Sand (Aurore Dupin, 1804-1876), Alexandre Herculano (1810-1877), Fiodor Dostoiévski (1821-1881), Henrik Ibsen (1828-1906), Émile Zola (1840-1902), Antônio Coelho Rodrigues (1846-1912). Destacam-se ainda elementos mitológicos, como na obra *Divórco?*, que são usados para evidenciar argumentos, presentes não só na abertura – "Às mulheres e aos homens do meu país" – com que a escritora conclama seus leitores a lerem aquelas páginas, como também nas cartas que compõem a obra. A exortação é uma defesa enfática ao divórcio, com argumentação que incita os leitores a abrirem o livro sem medo, pois "é um livro moral." [...] "É vã toda a grita que contra ela [questão do divórcio] levantam os conservadores, tropeçadamente arrimados ao bordão das velhas convenções. Causa dó a sua argumentação falha em prol da indissolubilidade matrimonial que vai fazendo, para muitos casais, do leito conjugal, o leito de Procusto." (OLIVEIRA, 2007, p. 28). Na carta 16 da mesma obra, Clotilde, ante a angústia da filha Anita que se descobre traída pelo marido, escreve-lhe e lhe pede que reflita sobre a posição

³² Hariclea Darclée (1860-1930), famosa soprano de origem romena.

³³ Adelina Patti (1843-1919), renomada cantora de ópera italiana.

da mulher separada na sociedade brasileira que “é um Argus para a desquitada nessas condições, principalmente se ela é pobre.” (p. 108). Lembra que até os assassinos, os monstros de crimes passionais, voltam da casa de correção e são “acolhidos carinhosamente pela sociedade!... Mas a desquitada... Para esta há a repulsa eterna!... [...] E há de, neste suplício de Tântalo, ir morrendo aos poucos, da morte mais triste, a morte da alma...” (p. 110). São conhecimentos que facultaram à escritora oferecer aos leitores uma escrita inteligente, instigante e sempre atual.

Considerando-se, presentemente, a produção intelectual da ficcionista, é natural que se legitime assegurar-lhe um lugar no cenário das letras, embora não tenha sido referendada por muitos historiadores literários brasileiros. São pesquisadores de renome, que fizeram parte de um contexto no qual não se reconheceu a capacidade da mulher para as letras. Entre outros, citam-se Araripe Junior (1848-1911), Sílvio Romero (1851-1914), José Verissimo (1857-1916), Ronald de Carvalho (1893-1935), João Pinto da Silva (1889-1950), Lúcia Miguel-Pereira (1901-1959), Nelson Werneck Sodré (1911-1999), Alfredo Bosi (1936-2021). João Pinto da Silva, em sua obra *História literária do Rio Grande do Sul* (1930), enfatiza não haver, “nos fastos da atividade espiritual do Rio Grande do Sul”, nenhum nome expressivo de prosadores e poetas e direciona seu reconhecimento ao

Partenon Literário, fundado em Porto Alegre, aos 18 de julho de 1868, desconsiderando produções já realizadas até essa ocasião, como as de Andradina de Oliveira, editadas no século XIX. Também é interessante retomar o ocorrido com a pesquisadora Lúcia Miguel-Pereira que, em 1951, publica o artigo “As mulheres na literatura brasileira”, no qual menciona a *História da literatura brasileira*³⁴, de Sílvio Romero, frisando o lugar restrito reservado às escritoras. É notória a percepção de Miguel-Pereira em relação aos estudos literários brasileiros que continuavam a privilegiar a produção intelectual masculina. Apesar dessa lúcida constatação, quando, em 1957, é publicada a segunda edição de sua obra *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*³⁵, Miguel-Pereira corrobora o comportamento de outros historiadores literários, uma vez que o espaço que destina às escritoras mulheres é irrisório. A obra apresenta um período de cinquenta anos de história da literatura brasileira, época em que Andradina de Oliveira estava intelectualmente ativa, no entanto não se encontra nenhuma referência à escritora. E isso chama especial atenção, levando-se em conta que, no prefácio dessa edição, a autora esclarece ter procurado tornar esse escrito muito mais informativo, corrigindo possíveis falhas anteriores.

O historiador Guilhermino César, em sua clássica *História da literatura do Rio Grande do Sul* (1956), refere Andradina de Oliveira entre outros escritores “que

³⁴ Levantamento literário que abrange a vida intelectual do Brasil desde o período de formação de nossa literatura até fins do século XIX.

³⁵ A edição *princípios* data de 1950.

incidentemente escreveram teatro, nas diferentes fases por que este passou no Rio Grande...” (1956, p. 267). Quando o pesquisador fala do grupo regionalista, cita-a como autora da obra *O perdão* (1910), todavia não é apontada no grupo de autores naturalistas, em que são privilegiados nomes como Raul de Villeroy e Mário Santos. Regina Zilberman, em sua obra *A literatura no Rio Grande do Sul* (1992), apresenta a ficcionista em apêndice do livro, no qual aparecem data, fatos da história do Rio Grande do Sul, autores da Literatura Brasileira, autores sul-rio-grandenses e suas produções, e Andradina de Oliveira aparece no quadro com três obras: *Preludiando* (1897), *A cruz de pérolas* (1908) e *O perdão* (1910).

Percebe-se que estudos atuais são determinantes para trazer ao conhecimento a história e a trajetória intelectual de mulheres oitocentistas, desmentindo o que filósofos como Fichte (1762-1814), Hegel (1770-1831), Comte (1798-1857) propalavam sobre a incapacidade intelectual da mulher. Investigações efetivadas sobre Andradina de Oliveira, por Rita Terezinha Schmidt (2004, p. 839-840) e Hilda Agnes Hübner Flores (2007, p. 21-22), indicam, entre outras realizações da escritora, as obras publicadas no período entre 1878 e 1935, quais sejam: *Antônio conselheiro*, Porto Alegre, 1878 e São

Paulo, 1935 (drama encenado em Porto Alegre, em 1902, pelo Conjunto do Centro Artístico “Furtado Coelho”); *Você me conhece?* Rio Grande, RS (comédia estreada em 1889); *O sacrifício de Laura*. Rio Grande, RS (drama estreado em 1891); *Preludiando*. Rio Grande, RS, 1987, 170 p. (contos); *Viúva e virgem*, 1902 (drama); *Berço vazio*. Porto Alegre, 1902 (drama); *Pensamentos*. Porto Alegre, 1904 (contos); *A mulher rio-grandense: escritoras mortas*³⁶. Porto Alegre: Americana, 1907 (sínteses biográficas com retratos); *Cruz de pérolas*. Porto Alegre: Americana, 1908 (narrativas breves - Medalha de Ouro em Exposição Nacional do Rio); *Contos de Natal*. Porto Alegre: Americana, 1908 (literatura infantil); *O perdão*.³⁷ Porto Alegre: Americana, 1910 (romance); *Divórcio?*³⁸ Porto Alegre: Universal, 1912 (tese social); *O abismo*. Porto Alegre: Universal, 1912 (romance); *Consuelo*. Porto Alegre, 1915 (romance). Ainda registram a participação da autora em antologias: “Última noite de outono”. In: CARVALHO, Nelly Rezende e KRUG, Guilhermina. *Letras rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1935. p. 159-61; “À margem do Guaíba”. In: MACHADO, Antônio Carlos. *Coletânea de poetas sul-rio-grandenses*. Rio de Janeiro: Minerva, 1952. Também são apresentados títulos de conferências, tais como: “As cataratas do Iguaçu”; “A mulher não é inferior ao homem”; “A mulher através dos tempos”; O mar; e

³⁶ Schmidt (2004, p. 837) destaca que a obra apresenta a biografia de: Delfina Benigna da Cunha, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, Revocata dos Passos Figueiroa e Melo, Rita Barém de Melo, Luciana de Abreu, Maria Benedita Bormann, Maria Josefa Barreto, Marie Helena da Câmara Andrade Pinto, Leocádia Grecco, Luísa Cavalcanti Filha e Alaíde Ulrich. Andradina, com essa obra, tornava conhecida a atividade feminina neste extremo sul do país.

³⁷ Em 2010, foi publicada a “Edição comemorativa dos 100 anos da primeira edição” pela editora Mulheres (Florianópolis), com a organização de Rita Terezinha Schmidt; orelhas Salete Rosa Pezzi dos Santos; fixação do texto e notas Rosane Saint-Denis Salomoni e Anselmo Peres Alós

³⁸ A segunda edição de *Divórcio?* ocorreu em 2007, pelas editoras Ediplat (Porto Alegre) e Mulheres (Florianópolis), com a organização de Hilda Agnes Hübner Flores.

coletânea de artigos publicados no Escriúrio, intitulada *Em defesa da mulher*. Além disso, outros escritos lhe são atribuídos, embora não apresentem dados completos de imprensa: Brasil; *A condenada* (romance); *Folhas mortas* (poesia); 14 de julho; *A outra* (romance); Pátria e Bilac; *O dia e os dias*. Schmidt (2004) e Flores (2007) ainda assinalam títulos inéditos como: *O grande amor* (romance); *A crucificada* (romance); *Uma xícara de café*; *Contos infantis*; *Das minhas memórias*; *Livro de saudade*; *Crônicas femininas*; *Poucos versos*; *Dramas*; *Babel de uma alma*; *O Rio Grande do Sul*.

A autora ainda se destaca ao participar em diferentes revistas e jornais, tais como *Corymbo* (Rio Grande), *Correio do Povo* (Porto Alegre), *Jornal do Comércio* (Porto Alegre), *Almanaque Estatístico e Literário do Rio Grande do Sul* (Pelotas), *A Violeta* (Cuiabá), *Folha do Norte* (Pará), *A Mensageira* (São Paulo), *Echo do Sul* (Rio Grande), e no já referido *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (Lisboa). Das páginas desse último, recolheu-se o soneto de Andradina de Oliveira, “À hora do crepúsculo”, no qual o eu-lírico extravasa sua tristeza, fala da solidão da alma e pranteia a perda da mãe, a quem julga contemplar no trono de Deus (*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, ano 1900, p. 238, CD, p. 279):

*Quando a noite desprende o negro
manto*

*Sobre a terra que engolfa-se em
tristeza,*

*Eu sozinha contemplo a natureza,
Sentindo deslizar na face o pranto.*

*Alguma ave amorosa solta o canto
E volve ao doce ninho com tristeza,
Onde os filhos, em toda a gentileza,
A prendem com amor ardente e santo.*

*Minh'alma, palpitante de saudade
Recorda-se na triste soledade,
D'alguém que passou rápido na vida...*

*Imersa em aflitivo sentimento,
Sobe ao trono de Deus meu
pensamento*

*E julga contemplar-te, ó mãe
querida!...*

No ano seguinte, no mesmo anuário, Andradina publica um texto em que homenageia a poetisa sul-rio-grandense Ibrantina Cardona (1868-1946) com palavras elogiosas, exaltando seu valor pessoal e artístico, do qual se destacam, a seguir, alguns excertos:

*Nome vibrante, cheio, simpático, que
mais parece um pseudônimo, é o de
uma inspirada poetisa, de uma ilustre
brasileira. Ilustre pelo seu formoso
talento, pelos seus dotes morais, pela
sua culta educação. [...] Portadora do
precioso dom da simpatia, D. Ibrantina
Cardona cativa, à primeira vista, pela*

fidalgua do seu porte, pela beleza do seu rosto juvenil, pelo trato ameno. [...] Aos dezesseis anos, Ibrantina vibrou a lira de ouro e a sua ardente imaginação desferiu os primeiros voos. Em 1888, estreou a linda rio-grandense, no delicado jornal literário Crespúsculo, que se publicava na cidade de Florianópolis, revelando-se, desde logo, um temperamento genuinamente artístico e firmando os seus créditos de poetisa. [...] Em fins do ano passado, a ilustre rio-grandense publicou o seu primeiro livro de versos: Plectros. A auspiciosa estreia veio logo colocá-la a par de Francisca Júlia da Silva, Zalina Rolim, Narcisa Amália, Julieta Monteiro e outras já sagradas no batismo das letras. [...] Não posso fazer a sua crítica: as minhas insignificantes habilitações não permitem que me abalance a tão difícil tarefa. Direi, simplesmente, que aquelas duzentas e poucas páginas, que formam o bellissimo livro Plectros, impressionaram-me... [...] Canta o Amor, a Saudade, a Gratidão, todos estes nobres sentimentos que se aninham num coração moço, ardoroso e puro! Das suas poesias líricas encantam as seguintes: “No chalet”, “Violetas”, “Partida” e outras. “Primavera” é um adorável soneto! “Reuerdo”, uma página íntima de impressionante sentimentalidade, que nos confrange a alma numa doce volúpia de saudade amarga... até o pranto... Em conclusão: Plectros é um formosíssimo livro. Ibrantina tem ante si uma estrada juncada de louros; percorra-a desassombadamente, que no céu da Poesia o seu nome terá o brilho de uma estrela de primeira grandeza! (Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, ano 1901, p. 273-276, CD, p. 197-198).

Provavelmente, no século XIX, de acordo com Buitoni (1986, p. 40), não houve no Brasil, “nenhuma folha ou revista feminina

que não apresentasse parte literária.” Além dos textos literários, algumas também exibiam artigos sobre a condição da mulher e noticiário cultural. Sintonizada com os acontecimentos da época, Andradina de Oliveira funda o periódico *Escrínio*, em 02 de fevereiro de 1898, na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul. Desde o editorial do primeiro número do *Escrínio*, evidencia-se que o semanário surgia como espaço para que mais mulheres tornassem públicas suas letras:

*Surge também como um incitamento à mulher rio-grandense, convidando-a a romper o denso casulo de obscuridade e vir à tona do jornalismo trazer as pérolas de sua cultivada inteligência! O *Escrínio* aparece como um verdadeiro propagandista da instrução, do cultivo do espírito feminil. A mulher deve ser instruída, deve ser educada... (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 72).*

Palavras como essas testemunham a pertinácia da escritora e de outras mulheres oitocentistas em não aceitar passivamente o seu não lugar na sociedade de então. “Um pequeno grupo pioneiro de feministas brasileiras proclamou sua insatisfação com os papéis tradicionalmente atribuídos pelos homens às mulheres”, afirma Hahner (1981, p. 25-26). E continua: “Principalmente por meio de jornais editados por mulheres, agora esquecidos, surgidos nessa época nas cidades do centro-sul do Brasil, elas procuravam despertar outras mulheres para seu potencial de autoprogresso e para elevar seu nível de aspirações.” Com a fundação do *Escrínio*, Andradina de Oliveira, mais uma vez, atestava sua coragem, principalmente porque isso estava acontecendo numa cidade do

interior do sul do país, no século XIX. Sem dúvida, é um acontecimento marcante para as letras femininas do Rio Grande do Sul. Com o lema “Pela Mulher”, o periódico foi editado também em Santa Maria e Porto Alegre, sendo sua publicação interrompida por ocasião da morte do filho da escritora, Adalberon de Oliveira, que não resistiu à tuberculose. É um período de extremo sofrimento para Andradina, patente nas páginas do livro *Cruz de pérolas*, coletânea de narrativas breves, publicado em 1908. São páginas permeadas por uma voz narrativa que deixa vir à tona a emoção, em especial, em “Última noite de outono”, escrita junto ao leito do filho, na noite de 20 de junho de 1906. É quando os sentimentos tomam dimensão agônica, evidenciados em passagens como esta:

Há dor na fúria do vento... há dor no estraçalhamento dos frangalhos das vestes vegetais!...

Última noite de outono!

A orquestração da tempestade é cada vez mais lúgubre, assombradamente lúgubre...

Alguém passa gemendo sob o peso da água... Vai encharcado... Que frio! que frio... que frio!

E neste silêncio horrído e cruciante... e nessa noite de vigília atroz... vigília que vem vindo de quase três centenas de noites... noites de uma longura despedaçadora, onde o meu coração de mãe vai se desfazendo em lágrimas... como em sangue vão se desmanchando os pulmões dele... do filho infinitamente amado... neste silêncio medonhamente dolorido... e nessa vigília medonhamente trágica... em que ele... o pobrezinho repousa... (OLIVEIRA, 1908, p. 73).

Nessas linhas, Andradina não disfarça a própria voz e deixa transparecer sua dor; chora não só a morte do filho, mas de todas as perdas que a vida lhe infligiu. Em 1909, o *Escrínio* reaparece com outra formatação, a de revista “ilustrada, literária, artística, científica, educativa e noticiosa.” (FLORES, 2007, p. 12). Andradina é a redatora, secretariada pela filha Lola de Oliveira, que também era responsável pela ilustração. Na ocasião, contou com colaboradoras de diferentes lugares, como as renomadas feministas Mariana Coelho e Inês Sabino. Flores (2007, p. 13) ainda nomeia as cronistas “Cândida Fortes Brandão e Mariana Noronha, a feminista catarinense Delmina Silveira, a educadora lusitana Mariana Coelho, radicada em Curitiba, a romancista-feminista Clotilde do Ceará, a chilena Rodilena Ferreira...” A historiadora menciona também a participação de Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, fundador e proprietário do *Correio do Povo*, e de Zeferino Antônio de Souza Brasil, “príncipe dos poetas”.

Andradina de Oliveira sempre se intitulou feminista, e o jornal *Escrínio* foi uma das valiosas ferramentas de que se valeu para defender os direitos da mulher, assinando temas revolucionários como o ‘heroísmo feminino’, envolvendo a questão da previdência social, ainda inexistente no Brasil (FLORES, 2007), a educação renovada, a premente necessidade de instaurar o divórcio amplo no país, entre outros. A autora publica no periódico um

longo artigo, em que analisa a história feminina, evidenciando a opressão imposta a mulheres através dos tempos, sem esquecer de destacar aquelas que alcançaram êxito. Na verdade, a autora publicava notas sobre os feitos de

mulheres do país e do mundo, pelas quais suas leitoras eram informadas a respeito das conquistas femininas, possivelmente acreditando que mais mulheres seriam motivadas a lutar por seus direitos.

3. Andradina de Oliveira: escrita e recepção

Embora não contando com o reconhecimento da historiografia literária brasileira, as realizações de Andradina de Oliveira alcançaram o respeito de seus pares literatos, que expressavam sua admiração e prestavam-lhe homenagens, através de registros em diferentes jornais e revistas de então, como também na antologia publicada pela poetisa e pesquisadora sul-rio-grandense Alzira Freitas Tacques (1956).

Por ocasião da jornada cultural realizada por Andradina de Oliveira e a filha Lola de Oliveira, ao passarem por Cuiabá, a revista local *A Violeta* (30.11.1917) registra a sua chegada como ‘Madame’ e ‘Mademoiselle’, tratamento de deferência destinado a pessoas notáveis. A receptividade foi tão marcante, que Andradina e Lola permaneceram na cidade de novembro de 1917 a setembro de 1919. (FLORES, 2007, p. 17).

Também a revista *A mensageira* (1897-1900), fundada e dirigida por Presciliana Duarte de Almeida, em São Paulo, prestigia a participação de Andradina de Oliveira em suas páginas, destacando sua produção

intelectual em diferentes momentos, anunciando o lançamento de obra literária ou o recebimento de números do *Escrínio*, ou ainda ressaltando seu contributo em outros periódicos. Em uma das notícias da seção “Notas pequenas”¹⁰, a revista informa ter recebido livros de autoras, entre eles o da ficcionista: “Nada menos de tres livros, – e livros de senhoras! – nos foram enviados nestes últimos dias: *Preludiando*, livro de contos de d. Andradina de Oliveira, oferecido às escriptoras brasileiras; *Luctas do Coração*, ultimo romance de Ignez Sabino e *Phantasias*, versos e contos de Candida Fortes.” (A Mensageira, 1987, p. 239). O escritor Damasceno Vieira, colaborador da revista, considera que os livros recebidos são obras de arte e sentimento, “livros firmados por auctoras rio-grandenses”, e complementa: “É nosso dever transmitir á litteratura do Norte a noticia d’esses trabalhos que revelam esforço e dedicação ao progresso das letras e são producções tanto mais dignas de animações e de estimulos quanto se impõem a commentarios...” (VIEIRA, A Mensageira, 1987, p. 341). Em outra nota da revista,

¹⁰ As citações retiradas da revista *A Mensageira* (1987), incluindo-se as do escritor Damasceno Vieira, serão transcritas, obedecendo-se à grafia original.

“Recebemos e agradecemos”, Andradina é agraciada com estas palavras: “O *Escrínio*, hebdomadário literario que, sob a direcção da talentosa prosadora Andradina de Oliveira, se publica na cidade de Bagé, E. do R. G. do Sul. Os numeros que nos foram enviados estão repletos de artigos vigorosos e interessantes.” (A *Mensageira*, 1987, p. 240). Além disso, a revista publica um conto da obra *Preludiando*, “O armador”, que a escritora dedica a Julia L. de Almeida e a Adelina L. Vieira (p. 328-333). São páginas em que a voz narrativa descreve detalhadamente cenários e personagens, em especial, o protagonista, singularizado com traços característicos do Naturalismo.

Com o título “*Preludiando – Contos de D. Andradina de Oliveira*”, Vieira divulga um estudo sobre a obra, considerando importante, antes de falar dos aspectos intelectuais, apresentar aos leitores detalhes fisionômicos da escritora. Para tal, afirma, bastava-lhe transcrever o que se lia a respeito no *Corymbo* (1883-1944) de 13 de junho de 1897, o que significa que também esse periódico prestigiou a autora, com apreciações como: “Espírito moderno, superior, liberto de todas essas vaidades e pretenções que fazem o apanagio das educações caducas e defeituosas, captiva com a llaneza de um trato franco onde sua alma acariciadora mostra-se tal qual é, completamente nua de atavios.” (VIEIRA, A *Mensageira*, 1987, p. 342). O primeiro aspecto que o crítico considera em seu parecer a respeito de *Preludiando* é o “desassombro” como Andradina se refere ao livro na diminuta introdução, em que

explica o motivo pelo qual optara por apresentá-lo sem prefácio: “...a pleiade de talentos feminis [vinte e seis escritoras] a que o dedico servir-lhe-á de poderosa égide” (A *Mensageira*, 1987, p. 343), a que Damasceno replica de forma categórica:

*Não precisa D. Andradina que tantos nomes lhe sirvam de égide: a aceitação que almeja para seu primeiro livro está no merito da propria obra. Os contos que constituem o Preludiando são produções que não só enchem de justo desvanecimento a quem as imaginou e escreveu, como honram as letras patrias. Não é trabalho futil, só architectado por amor a vangloria litteraria; mas fructo das meditações e das vigílias de quem tem o culto do bello, a religião da Fôrma, e dispõe de imaginação que lhe dá cunho de originalidade. (VIEIRA, A *Mensageira*, 1987, p. 343).*

Percebe-se o apuro das ponderações de Damasceno Vieira, conduzindo sua apreciação de forma diligente, em que aponta aspectos importantes da obra, o que evidencia não só a seriedade com que faz essa análise, como também o respeito pelos escritos da literata. O crítico destaca alguns contos, nomeando seus títulos, e ressalta: “Serve de pequenino fecho de ouro ao aveludado *escrínio* de joias um conto de fadas, verdadeira poesia em prosa”, o qual transcreve nas páginas de A *Mensageira* (A *Mensageira*, 1987, p. 344-345). Vieira acredita que tanto Coelho Neto quanto Catulle Mendès não desprezariam considerar o conto como seu, e exorta Andradina a continuar escrevendo, pois as “letras patrias têm o direito de o exigir da auctora estreante.” Além disso, Damasceno

valoriza a participação de Andradina no *Jornal do Comércio*, de Porto Alegre, afirmando: “Nessa gazeta, firmou nome de estudiosa cultora das letras em uma serie de artigos de combate que produziu, intitulados *Defeza da Mulher*, em fins do anno de 1890.” Nesses escritos, informa Damasceno, fez calar alguém que criticou a volubilidade da mulher, “pela firmeza e logica de seus argumentos, e demonstrando ao mesmo tempo dispôr de serios estudos de gabinete que lhe garantiram completa victoria.” (VIEIRA, *A Mensageira*, 1987, p. 342-343). Para o autor, esses textos circunscreviam Andradina entre as escritoras brasileiras de “mais talento”.

Como já sublinhado, o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* foi um periódico que abriu espaço para a literatura sul-rio-grandense, contribuindo sobremaneira para a divulgação de escritos de autoras oitocentistas. Muito antes de historiadores da literatura brasileira reconhecerem seu valor, o Almanaque o fez, com a publicação dessas produções.

A poetisa sul-rio-grandense oitocentista Anália Vieira do Nascimento, uma das mais proficuas colaboradoras do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, publica nessas páginas o poema “Avante”, em 1893 (p. 181, CD p. 225), dedicado “À escritora rio-grandense D. Andradina de Oliveira.” São versos que distinguem a autora, exaltando seu mérito e incitando-a a prosseguir, dos quais transcrevem-se alguns:

Qual fêrvida amazona combatente,

*Sem vacilar sequer,
Inscreveste no gládio refulgente*

Defesa da mulher!

[...]

Inspirada aos fulgores do talento,

Em luta desigual,

Fizeste triunfar o sentimento

- Nosso grande ideal!

[...]

Eia! Prossegue com ardor pujante,

Cultora do ideal,

Rendilhando na frase coruscante

Teu mérito real!

Defensora gentil de nosso sexo,

Que marchas a sorrir,

*De minh'alma recebe um terno
amplexo*

E arroja-te ao porvir!

Evidencia-se, nesses versos, a admiração que Anália Vieira do Nascimento dispensava à atuação de Andradina na luta em defesa da mulher, destacando seu talento e denodo.

“*Escrínio*. Revista literária dedicada à mulher rio-grandense” é o título de uma nota publicada pelo Almanaque, em 1901 (p. LXXIX, CD p. 191), em que se lê:

A talentosa escritora D. Andradina de Oliveira iniciou em 1898, na cidade de

Bagé, a publicação do Escriínio, que, depois de um período de involuntária interrupção, reaparece [...], propondo-se prosseguir, cheia de fé e de coragem, na sua propaganda feminista. Ninguém mais competente para este empreendimento de que a ilustre directora do Escriínio cuja pena elegante e enérgica se tem salientado com brilhantismo [...]

Ainda no ano de 1901, no mesmo periódico, publica-se “D. Andradina de Oliveira”, uma biografia de Andradina de Oliveira, assinada por Anônimo. É apresentada como “a talentosa escritora brasileira” que descende de ilustres linhagens paterna e materna. Ao longo dessas páginas, o autor fala de acontecimentos como a morte do pai, do casamento ainda muito jovem, do segundo casamento, da sua acurada educação, da frequência a “curso distintíssimo”. Lembra que a autora colaborou na “imprensa rio-grandense e em muitos jornais do Brasil. Em 1897 publicou seu primeiro livro – *Preludiando* – [...] recebido com grandes e merecidos elogios pela imprensa do país e que contém verdadeiros primores.” Além disso, informa que a edição esgotou em quinze dias no Rio Grande do Sul, sendo homenageada pelas damas rio-grandenses que lhe ofereceram “uma pena de ouro”. Em relação ao *Escriínio*, aponta o vigor de Andradina que sustentou acesas polêmicas, além de destacar demais talentos a respeito da escritora: “Virtuosa distinta, a nossa biografada não só é pianista de merecimento, mas canta com primor, auxiliada pelos recursos da sua belíssima voz...” Ao final do texto, reforça-

se o respeito do autor pela atuação de Andradina:

Se a esta dezena de volumes [refere-se às obras já publicadas] juntarmos os inúmeros artigos na imprensa jornalística, sobre variados assuntos de literatura, polêmica e propaganda feminista, crônicas e folhetins humorísticos, poesias dispersas e ainda as fadigas do professorado, e os hors d'oeuvre do seu diletantismo artístico, poderemos formar tal ou qual ideia da ânsia de trabalho, variados talentos e corajosa iniciativa da jovem e gentil escritora. (Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, p. 209-211, CD p. 195-196).

Da mesma forma, a poetisa e pesquisadora sul-rio-grandense Alzira Freitas Tacques, na obra *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*: antologia de escritores brasileiros e estrangeiros (1956), apresenta a escritora como uma artista “de imaginação poderosa, seus voos eram de uma graciosidade delicada, trazendo sempre [...] as asas pintalgadas das mais rútilas gemas do sentimento e da emoção.” (TACQUES, 1956, p. 705). Também transcreve o soneto “À margem do Guaíba”, que apresenta um cenário noturno à beira do rio e um excerto da obra *Divórcio?*, observando que se trata de “um trecho que se agiganta pela eloquência e que serviria até hoje como um brado de alerta...” (p. 706). Outro destaque importante de Tacques é a homenagem que Otilia de Oliveira Chaves, por ocasião de sua posse, presta a Andradina de Oliveira, patrona da Cadeira número 11 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (ALFRS, fundada em 1943). Chaves

(apud TACQUES, 1956, p. 706), entre outras coisas, afirma: “Seus maravilhosos dotes tornaram-na simultaneamente contista de imaginação e sensibilidade,

polemista, biógrafa, dramaturga, oradora, jornalista e poetisa”, ressaltando que a homenageada ombreia com grandes nomes da literatura.

4. Considerações Finais

O desenvolvimento do Projeto de Pesquisa “*Retratos de Camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses*” (2016) constitui-se em relevante contribuição não só para atualizar a escrita da história da literatura sul-rio-grandense, como também brasileira. Esse trabalho ensejou retomar a trajetória de ilustres escritoras oitocentistas sul-rio-grandenses, mulheres de letras que participaram ativamente do meio cultural da época, escrevendo no campo literário como também no jornalístico, sendo algumas delas fundadoras de prestigiosos periódicos. Andradina de Oliveira, entre elas, fez história devido a sua produção intelectual e por sua atuação como líder feminista na esfera sociocultural do final do século XIX e início do XX, no Rio Grande do Sul.

Graves acontecimentos marcaram a vida de Andradina: torna-se órfã de pai aos cinco anos de idade, tendo que acompanhar a família em busca do amparo de parentes, abandonando a cidade onde nascera; casa-se muito jovem e, ainda em meio aos estudos, o marido falece, e ela torna-se a responsável pela família; um pouco mais tarde, perde também a mãe. Outra dor profunda a aguardava, quando acontece a morte inexorável do filho Adalberon, aos

vinte anos, que não logrou vencer a tuberculose. No entanto, um atributo que sempre a caracterizou foi a perseverança, e isso a impulsionou a vencer obstáculos para granjear a sobrevivência familiar, a superar a dor pelas perdas sofridas, e a sobrepujar os caminhos tortuosos que a impediam de trilhar uma carreira como intelectual, expandindo essa luta para a defesa de tantas outras mulheres que não podiam fazê-lo ou que não acreditavam ser capazes de tal ato.

O empenho pela conquista de um lugar no universo das letras levou Andradina a enfrentar restrições e, apesar de todos os preconceitos, pleiteou participar do processo cultural e literário do século XIX e início do XX. Inegavelmente, a presença da escritora nesse contexto social e cultural é firmada por um legado de luta por direitos humanos, pela defesa de uma educação renovada, pela emancipação feminina mediante o acesso à educação e ao trabalho fora do lar. Suas obras literárias, suas conferências, seus artigos, sua participação na imprensa da época, tudo comprova a determinação que conduziu a ação da escritora, que merece ter seu nome validado e inserido na História da Literatura Brasileira

BIBLIOGRAFIA

- Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. In: CHAVES, V. P. (2014). (Org.). O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Porto Alegre: Gradiva.
- A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira (1987), diretora Prescília Duarte de Almeida. Edição fac-similar / com comentários de Zuleika Alambert. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria do Estado da Cultura. Reprodução em livro, dois volumes, da Revista Literária publicada de 1897 a 1900, na cidade de São Paulo.
- ARARIPE JR. (1963). Retrospecto literário do ano de 1893. In: COUTINHO, A. (Dir.). Obra crítica de Araripe Jr. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa, v. III.
- BOSI, A. (1994). História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix.
- BUITONI, D. S. Imprensa feminina. São Paulo: Ática, 1986.
- CARVALHO, R. de (1984). Pequena história da literatura brasileira. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória.
- CESAR, G. (1956). História da literatura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo.
- CHAVES, V. P. (2014). (Org.) O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro.
- FLORES, Hilda A. H. (2007). Andradina de Oliveira: a feminista. In: OLIVEIRA, A. Divórcio? Organização Hilda A. H. F. Porto Alegre: Edplat; Florianópolis: Mulheres.
- HAHNER, J. E. (1981). A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937. São Paulo: Brasiliense.
- MIGUEL PEREIRA, L. (1951). As mulheres na literatura brasileira. ANHEMBI, ano V, n. 49, v. XVII, dez.
- MIGUEL-PEREIRA, L. (1973). Prosa de ficção: de 1870 a 1920. História da Literatura Brasileira, v. XII. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL.
- MOREIRA, M. E. (2020). (Org.). Retratos de Camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses. Coleção Rio-Grandense, n. 36. Lisboa: CIDH; Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense.
- MUZART, Z. L. (Org.). Escritoras brasileiras do século XIX: antologia. v. II. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v. I, 2000; v. II, 2004; v. III, 2009.
- OLIVEIRA, A. (1908). Cruz de pérolas. Porto Alegre: Americana.
- OLIVEIRA, A. (2007). Divórcio? Organização Hilda A. H. F. Porto Alegre: Edplat; Florianópolis: Mulheres.
- OLIVEIRA, A. (2010). O perdão. Organização Rita T. S.; orelhas Salette R. P. dos S.; fixação do texto e notas Rosane S. S. e Anselmo P. A. Florianópolis: Mulheres.
- SCLHEE, A. G. (2014). O presente e o passado de um almanaque. Prefácio. In: CHAVES, V. P. (Ed.). O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Gradiva. p. 7-24.
- SCHMIDT, R. T. (2004). Andradina América Andrade de Oliveira. In:

BIBLIOGRAFIA

- MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.). Escritoras brasileiras do século XIX: antologia. v. II. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 835-859.
- SCHUMAHER, S.; BRAZIL, É. V. (2000). Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Zahar.
- SILVA, J. P. História literária do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1930.
- SODRÉ, N. W. (1965). O naturalismo no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- TACQUES, A. F. (1956). Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros: antologia de escritores brasileiros e estrangeiros. v. 1. Porto Alegre: Editora Thurmman.
- VERÍSSIMO, J. (1999). História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Erechim: Edelbra.
- VILLAS-BÔAS, P. L. (1991). Dicionário bibliográfico gaúcho. Porto Alegre: EST, Edigal.
- ZILBERMAN, R. (1992). A literatura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto.



Anália Vieira do Nascimento, Uma Portoalegrense no Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro

Anália Vieira do Nascimento, A Writer from Porto Alegre in the Almanaque de
Lembranças Luso-Brasileiro

Cecil Jeanine Albert Zinani 

Universidade de Caxias do Sul

cezinani@terra.com.br

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Histórico:

Submissão | Received: 13/09/2021

Aprovação | Accepted: 17/11/2021

Publicação | Published: 19/03/2022



RESUMO

O propósito deste artigo é apresentar a escritora porto-alegrense Anália Vieira do Nascimento, destacando sua contribuição para o Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, editado em Portugal entre 1851 e 1932. Anália, uma das onze senhoras gaúchas que participaram do Almanaque, teve uma atuação proeminente, tendo em vista que publicou durante 22 anos, de 1871 a 1893. Além da exposição de dados biográficos, procede-se à exemplificação das diferentes modalidades de textos publicados: passatempos (charadas, enigmas e logogrifos), poemas líricos e o único texto em prosa. Também são comentadas algumas epígrafes de diferentes produções, como também a recepção que a obra da autora teve em âmbito nacional e internacional.

Palavras-chave: Dados biográficos, Produção literária, Recepção da obra, Anália Vieira do Nascimento, História, História Literária

ABSTRACT

The purpose of this paper is to present Anália Vieira do Nascimento, a writer from the southern Brazilian city of Porto Alegre, highlighting her contribution to the Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, edited in Portugal between 1851 and 1932. Anália, one of the eleven ladies from the state of Rio Grande do Sul to integrate the Almanaque, had an outstanding performance, since she published throughout 22 years, from 1871 to 1893. After presenting biographical details, different modalities of published texts are exemplified: pastimes (riddles, puzzles and logogriphs), lyric poems and one single text in prose. Some epigraphs in different productions are commented on, as well as the reception of the author's writings nationally and internationally.

Keywords: biographical details, Literary production, Reception, Anália Vieira do Nascimento, History, Literary history

1. Introdução

O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* foi uma publicação editada em Lisboa que se estendeu por 81 anos, de 1851 a 1932, tendo mudado de denominação por três vezes: chamou-se, de 1851 a 1854, *Almanaque de Lembranças*, de 1855 a 1871, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e, finalmente, de 1872 a 1932, *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (SCHLEE, 2014, p. 10). Conforme foi alterando seu nome, o *Almanaque* ampliou o número de páginas e mudou de escopo, diversificando e expandindo as matérias que abordava. Curiosamente, os homens que colaboravam no *Almanaque* eram denominados autores, enquanto as mulheres, embora também fossem autoras, eram nomeadas, apenas, como “senhoras”, designação que evidencia o desprestígio das figuras femininas naquela época, ainda que, entre os três colaboradores sul-rio-grandenses com maior número de textos esteja uma mulher: Anália Vieira do Nascimento. Foi a autora sul-rio-grandense mais significativa, devido ao vasto tempo em que manteve sua colaboração no anuário, iniciada em 1871, perdurando até 1893. A participação de Anália ocorreu, quase totalmente, no *Novo*

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, porém, para facilitar, o periódico será denominado como *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, *Almanaque de Lembranças*, ou, simplesmente, *Almanaque*.

De acordo com Vânia Pinheiro Chaves (2014), a produção gaúcha surgiu, pela primeira vez, no *Almanaque* para 1857, terminando, praticamente, em 1919, com uma aparição esporádica em 1932. Ainda conforme a autora, a primeira contribuição que se originou no Rio Grande do Sul foi de um português radicado nesse estado chamado Antônio Maria do Amaral Ribeiro, com textos em prosa e verso. Esse colaborador iniciou um movimento que culminaria com mais de oitenta escritores que participaram desse anuário. O escritor mais assíduo foi Damasceno Vieira, seguido pelo iniciador Antônio Maria do Amaral Ribeiro. Enquanto os autores apresentaram-se em volume alentado, as “senhoras” não ultrapassaram o minguado número de onze participações. No entanto, se for considerada a posição ocupada pela mulher tanto na família quanto na sociedade da província mais meridional do país, esse número passa a ser significativo.

2. Esboço de uma biografia

Quem foi Anália Vieira do Nascimento Fernandes? Como já foi afirmado, essa

colaboradora constante durante vinte e dois anos do *Almanaque de Lembranças*

Luso-Brasileiro nasceu em Porto Alegre, em 2 de setembro de 1854, casou-se com o bacharel em Direito Rodrigo Antônio Fernandes Lima, em 25 de janeiro de 1873, também em Porto Alegre, falecendo, na mesma cidade, em 24 de janeiro de 1911, aos 56 anos, vítima de gastroenterite. A data correta do nascimento da autora foi estabelecida pela pesquisa realizada por Beatriz Weigert, publicada na obra *Anália Vieira do Nascimento 1854-1911: estudo e antologia*, de 2017, cujas buscas, nos arquivos da Cúria Metropolitana, em Porto Alegre, resultaram na descoberta dos registros referentes ao batismo (que equivalia a uma certidão de nascimento), ao casamento, ao batismo de seu filho Abílio e ao falecimento da poetisa. A confusão ocorreu por conta de informações equivocadas presentes no *Dicionário*, de Sacramento Blake (1883), endossadas por Pedro Vilas Bôas (1974) e Nelly Novaes Coelho (2002), que consideram como data de nascimento 22 de fevereiro de 1855. Também concorreram para essa confusão poemas escritos pela autora. No poema “O mar”, publicado no anuário de 1875, Anália afirma ter 18 primaveras, o que não condiz com o efetivo ano de nascimento; além desse, publicado no *Almanaque* para 1876, o poema “Soneto” também induz ao equívoco, em que a autora alude aos “vinte invernos por auroras”, o que contribuiu para o engano de outras estudiosas. A explicação pode estar na discrepância entre as datas da escrita e da publicação dos poemas.

A família da escritora era, muito provavelmente, abastada, o que se deduz pelo nível de escolarização viabilizado aos filhos, todos cursaram a Escola Normal: João Damasceno Vieira Fernandes, poeta consagrado, tornou-se funcionário público, atuando na alfândega, outro irmão, Antônio Vieira Fernandes, dirigiu-se ao magistério, da mesma forma que Anália. Além disso, o nível cultural da poetisa, caso raro entre as mulheres da época, era bastante significativo, pois, de acordo com sua produção literária, tinha bom conhecimento de francês, conforme pode ser lido no poema “Soim”, publicado no *Almanaque* para 1878, no qual alterna versos em português e francês. Lia os clássicos, discutindo sobre essas leituras, como está evidenciado no texto “Carta”, publicado no *Almanaque* para 1882, em que tece comentários críticos sobre a obra *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo. Além disso, acompanhava não apenas os movimentos literários que se estavam desenvolvendo, como também tinha acesso a conhecimentos filosóficos, científicos, conforme consta no poema “Epístola”, publicado no *Almanaque* para o ano de 1888.

Outro aspecto obscuro foi a carreira profissional de Anália, também devido à disparidade de registros. De acordo com o *Relatório dos Presidentes das Províncias do Império (RS) 1830-1889* e também com o *A Federação: Orgam do Partido Republicano*¹, Anália foi aprovada em concurso público e nomeada para exercer

¹ Pesquisa realizada no site: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=252263&pesq=Annalia%20Vieira>. Acesso em 5 de maio de 2018.

atividades no magistério no Morro de Sant'Anna, em Porto Alegre. Rebecca Demicheli Sampaio (2019), em pesquisa realizada junto à Hemeroteca Digital da Fundação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, obteve resultado divergente, indicando que a autora fora designada como docente para a localidade de Despique, município de Montenegro. Como Anália nasceu, casou, teve um filho e faleceu em Porto Alegre, e, também, suas

contribuições para o *Almanaque de Lembranças* partiram dessa cidade, é mais provável que residisse e tivesse lecionado na capital gaúcha. Além disso, considerando as dificuldades de transporte, no século XIX, como ela poderia ter exercido o cargo de professora, que implicaria a presença diária na escola, em Despique, interior de Montenegro, caso residisse em Porto Alegre?

3. Anália: produção e recepção

De acordo com Weigert (2017), as publicações de Anália Vieira do Nascimento restringem-se ao *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, ainda que Sacramento Blake, no *Dicionário bibliográfico brasileiro*, de 1883, e Nelly Novaes Coelho, no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*, refiram-se a textos presentes em outros veículos de comunicação, embora não tenham conseguido localizar em quais periódicos estariam essas contribuições. Sampaio (2019) localizou dois textos já veiculados pelo *Almanaque de Lembranças*, que vieram à luz no *Almanach popular*, de 1878, editado em Campinas por Hypolito da Silva, um deles é o acróstico “Num álbum”, publicado, primeiramente, em 1874. O outro texto é o poema “Soim”, veiculado, simultaneamente, nos dois almanaques referidos para o ano de 1878.

Outra questão importante é como a autora teria iniciado suas publicações no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*,

considerando que, primeiramente, era uma mulher, e, como tal, não tinha muito acesso aos meios facultados ao segmento masculino da sociedade, e, em segundo lugar, a cultura sulina não era muito dada às letras e à produção intelectual. Weigert (2017) assinala que a produção de Anália no anuário teria precedido a de seu irmão Damasceno, cuja estreia teria ocorrido com a publicação de “Epístola amatória”, em 1872, o que seria, por si só, digno de nota. No entanto, Damasceno Vieira iniciou sua carreira no *Almanaque* um ano antes de Anália, em 1870, com o passatempo “Logogripho XII” (SAMPAIO, 2019), portanto, é provável que o contato da autora com o anuário tenha ocorrido por intermédio ou por sugestão do irmão. Da mesma forma que Damasceno, Anália iniciou sua trajetória na imprensa com logogrifos (espécie de enigma ou charada), a saber o “Logogripho XI”. A autora publicou, em mais de vinte anos de colaboração no *Almanaque*, trinta e sete trabalhos, assim distribuídos: um texto em

prosa, vinte poemas e dezesseis passatempos, incluindo-se aqui charadas, logogrifos e enigmas, sendo o primeiro um logogrifo e o último o poema “Avante”, silenciando após 1893.

O texto em prosa denomina-se “Victor Hugo”, acrescido da palavra carta entre parênteses (Carta), no qual a autora comenta criticamente o romance *Os trabalhadores do mar*, do autor francês. Esse texto reveste-se de algumas peculiaridades interessantes, notadamente, tendo em vista que foi escrito ainda no século XIX e por uma mulher. Ao afirmar, no início do texto, “curvo-me submissa ante o fulgor olímpico desta majestade literária” (NASCIMENTO, 1882, p. 153), a autora inicia com um discurso elogioso, em que enaltece o autor das *Orientais*, a ponto de não poder “ler-lhe uma página sem que experimente uma forte impressão de deslumbramento” (idem, loc. cit.). A autora evidencia sua grande admiração pelo escritor, de cuja obra devia ser grande conhecedora. No entanto, ao debruçar-se, especificamente, sobre *Os trabalhadores do mar*, livro tomado ao acaso, aponta alguns problemas, ainda que o considere “um pequeno poema”. O primeiro tópico consiste nas “superfluidades de erudição”, que comprometem a recepção, tendo em vista que “entibiam o entusiasmo do leitor”. Um bom texto literário não apresenta comentários desnecessários, ainda que o autor esteja ansioso por evidenciar seu grande cabedal de conhecimentos. Anália, ainda que tivesse o autor em grande consideração, não concordava com seus arroubos ilustrados. Ao abordar as personagens, valoriza o aspecto romântico

expresso pelo amor impossível do protagonista e seu sacrifício em prol da amada, enfatizando o idealismo que constitui uma das pedras angulares do Romantismo. Considerando que o Realismo iniciara há pouco tempo no Brasil, ao contrário da Europa, onde estava bem estabelecido, a autora contrapõe a perspectiva romântica à abordagem realista, marcando sua posição em favor do movimento anterior. De acordo com Anália (idem, loc. cit), “Para os espíritos educados na moderna escola será tudo piegas, sedição, risível. Eu, porém, como não estou ainda compenetrada do realismo que presentemente anda em moda nas regiões literárias, simpatizo imensamente com aquele mimoso e suave idílio”. Essa obra de Victor Hugo foi lançada em 1866, em pleno período realista francês. Ao deter-se na concepção de amor, demonstra a diferença de entendimento a partir de uma perspectiva feminina, conforme pode ser comprovado:

O conagraçamento imaculado e puro de duas almas eleva-as acima do mundo vulgar, o qual não pode compreender o requinte de sentimentos expressos por semelhante forma. O amor como nós, as mulheres, o compreendemos, isola-se assim, em uma reconcentração toda sagrada

(NASCIMENTO, 1882, p. 153).

Ainda que a autora não aprofunde mais essa linha de pensamento, é possível perceber que ela intuía a existência de uma percepção específica das mulheres. Numa época em que a crítica literária inaugurava seus primeiros passos, em que a capacidade de as mulheres realizarem um trabalho intelectual de valor era

questionada e em que os estudos feministas estavam longe de se tornarem uma realidade, a autora já se aventurava na publicação dessa modalidade de comentário, assinalando, inclusive, a diferença entre as percepções masculina e feminina sobre o amor. Esse aspecto configura a autora como uma feminista *avant-la-lettre*, tendo em vista que essa diferença de entendimento vai ser um tema explorado a partir da década de 80 do século XX, como pode ser verificado, por exemplo, em “Lendo como mulher”, capítulo da obra de Jonathan Culler *Sobre a desconstrução* (1997)². Nessa obra, a partir da leitura de determinado texto, o autor confronta o efeito que se opera nos imaginários de homens e de mulheres, assim, o que pode ser positivo para uns, torna-se afrontoso a outros.

Em relação aos passatempos, Anália era uma excelente logografista, e essa habilidade propiciou-lhe inúmeros contatos, especialmente, no além mar. Logogrifo é um termo pouco utilizado no contexto contemporâneo. É uma palavra formada por dois termos: logo (palavra, conhecimento) + grifo (animal fantástico com cabeça de águia e garras de leão), que indica algo obscuro, enigmático. De acordo com o *Dicionário Aurélio*, é uma “modalidade de charada em que as letras da palavra insinuada pelo conceito, parcialmente combinadas, formam outras palavras que é preciso adivinhar para chegar àquela” (HOLLANDA, 1986, p. 1045). Na verdade, resolver logografos

exige grande conhecimento e muito esforço. Logografos, charadas e enigmas eram contribuições bastante frequentes realizadas pelos colaboradores do *Almanaque* e, provavelmente, em outras modalidades de publicação. Por esse motivo, a escritora pelotense Sofia A. Benny, também participante do *Almanaque*, de acordo com Mello (2014), escreveu um poema em que homenageia os charadistas de Pelotas, o qual foi publicado no *Almanaque* para o ano de 1888.

Havia muitas trocas entre autores colaboradores do *Almanaque* além dos leitores que também participavam, resolvendo os enigmas ou propondo outros para a autora resolver. Conforme Weigert (2017), além de elaborar e resolver logografos propriamente ditos, Anália retomava essa temática em poemas, por exemplo, no “Logogrifo acróstico” para o anuário de 1872 (cfe. Weigert, 2017, p. 136), em que promete dar a quem decifrar o logogrifo vinte pares de botas e encher o chapéu de coisas boas, o que, efetivamente, não cumpre, ou, no “Logogrifo acróstico” publicado no *Almanaque* para 1874, no qual promete versos aos decifradores. Esse poema-logogrifo teve tal repercussão que provocou a escrita de outro, “Quadras”, publicado no anuário para 1876, dedicado aos ilustres cavalheiros que decifraram o logogrifo proposto no volume que circulara ano anterior. Seguem algumas estrofes ilustrativas:

Eu sinto com mágoa extrema

² Na verdade, essa obra foi publicada, originalmente, em 1982, com o título original de *On deconstruction: theory and criticism after structuralism*, pela Cornell University.

*não ser um ente exemplar,
que tenha o dote sublime
de poder adivinhar!
Só assim eu saberia
que tão distintos senhores
foram do meu logogrifo
sagazes decifradores!
E mandar-lhes-ia logo
(pois não falto ao que prometo)
quatorze versos truncados
com pretensões a soneto!
.....
Se quiserem ter o prêmio,
cada qual por mais ladino
me escreva pelo correio!
Pelo fio submarino!
(NASCIMENTO, 1876, p. 15)*

Em nota de rodapé, a autora cita nominalmente os referidos cavalheiros. Além desses, em nota seguinte, aponta o número 125 como o total das respostas que obteve provenientes algumas da costa da África e muitas de Portugal e do Brasil. Como ela havia prometido um poema a quem decifrasse o enigma, anunciou que mandara imprimir muitas cópias e iria remetê-las aos destinatários.

Além de “Quadras”, outros poemas retomam a temática do logogrifo, dedicados também a logografistas, sendo o último “O canto do sabiá”, publicado em 1877. Weigert (2017), em breve análise sobre esse aspecto da produção de Anália, aponta também que eram instauradas

polêmicas entre os colaboradores que se desafiavam mutuamente por meio de logografos, muitos deles em forma de poemas, ou acrósticos, com versos acompanhados ou não de algarismos que possibilitassem a decodificação. Segue um fragmento de logogrifo acróstico:

*Se algum feliz mortal acaso o decifrasse
Eu uns versos daqui lhe dedicasse.*

*Foi um amante infeliz, pondo uma letra a esta.
1,2*

*O homem, cuja vida a um sábio foi funesta.
6,5,3*

*Riqueza pode dar; nem sempre dá ventura.
7,2,6*

*É nome d’homem, sim; eu disso estou segura.
6,4,2*

Ministro... Se a memória agora não me engana. 1,6,7

Com um certo tecido, é filho de Diana. 1,3

*A prima uma vogal, é máquina engenhosa.
6,3,4,3*

*Planta medicinal, no entanto é venenosa.
6,7,5,3*

Árvore (no plural) que serve pr’a navios. 6,7,4

*Zangando-se o leitor, terá suores frios...
6,3,5,3*

*Espada muito curta, àquela pondo acento.
7,3*

*Serve, ó lá se serve! e dá-te movimento.
3,5,7*

.....

O logogrifo completo estampa a frase: SE FOREM CAPAZES DECIFREM ISTO. A última estrofe não deixa de ser curiosa, ainda que mais factível do que a promessa dos vinte pares de botas e das coisas boas:

Prometo:

Um soneto ao mortal inteligente,

que na decifração meter o dente.

*Arde, dizem que arde – e assim Deus
de bondade*

nos livre a todos de tal calamidade.

(NASCIMENTO, 1874, p. 194, 195)

A temática predominante nos poemas de Anália privilegia conteúdos caros ao Romantismo como morte, infelicidade, tempo que passa, saudade, exílio, natureza. A vertente lírica da autora estava presente, também, em poemas de circunstância escritos em álbuns de pessoas amigas, em que utiliza a modalidade de acróstico.

O primeiro poema publicado foi “Lucília” para o *Almanaque* para 1873, cuja epígrafe de Tomás Ribeiro, remete à morte, tema dessa composição formada por três estrofes com sete versos decassílabos cada uma. Na primeira estrofe, o eu-lírico lamenta o precoce desaparecimento de Lucília, denominada de irmã, vítima de uma desgraça que a conduziu a tão triste desenlace, como pode ser verificado no fragmento a seguir:

.....
*Ai! sei que foste vítima inocente
de atroz fatalidade, e tristemente*

te envolveste no pó da sepultura.

(NASCIMENTO, 1873, p. 379)

Na segunda estrofe, ocorre uma mudança, o tom elegíaco do início transforma-se em revolta pelo ocorrido:

E morreste, e caíste nesse abismo...

.....

Tua aurora gentil trocou-se em noute!

*Maldito o arcanjo mau que despenhou-
te*

do sepulcro na tétrica voragem!

(NASCIMENTO, 1873, p. 379)

A terceira estrofe recupera uma perspectiva conformista, evocando o repouso solitário do túmulo:

Ai! dorme querubim c’roado em rosas!

Não perturbo o sossego que tu gozas

na fria solidão de tua campa.

(NASCIMENTO, 1873, p. 379).

Aliada à sensibilidade para tratar dos temas sobre os quais se debruça, Anália explora recursos da linguagem poética com habilidade, criando efeitos de musicalidade ao utilizar rimas preciosas (noute / despenhou-te), aliterações (tua aurora gentil trocou-se em noute), assonâncias (por uma realidade sem ventura). Também cria imagens fortes ao evocar a sepultura como “tétrica voragem”, referida na segunda estrofe e reiterada no segundo e sétimo versos; na terceira estrofe, a imagem suaviza-se em “campa e lousa”

harmonizando-se com o tom mais ameno de aceitação.

Outra modalidade de poema utilizado é o acróstico, no qual as letras iniciais dos versos reproduzem o nome da pessoa homenageada. É o caso de “Num álbum”, publicado no *Almanaque* para o ano de 1874, dedicado a sua amiga Leopoldina, no qual o eu lírico evoca uma jovem muito bonita com grandes expectativas para o futuro, exortando a amiga a dedicar-se ao presente e a evitar o amor, porque viver de amores é causa de atribulações e de infelicidade. O único amor verdadeiro está em Deus, tendo em vista que é infinito.

Linda donzela de um olhar tão puro
É teu futuro de esplendores cheio,
O teu semblante jovial não mente,
Passas contente, és feliz: eu creio.
Olha o presente – que viçosas flores!
Lindas nas cores, no sutil perfume...
Deixa, não ames, o amor mais terno,
Imenso, eterno, no Senhor resume!
Não ames nunca, que viver de amores
A alma condena a cruciantes dores!

(NASCIMENTO, 1874, p. 332).

Um poema que se distancia desse modelo é “Epístola”³, composto por 37 estrofes, dedicado a António Xavier Rodrigues Cordeiro, editor do *Almanaque*, publicado no anuário para 1880. É uma espécie de

resposta à sugestão do editor para que a autora se dedicasse a novas possibilidades de composição: “Ao vosso grito de *Avante! / para a honra do Brasil!* Eu senti no mesmo instante / grande inquietação febril (WEIGERT, 2017, p. 105)⁴. A partir dessa estrofe, o sujeito poético propõe-se a abandonar charadas e logogrifos para dedicar-se a outras modalidades, iniciando uma série de questionamentos que evidenciam suas dúvidas que se concentram fundamentalmente a qual movimento literário deve se dedicar, se ao Realismo ou ao Romantismo.

Nesse poema, Anália evidencia conhecimentos a respeito do Realismo, uma nova estética que já se consolidara na Europa e que ainda não havia sido inaugurada no Brasil, o que ocorreria no ano de 1881. Cabe lembrar que a autora deveria ter escrito o poema em data anterior a 1880 para ser publicado nesse anuário. O poema com 37 estrofes é vasado em duas modalidades de metro: redondilhas maiores e decassílabos. O eu-lírico afirma ter abandonado os enigmas, que reputa de obscuros, e, em blocos alternados de estrofes, questiona sua filiação ao Romantismo ou ao Realismo. Essa discussão estende-se ao longo do poema, quando chega à conclusão de que não dispõe de conhecimentos que atendam às diretrizes de ambos movimentos, concluindo que deve permanecer como logografista. O sujeito poético caracteriza, brevemente, os movimentos literários, por meio de metáforas, expressas em

³ Como o NALLB para o ano 1880 não foi localizado, este estudo fundamentou-se na transcrição da pesquisadora da Universidade de Évora Beatriz Weigert: Anália Vieira do Nascimento: 1854-1911. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2017. E-Book.

⁴ Como as citações do poema foram copiadas da obra supracitada, será referido apenas o número da página.

redondilhas maiores, para, nas duas estrofes posteriores, exemplificar o que seria sua adesão ao Romantismo em versos decassílabos. A crítica aparece na estrofe seguinte, em versos redondilhos novamente: “Isto é muito pungitivo! / (Dirão da moda os leões)” (p. 105), orientando-a a ocupar-se com recitativos para saraus, no que são logo atendidos. No entanto, as críticas perduram, o que a induzem a uma nova proposta: versejar utilizando versos alexandrinos com rimas interpoladas (A, B, B, A), o que também não agrada, assim o sujeito lírico retoma utilizando versos redondilhos: “Porém não: tenho entendido, / poetar dessa maneira / era ter como apelido / comunista, petroleira...” (p. 107), o que remete para um tópico relevante desse poema que é o comentário sobre a recepção da literatura produzida por mulheres. Esse aspecto evidencia a existência, pelo menos da parte desta autora, da consciência da discriminação que a literatura de autoria feminina estava sofrendo, tema que tem sido muito focalizado em estudos contemporâneos. Essa mesma perspectiva fica bastante evidente na maneira como o *Almanaque* se referia aos colaboradores: os homens eram chamados de autores e as mulheres, de senhoras, como já foi referido. Esse poema talvez seja o que melhor evidencia a maestria da autora, não apenas no domínio de metros e rimas, mas de seu entendimento da diferença no fazer poético de movimentos literários tais como o Romantismo e Realismo. Aborda sua falta de domínio em relação a conhecimentos acadêmicos, alegando não ter “estudos bastantes / nem dotes de inteligência”, além de não ter conquistado “pergaminhos

de doutora”, “frequentado liceus” ou “academias” (p. 109), ainda que suas referências a teoria literária, filósofos, cientistas destitua sua afirmação anterior.

Ana Maria Lisboa de Mello, no estudo publicado na obra *Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, de 2014, aponta qualidades literárias na poesia de Anália, presentes na utilização de imagens e de ritmos, associando sua visão pessimista e melancólica a poetas franceses românticos, cujo estilo prolongou-se pelo Simbolismo ou Decadentismo. Também constata o caráter polifônico do poema metalinguístico “Epístola”, publicado em 1880, cujas diferentes vozes contribuem para marcar as concepções poéticas do eu-lírico, como já foi abordado.

“Soim” é uma das raras composições de Anália presentes em mais de um veículo, visto que foi publicado no *Almanaque* para o ano 1878 e também no *Almanach popular*, editado por Hypolito da Silva, em Campinas, São Paulo, para o mesmo ano. Consiste em um poema que alterna versos em português e francês, dedicado a uma amiga de sobrenome francês: Heloísa de la Tour Dufresne. A temática é comum a outros poemas, alertar a amiga formosa e gentil sobre os perigos do mundo cruel e traiçoeiro, exortando-a a permanecer no caminho da virtude. Sua habilidade no manejo do idioma permite-lhe seguir uma métrica rigorosa nas duas línguas além de rimar termos em português ou francês entre si e também termos em português e em francês (gentil / périls; manhã / serpents; fingir / tressaillir).

*“Se o mundo chamar-te
formosa e gentil,
vê bem que te cercam
beaucoup de périls!”*

*“Eu vi muitas vezes
em linda manhã
dormir sob flores
de três laids serpents!”*

*“Há muito quem saiba
somente fingir!
O mundo é comédia,
que fait tressaillir!”*

(WEIGERT, 2017, p. 102)

O tom elegíaco predomina no poema “Goivos” que foi publicado em duas oportunidades, primeiramente, no suplemento do *Almanaque* para o ano de 1887 e, posteriormente, no anuário que circulou em 1888. Trata-se de uma homenagem prestada pela autora, devido ao falecimento de D. Maria da Piedade Moreira Freire de Aboim Cordeiro, esposa do Dr. Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro, editor do *Almanaque*. É um soneto vazado em versos decassílabos, cujos tercetos finais exortam a Musa, a quem se dirige o eu-lírico, a deixar a morta repousar em paz:

*Procura após, a mal cerrada lousa
Em que, longe dos seus, ela repousa,
Saudosa, envolta num sonhar celeste!*

*Não chores ante o plácido retiro!
Não despertes a mártir! Teu suspiro
Se confunda ao suspiro do cipreste*

(NASCIMENTO, 1887, p. 211)

Anália valorizava os elementos paratextuais, visto que, epígrafes e dedicatórias também são dignas de menção. Praticamente, todas as publicações portam dedicatórias, e muitas delas trazem epígrafes. O “Logogrifo XI” primeiro trabalho publicado no *Almanaque* (1871), é dedicado ao Sr. Manuel Maria Lúcio, em que a autora retoma logogrifos presentes nesse periódico em 1867 e 1869. O primeiro poema lírico “Lucília”, publicado em 1873, utiliza como epígrafe o seguinte fragmento da obra *Dom Jaime ou a dominação de Castela*, do poeta ultrarromântico português Tomás Ribeiro: “Pomba de minha paz, porque morreste, / deixando-me tão só na arca sem rumo, / sobre o infinito mar?” Esse poema lamenta a morte da jovem Lucília, cognominada de “irmã” pelo sujeito lírico, cuja epígrafe ilustra muito adequadamente. No poema de circunstância denominado “Num álbum” (1874), com o formato de acróstico, a poetisa vale-se do idioma francês, elegendo um fragmento do poeta Évariste Desiré de Forges, Visconde de Parny: “De votre nom j’embellirais mes vers” (Com vosso nome embelezarei meus versos). Justificando essa escolha, o poema apresenta o nome da pessoa homenageada: LEOPOLDINA. Como último exemplo, escolheu-se a epígrafe que ilustra o poema “No mar” e que é antecedida da observação: “(Fragmentos) No dia dos meus anos, 2 de setembro de 1873”. “A

Juventude / É muitas vezes a estação das dores”. Essa epígrafe é referida como pertencente à tragédia shakespeariana *Otelo*, no entanto, Anália atribui a autoria a Gonçalves de Magalhães que, na verdade, foi um tradutor/adaptador de algumas tragédias do dramaturgo inglês, utilizando uma versão francesa (VERÍSSIMO, 1998). Magalhães foi grande fomentador do teatro, em sua época, tendo traduzido essas tragédias para a companhia de João Caetano. A relação da epígrafe com o poema consiste no sofrimento do eu lírico que lamenta o destino que o leva a afastar-se de seu pátrio lar, tão cheio de atrativos bem como a morte de suas ilusões no dia em que contava dezoito primaveras.

Outro aspecto digno de nota é a recepção que a obra da autora teve em âmbito nacional e internacional, que pode ser traduzida tanto pelas respostas a suas provocações/convites para que colaboradores ou leitores resolvessem os passatempos propostos, quanto pelas homenagens que recebeu de seus pares. A maioria dos escritos da autora foi dedicada a outros colaboradores, estabelecendo uma interlocução que se prolongou até cinco anos após seu silenciamento. O início desse processo ocorreu no primeiro texto publicado pela autora para o anuário de 1871. O “Logogripho XI” foi dedicado ao Sr. Manoel Maria Lúcio, de Portugal, que escrevera um logogrifo em resposta a outra colaboradora, Catarina Máxima de Figueiredo, a qual havia feito a provocação no anuário publicado em 1869 (SAMPAIO,

2019), utilizando mote e glosa, exercício poético muito comum desde épocas antigas. Alguns sonetos são respostas a leitores que haviam decifrado seus enigmas, como o caso do sr. José Joaquim de Matos, de Escalhão, Portugal, que envia ao almanaque o soneto que Anália lhe remetera, ou ainda, do sr. André de Quental que publicou um soneto dedicado à autora na modalidade de um acróstico em que as letras iniciais dos versos formam a frase: O AUTOR AGRADECE (WEIGERT, 2017), pela resolução de seu passatempo. O editor do *Almanaque*, Dr. Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro, ao fechar a edição para 1884, percebeu que não havia colaboração de Anália, registrando seu estranhamento numa pequena nota em que pergunta onde está a madrugadora devota: “**Ailana madrugadora devota (Brasil)**. Que é feito da madrugadora? Que é feito da devota? Perguntamos porque acostumados a vê-la, e ninguém nos responde...! Não haverá um eco que em 1885 – nos diga: – Voltou – *aqui está!*”⁵ Na edição do ano seguinte, a autora publica o poema “Voltei” no qual explica que o motivo de sua ausência foi uma enfermidade. Não apenas autores, mas também “senhoras” homenagearam a autora. A última homenagem ocorreu em 1898, quando uma colaboradora chamada Violeta oferece o “Logogripho IV” para a poetisa sul-rio-grandense, cerca de cinco anos após Anália deixar de publicar no anuário.

Entre os autores que ofereceram poemas à poetisa porto-alegrense, podem ser

⁵ Disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044048706980&view=1up&seq=72&skin=2021> Acesso em 3 ago 2021.

citados, entre outros, Joaquim Elias de Albuquerque que lhe dedicou o poema “Salve”, publicado em 1879, João Bastos, o poema “Avante! Avante!”, em 1885, Castor Phamur, “Agradecimento”, em 1886, ou Benjamim Carvalho de Oliveira, “Homenagem”, no suplemento do anuário para 1887. Entre os logogrifistas que a homenagearam, destacam-se Manoel Maria Lúcio, com o “Logogrifo III”, de 1872 e duas colaboradoras brasileiras, Georgina de Maupin, da Bahia, com o “Logogrifo VI (por letras)”, e Luísa Amélia, de Paraíba do Piauí, com o “Logogrifo XXI, ambos veiculados no *Almanaque* para 1882 (WEIGERT, 2017).

A consideração pela autora pode ser inferida pelo formato de tratamento que lhe era atribuído nas dedicatórias. É referida como “insigne poetisa porto-alegrense”, “maviosíssima poetisa rio-grandense”, “mimosa poetisa rio-grandense Anália Vieira do Nascimento, “festejada poetisa”, “inspirada”, “distinta”, “insigne”, “maviosíssima” (WEIGERT, 2017), o que atesta a recepção de seus textos pelos leitores/colaboradores do *Almanaque*. Outro ponto importante é que boa parte desses interlocutores provém de Portugal, outros do Brasil, porém, curiosamente, nenhum do Rio Grande do Sul.

4. Considerações Finais

Um tópico para reflexão refere-se à não-presença desta autora numa organização de cunho cultural da dimensão da Sociedade Partenon Literário, entidade com sede em Porto Alegre (RS) que congregou nomes relevantes das letras sulinas, cuja *Revista Mensal* foi grande fomentadora da intelectualidade da época. O irmão de Anália, Damasceno Vieira, era sócio honorário, além disso, havia autoras que participavam como as senhoras Luciana de Abreu, Revocata Heloísa de Melo, Luísa de Azambuja e Amélia dos Passos Figueroa, também porto-alegrenses contemporâneas de Anália, as quais publicavam nessa revista. Ainda que tivesse participado, por largos anos, de uma publicação internacional como o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*,

a autora permaneceu uma ilustre desconhecida em sua terra natal.

O conhecimento sobre Anália Vieira do Nascimento somente foi possível devido ao trabalho arqueológico que vem sendo realizado, no sentido de resgatar figuras femininas que estavam completamente esquecidas no cenário literário, ainda que tenham contribuído, dentro de suas possibilidades, para ampliar o universo literário daquela época. É importante verificar como uma publicação de caráter popular, como um almanaque, oportunizou a divulgação de vocações literárias, ainda mais em se tratando de mulheres, cuja situação sociocultural era singularmente desprestigiada devido ao restrito acesso à educação formal e à pouca representatividade social. Considerando

que Anália publicou durante mais de vinte anos no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, torna-se mister que seu trabalho seja reconhecido como um marco das letras sulinas em dimensão internacional,

removendo-se o véu da invisibilidade e possibilitando que sua voz seja ouvida, para que assim ela possa ser inserida no elenco dos autores presentes na história da literatura.

BIBLIOGRAFIA

- BLAKE, A. V. S. (1883). Dicionario bibliographico brasileiro. Tipographia Nacional.
- CHAVES, V. P. (2014). O Almanaque de Lembranças e o Rio Grande do Sul. In: CHAVES, Vânia Pinheiro (Ed.). O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Gradiva, p. 35-54.
- COELHO, N. N. (2002). Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001). Escrituras.
- CULLER, J. (1997). Sobre a desconstrução. Tradução de Patrícia Burrowes. Record; Rosa dos Tempos.
- FEDERAÇÃO (A): Orgam do Partido Republicano de 24 de abril de 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=252263&pesq=Annalia%20Vieira> Acesso em 5 de maio de 2018.
- NOVO Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1873. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433084717010&view=1up&seq=7&skin=2021>
- NOVO Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1874. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433084716905&view=1up&seq=9&skin=2021>
- NOVO Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1876. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433084717028&view=1up&seq=1&skin=2021>
- NOVO Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1882. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044048706956&view=1up&seq=13&skin=2021>
- NOVO Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1884. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044048706980&view=1up&seq=72&skin=2021>
- NOVO Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1887 (suplemento). <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.b0000046102&view=1up&seq=5&skin=2021>
- MELLO, A. M. L. de (2014). A poesia lírica no Almanaque de rio Lembranças. Um caso: Anália Vieira do Nascimento. In: CHAVES, Vânia Pinheiro (Ed.). In: O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Gradiva, p. 55-73.
- SAMPAIO, R. D. (2019). Produção e recepção de Anália Vieira do Nascimento no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (1871-1898). [Dissertação de Mestrado, Universidade de Caxias do Sul].

BIBLIOGRAFIA

<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5215/Dissertacao%20Rebecca%20Demicheli%20Sampaio.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

- SCLHEE, A. G. (2014). O presente e o passado de um almanaque. Prefácio. In: CHAVES, V. P. (Ed.). O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Gradiva. p. 7-24
- VERÍSSIMO, J. (1998). História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Letras & Letras. (Edição comemorativa).
- VILAS BÔAS, P. (1974). Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores. A Nação.
- WEIGERT, B. (2017). Anália Vieira do Nascimento: 1854-1911. Biblioteca Nacional de Portugal. E-Book.

BIBLIOGRAFIA



Escrita feminina e engajamento social no sul do Brasil: as irmãs melo e a luta pelos desvalidos

Women's writing and social engagement in south Brazil: the melo sisters and the struggle for the underprivileged

Luciana Coutinho Gepiak 

Universidade Federal do Rio Grande

lcgepiak@gmail.com

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Histórico:

Submissão | Received: 30/09/2021

Aprovação | Accepted: 19/11/2021

Publicação | Published: //



RESUMO

Ao longo do século XIX e primeiras décadas do XX, a escrita feminina teve uma etapa de ampla difusão ao longo do território brasileiro. Enfrentando todo o tipo de obstáculos, essas mulheres escritoras promoveram atividades literárias diversificadas, servindo-lhes, a imprensa, como veículo essencial de divulgação de suas produções. Tal ação, no sul do Brasil, teve o destaque das irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, as quais, em meio às lides literárias e jornalísticas, desempenharam importantes papéis na sustentação de bandeiras de luta por causas sociais e políticas. Esta pesquisa tem por objetivo abordar a ação social das autoras junto ao Clube Beneficente de Senhoras.

Palavras-chave: Escrita feminina, Luta social, Irmãs Melo, Clube Beneficente de Senhoras, História, História das Mulheres

ABSTRACT

Throughout the nineteenth century and the first decades of the twentieth century, women's writing had a stage of wide diffusion throughout the Brazilian territory. Facing all kinds of obstacles, these female writers promoted diversified literary activities, using the press as an essential vehicle for disseminating their productions. Such action in southern Brazil was highlighted by the sisters Revocata Heloísa de Melo and Julieta de Melo Monteiro, who, in the midst of literary and journalistic activities, played important roles under the banners of social and political causes. This research aims to address the authors' social action with the Clube Beneficente de Senhoras (Ladies' Benevolent Club).

Keywords: Women's writing, Social struggle, The Melo sisters, Clube Beneficente de Senhoras, History, Women's history

:

Apesar de todos os obstáculos impostos, reproduzindo um fenômeno histórico em escala mundial, o Brasil do século XIX serviu de palco para a difusão da escrita feminina, com a eficaz ação de mulheres escritoras que atuaram ao longo do território nacional. Esse fenômeno também ocorreria ao sul do país, na sua mais meridional província, depois estado, do Rio Grande do Sul. Tendo de enfrentar os preconceitos e a situação de predomínio pleno do modelo patriarcal, ainda mais arraigado em meio ao conservadorismo social sulino, essas intelectuais não mediram esforços para difundir seus escritos, constituindo a imprensa o principal veículo de divulgação. Nos quadros sul-rio-grandenses, a cidade do Rio Grande teve um papel cultural fundamental. Fundada ainda à época colonial, foi a primeira povoação portuguesa instalada no Rio Grande do Sul, desempenhando uma função militar-estratégica decisiva na expansão lusa em direção à região platina. Com o passar do tempo, a localidade veio a transformar-se no mais importante ponto comercial sulino, servindo seu porto para comercializar o charque, base econômica gaúcha, e receber importações de toda ordem. A partir das atividades mercantis, a cidade portuária se afirmaria como uma das principais no contexto provincial/estadual, atingindo um progresso econômico que trouxe consigo também uma importante evolução cultural. No século XIX e primeiras décadas do XX, a cidade possuiu um Gabinete de Leitura, que se transformou na Biblioteca Rio-Grandense, uma das mais importantes do país, e contou com a circulação de uma

diversificada imprensa, que incluía o jornalismo noticioso, político, comercial, literário, satírico e humorístico, bem como teve a ação de diversos clubes, com finalidades socioculturais. Além disso, esse ambiente foi propício para o aparecimento de uma ativa intelectualidade, incluindo, entre ela, as representantes da escrita feminina.

Em tal conjuntura, deu-se a ação de duas das mais importantes escritoras brasileiras dos Oitocentos e decênios iniciais dos Novecentos, as irmãs Melo. A mais velha, Revocata Heloísa de Melo, nasceu em 1853, na capital gaúcha, Porto Alegre, mas, ainda criança, passou a morar na cidade do Rio Grande, onde atuou ao longo de toda a sua vida, que se estendeu até 1944. A mais jovem tinha por nome de batismo, Julieta Nativa de Melo, nascida em 1855, na cidade do Rio Grande, e passando a chamar-se, após o casamento, Julieta de Melo Monteiro, denominação pela qual ficou mais conhecida em sua carreira, que também se desenvolveu na localidade portuária, até a sua morte, em 1928.

Como era comum à época, as irmãs Melo tiveram uma ação intelectual diversificada, atuando como professoras, jornalistas, poetisas, cronistas, contistas, memorialistas, polemistas e teatrólogas. No que tange às atividades jornalísticas, colaboraram com vários periódicos de diversas localidades brasileiras e no exterior, preferencialmente os de natureza literária, mas também em noticiosos, políticos e caricatos, entre outros. Em termos de produção bibliográfica, Revocata de Melo publicou Folhas errantes (1882) e Julieta Monteiro, Prelúdios (1881),

Oscilantes (1892), Alma e coração (1898) e Terra Sáfara (edição póstuma, 1928). Além disso, ambas desempenharam uma significativa ação conjunta, chegando a publicar em coautoria *Coração de mãe* (1893) e *Berilos* (1911) (FLORES, 1999, p. 350-351; SCHMIDT, 2000, p. 306-319, 892-897; SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 308, 477-478, 485; COELHO, 2002, p. 314, 564-565; FLORES, 2011, p. 464).

Associando a atuação literária com a jornalística, Revocata e Julieta tiveram um papel significativo na expressão da escrita feminina, principalmente no Rio Grande do Sul, mas com uma atuação que se estendeu pelo Brasil e até no contexto internacional. Os “textos de autoria feminina se distinguem dos demais por possuírem um tom, uma dicção, um ritmo, uma respiração” própria, incorrendo em um universo com tendência intimista (BRANCO, 1991, p. 13-14), vindo a refletir a conjuntura que cercou as autoras, pois este tipo de escrita traz em si “contextos histórico-culturais e sociais específicos”, na elaboração da “produção literária” (MINGOCHO, 2005, p. 8). Vencendo uma “fronteira de prestígio difícil de ultrapassar, por causa da resistência em aceitá-las como tais”, as escritoras se antepuseram às “dificuldades de reconhecimento”, de modo que, “apesar de tudo, as mulheres transpuseram essa barreira” e, “nos séculos XIX e XX conquistaram a literatura” (PERROT, 2015, p. 97-99).

Elas mostraram-se “dispostas a transpor as barreiras do preconceito” (PRADA, 2010, p. 28-29) e “conseguiram trabalhar em jornais, escrever periodicamente”, trabalhando “com seriedade e objetivos de

perenizar a obra de suas contemporâneas e criar uma obra própria” (MUZART, 2011, p. 24). O caminho por elas “traçado revela a ousadia no ultrapassar de múltiplas barreiras” e, além disso, “o reconhecimento granjeado” por elas “junto de pares resulta do empenho e esforço empreendidos ao longo da carreira” para a qual se dedicaram. Ocorria então “uma conquista que surgiria aos olhos das mais jovens mulheres”, que passam a torná-las na condição de “modelo e precursora” (LOUSADA, 2012, p. 111).

A produtiva carreira das duas escritoras sul-rio-grandenses trouxe-lhes um significativo reconhecimento intelectual a partir de suas produções bibliográficas e, especialmente, pelas suas atividades como editoras de periódicos. Julieta de Melo Monteiro fundou e redigiu a *Violeta*, que circulou entre 1878 e 1879, tendo a irmã Revocata de Melo como a principal colaboradora, vindo, tal periódico, a constituir uma das primeiras manifestações da imprensa feminina no contexto gaúcho, promovendo um intercâmbio com praticamente todas as demais províncias brasileiras e até mesmo com o exterior. Posteriormente, em 1883, Revocata fundou o *Corimbo*, dividindo com a irmã Julieta a redação do periódico, que se tornou um dos mais longevos representantes da imprensa feminina brasileira, sendo editado até 1944.

Estes periódicos rio-grandinos corresponderam à conjuntura na qual “assistiu-se ao surgimento de uma infinidade de jornais e revistas dedicados à mulher e à família”, constituindo um “tipo de imprensa” que “dividiu com a leitura de

romances e folhetins a esfera privada e íntima na qual vivia a maior parte do público feminino” (PRIORI, 2016, p. 9, 296). Tais “publicações genuinamente feitas de ‘mulher para mulher’ servem de termômetro para aferir os costumes de uma época”, uma vez que “retratam os paradigmas vigentes” (COSTA, 2012, p. 390). Como “publicações periódicas destinadas a mulheres e consumidas majoritariamente por elas”, estas edições têm “um papel importante na emancipação feminina” (LAMAS, 1995, p. 20), pois, “o espaço ocupado na imprensa pelas mulheres servia ao propósito de estimular e convocar para a batalha pela emancipação de outras irmãs” (LOUSADA, 2010, p. 42).

Por meio de seus escritos, Revocata de Melo e Julieta Monteiro, além de conquistarem notoriedade literária e jornalística, lançaram mão de tal reconhecimento intelectual para defenderem determinadas bandeiras de luta. Como escritoras engajadas, a maior frente de combate das mesmas foi a da emancipação feminina, lutando por um novo lugar social para a mulher, a qual deveria ser promovida por meio da educação. Elas tiveram também um fortíssimo embate de natureza política, colocando-se na oposição ao modelo ditatorial que dominou o Rio Grande do Sul por quase toda a República Velha, batalhando pelas causas das liberdades públicas e individuais. As preocupações de cunho social também constituíram outra das bandeiras de combate das irmãs Melo, como foi o caso da atuação antiescravista, promovendo a campanha pela liberdade

dos cativos através de seus textos e mesmo fundando uma agremiação abolicionista. Também no campo social, Revocata e Julieta lutaram contra as mazelas da sociedade, encampando a causa dos desvalidos e participando de entidades que promoviam atividades assistenciais tendo em vista amenizar os drásticos efeitos da pobreza.

Esta ação engajada das duas escritoras vinha ao encontro do sistema de conexões por elas promovido, principalmente por meio da imprensa e em meio ao público feminino, uma vez que, “nesta floração de mulheres escritoras”, elas não se encontram “isoladas umas das outras, mas, pelo contrário, formam uma espécie de rede feminina” que “mantém vínculos com os outros centros do país” (SOARES, 1980, p. 145). Ocorre então uma série de relações “visíveis entre os agentes envolvidos na vida intelectual” (BOURDIEU, 1989, p. 65-66). O conjunto destas inter-relações é “constituído no interior do campo ideológico de que faz parte”, levando em conta “as visões em perspectiva do campo intelectual ou político” (BOURDIEU, 2007, p. 186, 190). Especificamente em termos de imprensa, “a influência do campo jornalístico sobre os campos de produção cultural se exerce essencialmente através da intervenção de produtores culturais situados entre o campo jornalístico e os campos especializados”, de modo que tais “‘intelectuais-jornalistas’ se servem de seu duplo vínculo” para atender às “exigências específicas dos dois universos e para introduzir em cada um deles poderes mais ou menos bem adquiridos no outro”, com

base em sua “autoridade intelectual” (BOURDIEU, 1997, p. 111). O engajamento das irmãs Melo, como intelectuais, literatas e jornalistas, em torno das causas sociais, teve, na ação do Clube Beneficente de Senhoras, um de seus pontos altos.

Figura 1 - As irmãs Melo, Julieta (à esquerda) e Revocata (à direita)



Na localidade do Rio Grande, a proposta de criação de uma entidade de apoio aos desvalidos, principalmente às mulheres, foi levada a efeito em agosto de 1901, com o anúncio de que nos salões de um clube da cidade seria “instalado o Clube Beneficente de Senhoras, elegendo-se, então, a sua primeira diretoria” (Diário do Rio Grande, 2 ago. 1901, p. 2). Havia uma comissão organizadora que convidou “a todos quanto se interessam por essa humanitária ideia a tomar parte na assembleia”, que se realizaria a 4 de agosto. Tal comissão

contava “com a assistência das ilustres senhoras que se inscreveram nas listas distribuídas por diversas pessoas e associações”, ainda com a expectativa de que as ditas listas fossem “remetidas até o dia da reunião convocada” (Diário do Rio Grande, 3 ago. 1901, p. 3).

A maior preocupação era a de que “a iniciativa abrangesse um número bastante elevado de moradores através da livre adesão às listas de interessados em participar da nova associação caritativa que se lançava”. No contexto daquela mesma época, “entre agosto de 1900 e setembro de 1901, foram criados dezanove clubes beneficentes, federados ao Clube Central de Porto Alegre”, vindo a surgir no Rio Grande do Sul as entidades dessa natureza nas localidades de Porto Alegre, a precursora, Palmeira das Missões, Montenegro, São Sebastião do Caí, São Leopoldo, Jacuí, Santa Maria, Jaguari, São Borja, Bagé, Cruz Alta, Rosário do Sul, Jaguarão, Alegrete, Quaraí, Itaqui, Pelotas, Rio Grande e Uruguaiana (LAGES, 2011, p. 4).

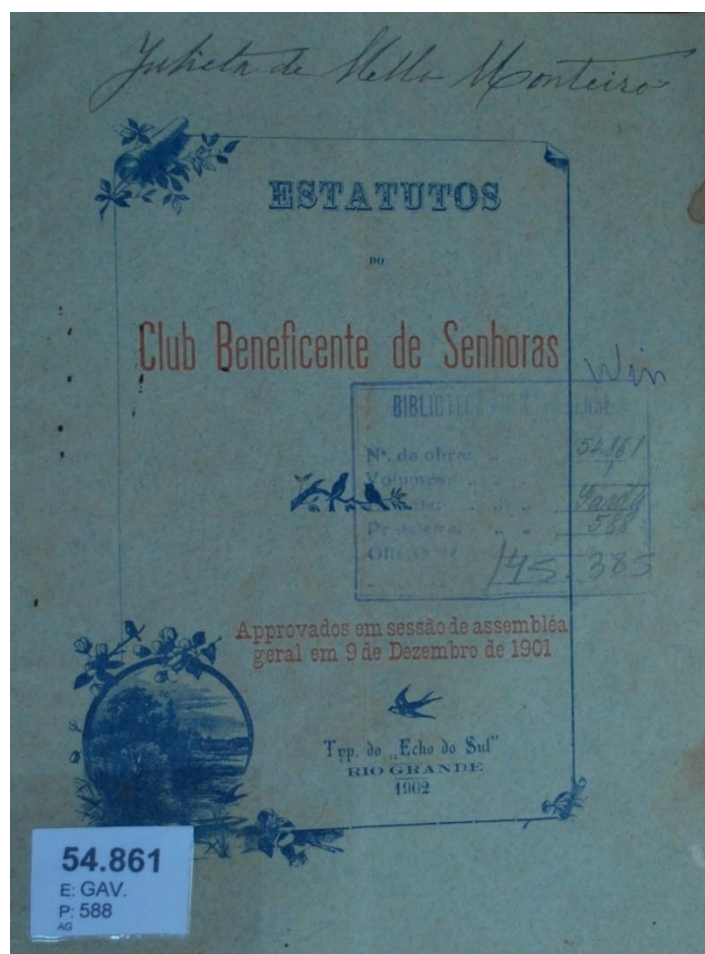
A realização da sessão fundadora da instituição foi noticiada pela imprensa, com a informação de que, “na sala principal da Sociedade Instrução e Recreio, realizou-se a assembleia geral das senhoras inscritas para constituir, nesta cidade, o Clube Beneficente”. As “excelentíssimas senhoras escolhidas para compor a primeira diretoria do referido Clube”, tiveram seus nomes, depois de eleitos, recebidos “acaloradamente, por entre bravos e palmas” (Diário do Rio Grande, 6 ago. 1901, p. 2). A lista era formada por oito senhoras, dentre as quais figuravam

Julieta de Melo Monteiro, como 1ª secretária, e Revocata Heloísa de Melo, como oradora. Em seguida, a nova gestão informou sobre os atos para a Associação Beneficente de Senhoras de Porto Alegre (ARTISTA, 5 out. 1901, p. 2).

Na ocasião, representantes do jornalismo local saudaram a investidura da nova diretoria, ressaltando o papel da entidade recém-fundada, “como elemento de força em prol da caridade”. Na mesma linha, um publicista presente se dizia “nunca indiferente às manifestações de entusiasmo pelas boas causas”, ao saudar “a novel e utilíssima associação”. Em seguida, deu-se o encerramento da sessão, “por entre aclamações festivas a tão humanitário grêmio” (Diário do Rio Grande, 6 ago. 1901, p. 2).

Durante o segundo semestre de 1901, com participação ativa das irmãs Melo, houve a preparação das regras estatutárias que regeriam a nova instituição de caridade (todas as citações elaboradas a partir dos Estatutos do Clube Beneficente de Senhoras). A redação final dessa organização estatutária foi aprovada em assembleia de 9 de dezembro de 1901, ficando caracterizada a entidade “pela valorização e pelo melhor desenvolvimento da mulher em sociedade, e em suas diretorias, assembleias e atos que importassem em decisões”, nas quais “só deveriam estar presentes mulheres” (LAGES, 2011, p. 4). Dessa maneira, em tais determinações ficava expressa a exclusividade feminina na gestão e na atuação do Clube.

Figura 2 - Capa dos Estatutos do Clube Beneficente de Senhoras autografado por Julieta de Melo Monteiro



Desde sua criação, o Clube se definia como uma associação, localizada na cidade do Rio Grande, tendo como “fim principal a prática da caridade”. Ficava estabelecido que, além do caráter beneficente, “as reuniões para fins recreativos e instrutivos também serão realizadas”. Revelando seus vínculos com uma entidade maior que servia para congregar os clubes espalhados pelo Estado do Rio Grande do Sul, a instituição rio-grandina apresenta as suas “obrigações para com a Grande Associação de Senhoras na capital”, a

cidade do Porto Alegre. A partir dessa constatação, ficava expresso que “o Clube tem por obrigação corresponder-se com a Grande Associação”, assim “igualmente por dever remeter anualmente à Grande Associação, a importância de 50\$ como auxílio à formação do patrimônio da mesma”.

Quanto à organização das reuniões do Clube, era estabelecida a existência da Assembleia Geral, a qual era formada pelas “sócias que, em número nunca menor de vinte, compareceriam à hora indicada no

local das sessões”. Tal Assembleia tinha por competência a de “tomar conhecimento do estado da sociedade por meio de um relatório minucioso que lhe será apresentado pela diretoria, em sessão ordinária anual”. Ainda cabia à Assembleia “tratar e resolver sobre todo e qualquer assunto que interessar à sociedade” e “eleger a diretoria por maioria de votos”. Ficava estabelecido também que a Assembleia Geral deveria ser “convocada ordinariamente uma vez por ano, trinta dias antes da data da fundação do Clube” e, de maneira extraordinária, “toda a vez que a diretoria julgar necessária”.

O ingresso no Clube Beneficente de Senhoras, na qualidade de sócias, poderia ser na natureza de “efetivas”, ou seja, aquelas “que contribuírem com mensalidades, frequentarem as sessões e tomarem parte nas deliberações do Clube”; de “beneméritas”, em referência aquelas “que fizerem importantes donativos ao Clube, ou lhe prestarem relevantes serviços”; e de “honorárias”, aquelas “que residindo fora da sede, continuarem a auxiliá-lo”.

A administração do Clube se dava por meio de uma diretoria, “eleita anualmente pela Assembleia Geral das sócias efetivas”, vindo a ser composta de uma presidente, uma vice-presidente, uma secretária, com uma adjunta, uma tesoureira, com uma adjunta, e uma oradora. Para auxiliar a diretoria era prevista a existência de “tantas comissões de beneficência, quantas forem necessárias”. A diretoria se reunia em “sessões econômicas e sessões magnas”, as primeiras assistidas pelas diretoras e suas auxiliares, e as outras com o

comparecimento de todas as sócias, efetivas ou não. Apareciam como deveres da diretoria, os de “levar a efeito quermesses, concertos e outros benefícios a bem dos fins do Clube”; de “promover tudo quanto for mister para que o Clube preencha de modo o mais completo, os seus fins”; e o de “levar a efeito todos os trimestres uma reunião instrutiva por meio da palavra e de leituras úteis”. Estas “preleções” de instrução cabiam a “qualquer sócia que desejar” e “pessoas alheias ao Clube”, desde que convidadas pela diretoria.

As sócias do Clube assumiam como compromissos, o de “aceitar os cargos e comissões para que forem designadas”; o de “guardar o maior sigilo sobre os benefícios feitos pela sociedade”; o de “concorrer com as mensalidades estipuladas pelo Clube”; e o de “comparecer às sessões para que forem convocadas”. No que se refere à elegibilidade, só seriam “elegíveis para os cargos da diretoria, as sócias que estejam quites com a tesouraria”.

Os Estatutos determinavam também as atribuições de cada um dos membros da diretoria. À presidente cabia “convocar e presidir as sessões da diretoria, autorizar as despesas necessárias, de acordo com o orçamento” e “assinar com a secretária, todos os papéis ou documentos que não constarem da correspondência ordinária”. A vice-presidente deveria auxiliar e substituir a presidente, nos seus impedimentos. Os deveres da secretária eram os de “lavrar as atas das reuniões da diretoria”; o de “preparar e assinar toda a correspondência do Clube”; e o de

“escrever o livro matrícula geral das sócias”. A secretária-adjunta tinha por função a de auxiliar e substituir a titular, sendo também incumbida do arquivo e da biblioteca, caso houvesse. As obrigações da tesoureira eram as de promover “a escrituração do livro caixa e auxiliares; arrecadar as rendas do Clube; atender aos pagamentos ordenados pela presidente”; e “apresentar, no fim do ano social, balanço geral com demonstrações”; e a sua adjunta deveria auxiliá-la e substituí-la. Já as incumbências das comissões de beneficência eram a de “informar à diretoria sobre as pessoas que porventura se acharem no caso de receber auxílios do Clube e efetuar-los conforme a diretoria liberar”.

Em relação às finalidades do Clube ficava definido que o seu “principal escopo é a prática da beneficência segundo os princípios da moral universal”. Além disso, “a educação da mulher também preocupará o Clube”, logo que houvesse fundos para tanto, visando a ampliar “o mais possível” esse tipo de assistência.

A estrutura financeira da entidade previa que as rendas seriam originadas da “contribuição mensal de 1\$000 de cada sócia efetiva” de “donativos” e do “produto de quermesses, concertos” e outras atividades. Já as despesas deveriam ser restritas a “aluguel de casa e luzes, trabalho de escrituração, objetos de expediente e selo postal” e “o indispensável ao funcionamento do Clube”. Ficava também detalhado que “os gastos com festas alheias aos fins do Clube correm por conta das sócias”.

Quanto aos debates promovidos em meio à instituição beneficente, “nenhuma sócia poderá tomar a palavra, quer nas sessões da diretoria, quer nas da Assembleia Geral, sem a ter obtido de quem estiver presidindo os trabalhos”. Em relação a “quem presidir as sessões, só poderá falar sobre os mesmos assuntos no ato de pô-los em discussão, e tão somente para elucidá-los, quando for mister”, ou ainda “quando nenhuma sócia peça a palavra e o mesmo objeto comporte explanação”.

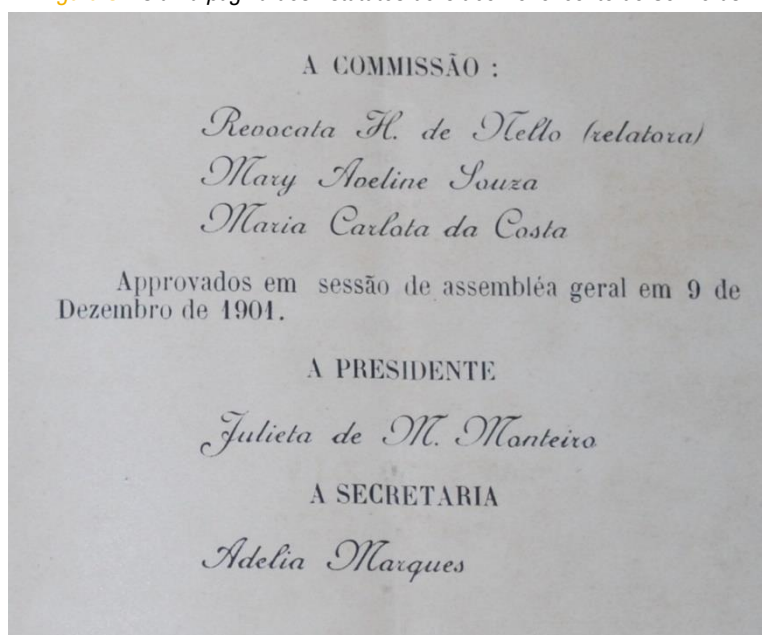
Especificamente no que se refere à beneficência, havia a previsão de que “a ação protetora e beneficente do Clube só se estende aos limites urbanos da cidade” do Rio Grande, sede da entidade. Ainda quanto à ação fundamental da instituição, a diretoria deveria organizar “um registro das pessoas a que o Clube tenha de socorrer, dando preferência” para as “senhoras que façam parte do Clube como sócios de qualquer categoria, e que, por circunstâncias extraordinárias, precisem do auxílio do Clube” e para as “senhoras viúvas e as crianças órfãs desamparadas, que não pertençam ao número dos necessitados que esmolam pelas ruas”.

Buscando manter o anonimato dos beneficiados, ficava garantido que não seriam “publicados os nomes das pessoas a quem o Clube fizer benefícios”. Os Estatutos também expressavam que o Clube não aceitaria “dedicatórias de espetáculos ou festas que visem a benefícios, cujo produto não seja em proveito de seus cofres”. Quanto às “disposições gerais”, era previsto que a entidade possuiria “um estandarte com os emblemas da Fé, Esperança e Caridade”;

que “todas as sócias têm por dever possuir um distintivo com o emblema da Caridade”, que deveria ser usado “em todos os atos extraordinários do Clube e sempre que tenham de representá-lo”; que o Clube possuiria “um sinete com os emblemas da Fé, Esperança e Caridade”, o qual serviria para marcar toda a correspondência.

O papel das irmãs Melo na idealização e efetivação do Clube Beneficente de Senhoras ficava bem marcado com a presença como relatora de Revocata na Comissão que elaborou o texto prévio dos Estatutos, e de Julieta à frente da presidência, no momento da publicação de tais regramentos.

Figura 3 - Última página dos Estatutos do Clube Beneficente de Senhoras



O Clube Beneficente de Senhoras ainda viria a possuir mais dois estatutos, um de 1910 e outro de 1947 e, “durante todos esses anos de funcionamento, a entidade primou por uma ação discreta”, com o respeito ao “princípio bíblico ‘de que uma mão não saiba o benefício que a outra praticou’”. Constituiu assim uma instituição “aberta, ecumênica, em favor da mulher, sem vinculação a ideologias, partidos ou religiões, abrangendo como sócias pessoas de diferentes atividades” e contando “com abnegadas, que fizeram os ideais estatutários tornarem-se realidade”.

As tantas colaboradoras que se seguiram “possibilitaram a consolidação da entidade”, mantendo a causa da assistência. O Clube recebeu a doação de um terreno, havendo ampla ação diretiva com o objetivo de buscar donativos, conseguindo erguer um prédio próprio, em 1921 (LAGES, 2011, p. 4).

Ao longo da atuação do Clube, o papel da mobilização feminina permaneceu incontestado, e, durante suas vidas, Julieta de Melo Monteiro e Revocata de Melo, tiveram uma ação relevante em prol da entidade, tanto ao comporem a diretoria, o

que ocorreria por mais algumas vezes, quanto em suas ações sociais e intelectuais. O Corimbo, que contou com as irmãs à frente de sua redação, teve um papel importante na divulgação das atividades da entidade, bem como na

motivação pública em torno das suas causas¹. Essa ação das duas escritoras chegou a contar com o reconhecimento da instituição, ao eleger a “ilustrada redação” do periódico como “sócio benemérito” da entidade.

Figura 4 - Diploma do Clube Beneficente de Senhoras em homenagem à redação do Corimbo



A interação entre as literatas e jornalistas, por meio do periódico que redigiam, com o Clube Beneficente de Senhoras, demonstrava a amplitude da entidade ao longo das várias localidades sul-rio-grandenses, como ao noticiar a criação da instituição na vizinha cidade de Pelotas, com a referência ao surgimento do “benemérito e distinto Clube” na localidade,

o qual era “composto de gentilíssimas senhoras, e cuja diretoria está ao encargo de um grupo de almas verdadeiramente votadas ao bem, de espíritos abertos a todas as virtudes” e “a todos os dotes que recomendam a mulher” (Corimbo, 21 out. 1901, p. 4).

¹ Nesta pesquisa há o destaque às repercussões nas páginas do *Corimbo* da ação do Clube Beneficente de Senhoras ao longo de seus trinta anos iniciais. Não ocorre, entretanto, um levantamento integral, pois as diversas interrupções que sofreu o periódico e as grandes falhas

nas coleções existentes (uma das maiores nos anos vinte) permitem apenas uma rápida amostragem destas repercussões.

No terceiro ano de existência da entidade, o Corimbo demonstrava a relevância da instituição, ao anunciar que, “com verdadeira imponentia realizou este benemérito grêmio uma sessão comemorativa de seu aniversário”. Informava ainda que “o festival foi abrilhantado com imenso auditório”, fazendo-se “representar autoridades civis e militares, imprensa e vários clubes locais”. Na oportunidade, foram reforçados os “altos fins de caridade” do Clube, concluindo o periódico com a constatação de que “a festa do Clube Beneficente de Senhoras esteve agradavelmente impressionável”. A nota destacava também que as irmãs Melo permaneciam como membros atuantes, inclusive integrando a diretoria (Corimbo, 15 set. 1904, p. 3).

Em outra ocasião, houve a homenagem das escritoras para com a entidade, ao qualificar a mesma como “benemérita sociedade, cercada das simpatias públicas”, ao atuar, “na medida de suas forças, desdobrando sua bandeira de caridade, onde quer que seu auxílio se faça oportuno” (Corimbo, 3 out. 1905, p. 7). Deste modo, a redação da folha literária e feminina chegou a afirmar “que as colunas do Corimbo estarão sempre” ao lado “do piedoso Clube” na sua “nobilidade missão”, fosse “na prática da caridade”, ou ainda “no desenvolvimento intelectual de suas associadas” (Corimbo, 21 out. 1905, p. 7).

As cordialidades entre o periódico e o Clube eram recíprocas, como foi o caso de um aniversário do Corimbo, quando um “grande número de consócias veio à residência das diretoras deste quinzenário”, trazendo “afetuosíssimas saudações e um

belo e significativo mimo”. No ato, foi saudada a ação da diretoria da entidade, sempre “animada dos mais louváveis intuitos em prol do honroso programa desse piedoso grêmio” (Corimbo, 1 nov. 1905, p. 7-8).

As atividades culturais da instituição assistencial também foram noticiadas pelo Corimbo, ao referir-se à “sessão educativa e literária do piedoso Clube de Senhoras”, a qual foi caracterizada como “uma diversão de arte, brilhante, encantadora, que ocorreu na melhor ordem e que mereceu os aplausos de todos que a ela assistiram”. Explicitando mais uma vez a mobilização em torno das ações do Clube, o periódico informava que, na solenidade, esteve “presente grande número de sócias e convidados, alguns representantes da imprensa e comissões de sociedades locais”. Na ocasião, foi reiterada a “ação piedosa do Clube de Senhoras” em prol do “meio social” rio-grandino, bem como no sentido “de educar a mulher, de ilustrá-la mesmo, para mais amplo cumprimento de sua alta missão no lar” (Corimbo, 30 abr. 1907, p. 1-4).

O sexto natalício do “simpatizado” e “tão útil grêmio de caridade” foi exaltado pelo periódico redigido pelas irmãs Melo, destacando a realização de uma sessão que se “revestiu de real brilhantismo”. Nessa reunião, foram conclamadas “as senhoras, consócias ou não” a amparar o Clube, de maneira a proteger “crescido número de necessitados desta cidade”. Dentre as falas proferidas na sessão, foi levantada “a bandeira sugestiva da grande causa que ora agita-se com ardor nos mais adiantados centros de progresso e civilização – a

emancipação da mulher” (Corimbo, 18 ago. 1907, p. 5-7).

Com a divulgação das ações da entidade, a revista literária, dava ênfase, mais uma vez, ao “humanitário e futuroso Clube”, em sua “dignificadora peregrinação de caridade, despertando simpatias e colhendo bênçãos de gratidão”. O periódico destacava ainda que a instituição era “composta de senhoras imensamente dedicadas às sublimes causas da caridade e do engrandecimento moral e intelectual da mulher” (Corimbo, 30 nov. 1907, p. 4-6).

A própria redação do Corimbo também desenvolvia campanhas a favor dos desvalidos, principalmente à época do Natal, considerando que tal data era cercada pelas “mais formosas comemorações, que são aquelas em que aparecem as brancas rosas da caridade”. Nessas ações, o periódico se associava às instituições de assistência da cidade, dentre elas, o próprio Clube Beneficente de Senhoras, que distribuía importante valor, “demonstrando assim que não descarta de sua sublime missão em prol dos necessitados”. De acordo com o jornal, àquele “infatigável Clube foram feitos donativos que bastante testemunham a grandeza de sentimentos, o nobre desprendimento de seus ilustres doadores” (Corimbo, 30 dez. 1916, p. 3).

Revocata e Julieta, na redação do Corimbo, permaneceram divulgando as atividades Clube, como no caso de uma seção que contou com “uma numerosa e seleta assistência de sócias animadas dos mais recomendáveis intuitos” (Corimbo, 15 fev. 1917, p. 4). Continuava sendo elogiada a

considerável presença de convidados nas ações “do humanitário Clube Beneficente de Senhoras” (Corimbo, 15 mar. 1917, p. 4), e o aumento do quadro social também foi objeto da atenção do periódico, ao informar “que monta a perto de cem o número de associadas do Clube B. de Senhoras”, felicitando pelo feito a “piedosa instituição” (Corimbo, 30 mar. 1917, p. 4).

Outra atitude do Clube foi destacada pelo Corimbo, ao informar que “esta benemérita instituição de caridade, mais uma vez deu prova de seus altos sentimentos de humanidade”, ao distribuir “entre inditosas criaturas que lutam o dia a dia com os horrores da crise”, um valor em dinheiro. O periódico explicava que “essas espórtulas que tanto sensibilizaram a quem as recebeu foram dadas com muita justiça e critério”, sendo direcionadas para “pessoas que não recebem mensalmente os benefícios do utilíssimo Clube”, de modo que promoveu o atendimento, “com todo o carinho, às contempladas” (Corimbo, 15 abr. 1917, p. 4).

Ao completar década e meia de existência, a entidade recebeu palavras de júbilo de parte do periódico literário e feminino. Segundo o jornal, a “benemérita instituição local, que tantos e tantos benefícios tem feito em nosso meio”, passava pelo seu décimo-quinto aniversário, período no qual “aparecem formosos florões de caridade e dedicação aos desamparados”, ao possuir “à sua frente senhoras cheias de serviços à sublime causa dos necessitados”. O Corimbo considerava que a entidade estava “em uma de suas fases de destaque”, pelo aumento no seu quadro social, aderindo ao “piedoso Clube” para “tomar lugar ao lado

desses dignos legionários do bem”. Os elogios estendiam-se às integrantes da diretoria, caracterizadas como “almas cheias de altruísmo, modelares em sua faina pela árdua, embora nobilíssima, luta pelo infortúnio alheio” (Corimbo, 30 abr. 1917, p. 3).

Em outra edição, o Corimbo se propunha a tratar “mais uma vez desta útil e considerada associação local”, salientando os seus “méritos”, que “vêm de há muito, impondo-se ao apreço e à simpatia de todos aqueles que lhe acompanham a marcha brilhante, fazendo justiça a todo esse grupo de senhoras abnegadas”, que vinha dirigindo a entidade “com notada dedicação, a despeito mesmo do sacrifício de seus encargos de família e das suas horas de doce recreio”. O periódico considerava que a instituição representava “uma coluna abençoada, uma luz vivificadora para os desamparados da sorte, para os peregrinos do infortúnio, para a pobreza enfim”. Destacava ainda o caminho da entidade, ao percorrer “longas estradas de agruras”, para realizar “uma causa santa, um posto de abnegação e de heroísmo”, levantada “como um lábaro de fé e caridade”. Desta maneira, garantia que o Clube tinha “direito a todas as honras, a todos os preitos, com que se cultuam os grandes benfeitores”. O “benemérito Clube” era ainda destacado pela “grandeza de seus sentimentos altruístas”, ao promover o sustento de famílias necessitadas (Corimbo, 15 ago. 1917, p. 1).

As ações natalinas do Clube voltaram a ser anunciadas pelo periódico, comunicando que a entidade “está organizando uma festa de Natal para as crianças pobres”, a qual

vinha obtendo “do público a melhor aceitação para a piedosa ideia” (Corimbo, 15 dez. 1917, p. 4). Realizada a atividade, o jornal noticiou que “o benemérito Clube B. de Senhoras fez uma larga distribuição de doces, brinquedos e fazendas a infinito número de crianças pobres, com o maior carinho e solicitude”. Explicitava assim que, ao atender as “criancinhas necessitadas”, a entidade vira “belamente coroados os seus esforços em prol do Natal dos pobrezinhos” (Corimbo, 30 dez. 1917, p. 3).

Foi também noticiada pelo Corimbo outra campanha da entidade, ao citar que “o piedoso e festejado Clube B. de Senhoras”, apontado como “uma das instituições locais altamente merecedora de todo esse feliz acolhimento”, com o qual o “altruístico público o distingue”, acabara “de reunir à sua já bastante conhecida distribuição de benefícios, um formoso gesto de caridade, ainda não encetado nesta cidade”. Tratava-se da criação do projeto “Gota de Leite”, pelo qual era distribuído diariamente “excelente leite a regular número de crianças reconhecidamente necessitadas”, sendo desempenhada “a missão com todo o carinho e zelo próprio dos magnânicos corações” (Corimbo, 31 maio 1918, p. 4).

Em mais um natalício da instituição, o jornal rio-grandino destacava “este simpático e humanitário Clube”, o qual completava dezassete anos, e seguia “com aplauso geral pelos santos caminhos do bem, acarinhando com o seu óbulo” a um “não pequeno número de desoladas e pobres velhas, e acudindo em doce dedicação a não poucas mães rodeadas de infelizes criancinhas”, por meio de “um alentador gesto de caridade”. Esclarecia também que,

à frente da diretoria continuava atuando “um grupo de distintas senhoras da apreciada sociedade rio-grandense” (Corimbo, 15 ago. 1918, p. 3).

Já nos anos trinta, o Corimbo noticiava a realização de um “magnífico chá” por parte do Clube, que permanecia em sua atividade de assistência, uma vez que, a “bela noitada” teve o “seu produto pecuniário destinado a beneficiar a ‘Gota de Leite’, mantida pelo aludido clube”, constituindo atividade “assistida por nosso escol social” (Corimbo, maio 1930, p. 4). Na mesma época, o periódico voltava a enaltecer o papel do Clube Beneficente, ao considerar que o mesmo era “nesta cidade um marco bordado de valiosos atestados de caridade” (Corimbo, ago. 1930, p. 4).

No trigésimo aniversário da instituição, já sem a presença de Julieta Monteiro, a redação do Corimbo saudou a efeméride, enfatizando o papel social da entidade, com destaque para a ação feminina na edificação daquela já longa atuação. O periódico noticiava desta maneira que o “benemérito Clube” vencera “uma de suas eloquentes estações”, na “luta dignificadora a que se impôs, servindo com indiscutível energia, com abnegação, com carinho à causa santa e alevantada da caridade”, vindo a ser “feita justiça” quanto à constatação de que “a mulher é exemplar no terreno do bem” (Corimbo, ago. 1931, p. 4).

Ficava assim demarcada a ação das irmãs Melo como intelectuais engajadas por uma

causa social, lutando pelos desvalidos, especialmente em apoio às mulheres necessitadas. O reconhecimento literário e jornalístico em muito serviu para que elas atuassem fortemente na mobilização da sociedade rio-grandina no sentido de combater os focos de miséria e fome que assolavam a cidade. Escrevendo em prol da causa, atuando diretamente na diretoria do Clube Beneficente de Senhoras, participando decisivamente nas atividades organizadas pela entidade ou utilizando o periódico que dirigiam como difusor dos princípios em torno da assistência e da caridade, Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo, apoiando a tantas que se dedicaram à causa, promoveram mais uma de suas frentes de luta, no combate às mazelas sociais típicas da primeira metade do século XX²

² Este artigo faz parte de uma pesquisa em execução e com continuidade, a qual é destinada à elaboração da Tese de Doutorado, abordando a ação de Revocata

Heloísa de Melo no periódico *Corimbo*, realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da FURG.

FONTES DOCUMENTAIS:

- ARTISTA. Rio Grande, 5 out. 1901, ano 39, nº 179, p. 2.
CORIMBO. Rio Grande, 21 out. 1901, ano 19, nº. 173, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, 15 set. 1904, ano 21, nº. 240, p. 3.
CORIMBO. Rio Grande, 3 out. 1905, ano 22, nº 236, p. 7.
CORIMBO. Rio Grande, 21 out. 1905, ano 22, nº 237, p. 7.
CORIMBO. Rio Grande, 1 nov. 1905, ano 22, nº. 238, p. 7-8.
CORIMBO. Rio Grande, 30 abr. 1907, ano. 23, nº. 267, p. 1-4.
CORIMBO. Rio Grande, 18 ago. 1907, ano 23, nº. 270, p. 5-7.
CORIMBO. Rio Grande, 30 nov. 1907, ano 23, nº. 274, p. 4-6.
CORIMBO. Rio Grande, 30 dez. 1916, nova fase, nº. 75, p. 3.
CORIMBO. Rio Grande, 15 fev. 1917, nova fase, nº. 78, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, 15 mar. 1917, nova fase, nº. 80, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, 30 mar. 1917, nova fase, nº. 81, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, 15 abr. 1917, nova fase, nº. 82, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, 30 abr. 1917, nova fase, nº. 83, p. 3.
CORIMBO. Rio Grande, 15 ago. 1917, nova fase, nº. 90, p. 1.
CORIMBO. Rio Grande, 15 dez. 1917, nova fase, nº. 98, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, 30 dez. 1917, nova fase, nº 99, p. 3.
CORIMBO. Rio Grande, 31 maio 1918, nova fase, nº. 109, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, 15 ago. 1918, nova fase, nº 114, p. 3.
CORIMBO. Rio Grande, maio 1930, nova fase, nº 345, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, ago. 1930, nova fase, nº 348, p. 4.
CORIMBO. Rio Grande, ago. 1931, nova fase, nº 360, p. 4.
DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 2 ago. 1901, ano 53, nº. 140390, p. 2.
DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 3 ago. 1901, ano 53, nº. 140491, p. 3.

- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. A influência do jornalismo. In: Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 99-120.
- _____. A economia das trocas simbólicas. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRANCO, Lúcia Castelo. O que é escrita feminina. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- COELHO, Nelly Novaes. Dicionário crítico de escritoras brasileiras. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- COSTA, Carlos. A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro. São Paulo: Alameda, 2012.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner. Dicionário de mulheres. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.
- _____. Dicionário de mulheres. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.
- LAGES, João Marinônio Carneiro. O Clube Beneficente de Senhoras. In: AGORA. Rio Grande, 15 jul. 2011, ano 36, nº 9982, p. 4; 22 jul. 2011, ano 36, nº. 9988, p. 4; 25 jul. 2011, ano 36, nº. 9990, p. 4; 29 jul. 2011, ano 36, nº 9994, p. 6; 1 ago. 2011, ano 36, nº. 9996, p. 4).
- LAMAS, Rosmarie Wank-Nolasco. Mulheres para além do seu tempo. Venda Nova: Bertrand, 1995.

BIBLIOGRAFIA

- LOUSADA, Isabel. Imprensa: amplificador da voz feminina. In: Percursos, conquistas e derrotas das mulheres na 1.ª República. CML, 2010, p. 41-48.
- _____. Carolina: por entre os itinerários da memória e da ciência. In: Gaudium Sciendi – Revista da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, n. 2, jul. 2012, p. 108-117.
- MINGOCHO, Maria Teresa Delgado. Nota prévia. In: Actas do Colóquio Escrita de mulheres. Coimbra, Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2005. p. 7-8.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. A ascensão das mulheres no romance. In: ARRUDA, Aline Alves et al. (orgs.). A escritura no feminino – aproximações. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 17-27.
- PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2015.
- PRADA, Cecília. A pena e o espartilho. 2.ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2010.
- PRIORE, Mary del. Histórias da gente brasileira. São Paulo: Leya, 2016. v. 2.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Revocata Heloisa de Melo. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). Escritoras brasileiras do século XIX. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 892-902.
- SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul – primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina; ROSEMBERG, Fúlvia (Org.). Vivência: história, sexualidade e imagens femininas. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980. p. 121-150.



Nélida Piñon: na ladeira íngreme da crítica, um sobe e desce de opiniões*

*Este texto foi apresentado no II Congresso Internacional de Literatura Brasileira – Nélida Piñon, que teve lugar em Salamanca, em novembro de 2018, quando a escritora brasileira foi a homenageada do evento. Optou-se por manter o texto na íntegra, sem fazer acréscimos sobre a produção da autora ou sobre os registros críticos posteriores a essa data

Nelida Piñon:
on the steep hill of the critics, a seesaw of opinions

Maria Eunice Moreira 

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

poa.mem@gmail.com

Conflito de interesses: nada a declarar. Financiamento: nada a declarar.

Histórico:

Submissão | Received: 25/09/2021

Aprovação | Accepted: 14/11/2021

Publicação | Published: 19/03/2022



RESUMO

Autora de uma bibliografia extensa, Nélide Piñon é ainda uma escritora ainda pouco estudada e pouco citada nos estudos literários brasileiros, oscilando entre períodos de maior fulgor e outros de menor brilho. A crítica movimenta-se em um sobe e desce de opiniões; as histórias da literatura brasileira, publicadas a partir da década de 1960, praticamente desconhecem seu nome. Este texto analisa os principais comentários críticos e procura levantar hipóteses para o silenciamento sobre a obra de Nélide Piñon.

Palavras-chave: História da literatura, Crítica, Silenciamento, História, História Literária

ABSTRACT

Nélide Piñon, the author of an extensive bibliography, still hasn't been thoroughly studied. Her works are barely cited in Brazilian literary studies and oscillate between receiving some spotlight and slight obscurity. The critics move in a seesaw of opinions: the records of Brazilian literature, published from the 1960s, are practically unaware of her name. This text analyzes the main critical remarks and aims to hypothesize on the silencing of this writer's work.

Keywords: Literary History, Criticism, Silencing, History, Literary history

:

1. Considerações

Autora de uma bibliografia extensa, distribuída entre romances, contos, traduções, conferências, com presença atuante em seminários nacionais e internacionais, oradora exímia, membro da Academia Brasileira de Letras, onde ocupa a cadeira de número 30, desde 1990, Nélida Piñon é ainda uma escritora pouco estudada e pouco citada nos estudos literários brasileiros. Tomando por referência as histórias da literatura publicadas no Brasil, a partir da década de 1960 (que coincidem com as primeiras produções da autora), seu nome praticamente é desconhecido dos textos historiográficos. As últimas histórias da literatura brasileira – a de Carlos Nejar (2007)³⁹ e a de Martim Vasques da Cunha (2015) - sequer mencionam a obra dessa escritora nas suas avaliações. Curiosamente, é na *História da Literatura Brasileira*, da italiana Luciana Stegagno-Picchio, publicada no Brasil, em 1997, que se encontra um pequeno comentário sobre a autora de *A república dos sonhos*:

De origem galega, também Nélida Piñon (n. 1934) sabe conjugar experimentalismo e realismo, paixão humana e grafismo de vanguarda no seus requintados contos e romances (...) Escritora aristocrática, Nélida, por suas atmosferas rarefeitas, por sua frequência de um mundo hiper-real, tornou-se nos últimos anos nome de referência imprescindível no quadro da

ficção brasileira e hispano-americana. (STEGAGNO-PICCHIO, 1997, p. 649)

Nélida registra uma trajetória singular também na crítica literária. Entre seu primeiro livro publicado, em 1961, e Congresso Internacional de Salamanca de 2018, onde foi homenageada, transcorreram 47 anos de vida literária. Entre a primeira menção especial recebida por sua obra, o Prêmio Walmap 69, que obtém para seu quarto livro, *Fundador*, vários prêmios, condecorações, títulos de *Doutor Honoris Causa* se acumularam em sua biografia, nesses quase 50 anos. No entanto, críticas menos favoráveis atravessam sua trajetória e os pontos negativos de sua produção incidem sobre sua nacionalidade (estrangeira ela própria em seu país, em função da ascendência galega), o caráter aristocrático de seus textos e o misticismo existencial e literário de sua obra. Pode-se dizer que Nélida Piñon conhece períodos de maior fulgor, sombreados por outros de menor brilho, ou seja, no campo literário brasileiro, como observa Carmen Villarino, a escritora “ha passado de lugares periféricos a otros más centrales”. (VILLARINO PARDO, 2010, 92)

Pretendo, com este trabalho, recuperar alguns desses momentos – centrais ou periféricos – para buscar entender a

³⁹ Carlos Nejar publicou a segunda edição da História. E, em... e nela inserir o seguinte comentário sobre Nélida Piñon:

oscilação crítica na avaliação de sua obra e os motivos pelos quais Nélida Piñon ainda não desfruta de um lugar ao sol –

expressão do escritor Erico Verissimo – no que diz respeito à sua inserção na crítica literária e na história da literatura brasileira.

2.As histórias da crítica

Nélida Piñon surge em livro em 1961, quando vem a público o *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, romance editado pelas edições GRD, do Rio de Janeiro, uma editora de pequeno porte, no mercado editorial. A situação política era difícil: nesse ano, em janeiro, Jânio Quadros, o homem que pretendia limpar o Brasil e cujo símbolo de campanha fora uma vassourinha, assume o governo da nação brasileira, para cumprir um breve e tumultuado mandato: em 25 de agosto, ele renuncia, deixando o cargo nas mãos do Presidente da Câmara. Dias mais tarde, o Congresso Nacional vota o regime parlamentarista e o vice-presidente João Goulart é empossado como presidente da República. A série de fatos que se sucedem nos anos seguintes culminará no golpe de Estado de 1964, na tomada do poder pelos militares e no fechamento do Brasil, com imposição da tortura e do exílio aos inimigos nacionais.

Em 1965, Nélida recebe uma bolsa de estudos concedida pelo governo norte-americano, *Leader Grant*, e viaja para os Estados Unidos, onde desfruta de acolhida como escritora e abre espaços para iniciativas que terão repercussão futura na sua carreira literária. “Considerada como a

representante mais significativa dos jovens criadores brasileiros” da década de 1960, seus textos começam a aparecer em programas acadêmicos de universidades americanas (New York University), ao lado de escritores brasileiros, como Clarice Lispector e Guimarães Rosa. (VILLARINO PARDO, 2010, p. 107). Dessas relações com outros editores e colegas de ofício resultam as primeiras traduções de seus textos para o Inglês e as primeiras observações da escritora sobre o ofício da escrita nos Estados Unidos e no Brasil: “Há dez anos que eu faço literatura no Brasil. Não ganhei nada, nunca. O único dinheiro que eu ganhei foi nos Estados Unidos”. (VILLARINO PARDO, 2010, p. 100). Com esse ganho, Nélida viaja para a Espanha e lá permanece por dois meses. A Espanha é a pátria de seus antepassados; o lugar, Barcelona, é a cidade ideal para suas circunstâncias, onde vivem muitos de seus amigos.

No entanto, talvez outras razões e não só a boa situação financeira a tenham levado a sair do Brasil. Em *Coração andarilho*, confessa: “Eu tivera razões para me afastar do país, desgostosa com “o regime militar que afetara cruelmente meu coração, o ânimo de criar”. (PIÑON, 2009, p. 212).

O momento acarreta profundas mudanças em sua carreira: Nélida não só transita entre dois continentes – a América do Norte e a Europa; forma um sólido capital cultural com as relações que estabelece com agentes e colegas da literatura; adquire maior estabilidade financeira e emocional, como também produz uma obra variada em gêneros. Ao final da década de 1970, é uma jovem escritora com quatro livros publicados: *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* (1961 - romance), *Madeira feito cruz* (1963 - romance), *Tempo das frutas* (1966 - contos) e *Fundador* (1969 - romance). Nessa fase bastante fértil em termos de produção, recebe a “Menção Especial do Prêmio Walmap 69” para seu quarto livro, *Fundador*. O prêmio Walmap surgira em 1964 e durante mais de uma década foi o mais importante concurso literário brasileiro, revelando até 1975, quando foi extinto, importantes talentos da literatura brasileira.

Três anos depois, em 1972, publica *A casa da paixão*, livro que tem boa recepção e com o qual obtém nova premiação, agora o Prêmio Mário de Andrade como o melhor livro de ficção do ano. *A casa da paixão* é lançado após sua volta de outra temporada no exterior, agora em New York e Washington, de onde escrevia matéria para jornais brasileiros nas quais abordava temas relativos às reivindicações das mulheres, e à posição da mulher e escritora. De certa forma, Nélida se inscreve num debate contemporâneo – o do empoderamento da mulher e a busca de espaço na sociedade masculina e patriarcal - mesmo no período de maior fechamento no Brasil, em virtude do regime militar e

das medidas coercitivas sobre a cultura, determinadas pelos governantes.

O ano de 1973 foi promissor na carreira de Nélida e trouxe maior visibilidade à sua obra, especialmente após o sucesso de *A casa da paixão*: seu livro *Fundador* é traduzido e publicado na Argentina, pela editora Emecé, fato que impulsiona a sua reedição no Brasil, em 1976, pela Editora Labor, em uma coleção de Livros de Bolso; sai também, no Brasil, um novo livro de contos, *Sala de armas*, pela editora José Olympio. Pouco a pouco, a ladeira íngreme parece estar sendo galgada com outros empreendimentos e maior acolhimento da obra entre o público brasileiro e latino-americano. Nélida encontrava-se bastante motivada e sua produção literária expressa essa fase positiva: em 1974, lança *Tebas do meu coração*; em 1977, *A força do destino* e inaugura a década de 1980 com novo livro de contos, *O calor das coisas*.

O campo está aberto para a recepção de seu novo livro, talvez o mais importante em sua carreira de ficcionista: *A república dos sonhos*, de 1984. Os tempos se anunciam como novos: a ditadura militar estava chegando ao fim e o mercado editorial apresentava outras condições aos escritores, encaminhando-se para uma maior profissionalização tanto de produtores quanto dos meios de circulação do produto literário. Isso pode ser observado não só pelo maior cuidado no setor gráfico das publicações, maior tiragem de obras, mas sobretudo pela posição dos escritores em relação ao produto literatura. Como

observa Karl E. Schollhammer, “na década de 1980, discutia-se no Brasil, a questão da profissionalização, do escritor” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 46), o que provoca a consciência entre os autores “de que a literatura era também produção e mercadoria” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 46).

As modificações que ocorrem no campo literário passam a exigir a presença de outros sujeitos, como os agentes literários, figuras capazes de estabelecer aproximações entre o escritor e o mundo editorial. Cada vez mais, o livro torna-se mercadoria a ser negociada e cabe ao agente abrir as portas para esse novo comércio. A catalã Carmen Balcells assume posição de destaque na promoção da escritora brasileira (e dos escritores hispano-americanos em geral). Balcells coloca esses escritores no circuito internacional: promove sua presença em eventos e comitês de assessoramento de instituições governamentais e organiza verdadeiras “expedições culturais”, como registra Carmen Villarino, (VILLARINO PARDO, 2010, p. 95) para divulgação de livros e autores.

Apesar, porém, dessas iniciativas, *A república dos sonhos* não conhece sucesso imediato. Com mais de 700 páginas, o livro aborda os imigrantes que chegaram ao

Brasil no início do século XX e traça um painel da vida social e política do país entre 1913 e 1980, inovando no que diz respeito à estrutura e à concepção de romance, ao adotar uma perspectiva “constelar – a expressão é de Mussa – (MUSSA, 2015, p.10) na sua escrita. Trinta anos mais tarde, ao preparar a edição comemorativa da obra que chegou às livrarias com tiragem de 5000 exemplares e contabilizava um total de 60 mil cópias vendidas até então, Alberto Mussa, ele próprio autor de romances históricos e responsável pelo ensaio que abre a nova edição, reconhece a importância dessa obra, ao afirmar: “A república dos sonhos é, em todos os sentidos, um romance total, um romance perfeito”. (MUSSA, 2015, 8)².

Nélida precisou, portanto, esperar 30 anos para que reconhecessem a importância de sua obra. Ela mesma declarou: “Percebi que havia a intenção velada de não abrir espaço para o livro. Ou seja, ignorar. Tornar invisível”. (PIÑON, 2015³). Entre as razões para esse descaso, a própria autora observou: “Estranharam que uma mulher pudesse fazer um livro de dimensão épica. A mulher só estaria destinada a textos intimistas”. (PIÑON, 2015⁴). Mussa justifica a desatenção por outro motivo: “Acho que houve uma fixação excessiva em Clarice Lispector. Nélida, para mim, é bem superior. E aí acontece aquela coisa

² MUSSA, Alberto. A emersão de Atântida. In: PIÑON, Nélida. *A república dos sonhos*. Edição comemorativa de 30 anos. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 8

³ PIÑON, Nélida. Essa declaração encontra-se na seção Perfil, assinada por Álvaro de Lima e Silva, publicada no caderno

“Ilustríssima”, da *Folha de São Paulo*, em 13 de setembro de 2015.

⁴ PIÑON, Nélida. Essa declaração encontra-se na seção Perfil, assinada por Álvaro de Lima e Silva, publicada no caderno “Ilustríssima”, da *Folha de São Paulo*, em 13 de setembro de 2015.

brasileira: se já existe uma grande escritora, por que outra?”. (MUSSA, 2015⁵).

O fato é que *A república dos sonhos* estabelece na ficção de Nélide Piñon um ponto de inflexão de sua produção. Em 1987, ou seja, três anos depois de seu lançamento e contrariando a recepção inicial, o romance foi duplamente premiado: recebeu o Prêmio da Associação de Críticos de Arte como a melhor ficção de 1985 e recebeu igualmente o Prêmio Pen Clube, nesse mesmo ano. Alberto Mussa parece ter acertado ao caracterizar o romance com três adjetivos: “seminal, total e perfeito”. (MUSSA, 2015, p. 8)

Os anos posteriores podem dar conta novamente do percurso íngreme de Nélide na ladeira das letras. Após *A república dos sonhos*, lança *A doce canção de Caetana* e recebeu por essa nova obra mais uma premiação: a União Brasileira de Escritores concedeu-lhe o Prêmio de melhor romance de 1987. Tudo parecia ir bem: em 1992, a autora brasileira ganhou página inteira no *Sunday Book Review*, suplemento literário do jornal *New York Times*, em função da tradução do romance para a Língua Inglesa pela editora Alfred A. Knopf. Segundo Álvaro Costa e Silva, o romance “foi posto nas alturas – e Nélide comparada até a Cervantes”. (LINS E SILVA, 2015). Durou pouco a excelente recepção, que logo foi demolida pelas palavras de Paulo Francis, o jornalista brasileiro que vivia em New York e cuja palavra ácida era sua marca

registrada. E, no caso de Nélide Piñon, mais uma vez ele destilou seu fel: “Mordisquei seus livros. São ilegíveis. Ela não sabe escrever, ponto. Uma falsa angústia reprimida e um pseudomisticismo permeiam sua obra. A única questão interessante é saber se Ms. Piñon acredita na própria publicidade”. (LINS E SILVA, 2015).

A avaliação de Paulo Francis precisa ser relativizada e pode ser lida pelo avesso, demonstrando que de negativa ela passa a positiva: um jornalista de seu porte não dispensaria comentários à obra de uma autora que não desfrutasse de consideração, ainda que seja para acusá-la de não saber escrever, condição primeira para o ofício. Francis certamente tinha conhecimento de que os livros de Nélide Piñon figuram nos programas acadêmicos de New York University ao lado das obras de Clarice Lispector e Guimarães Rosa, que compõem o programa de disciplinas dessa mesma Universidade. A ligação da autora de *A república dos sonhos* com os Estados Unidos é consistente e remonta à época da bolsa de estudos Leader Grant (1965). Francis ainda teria oportunidade de tomar conhecimento que, nos anos posteriores, o nome de Nélide Piñon marcaria presença mais forte nesse país: em 1992, seria galardoada com o título de *Doctor Honoris Causa* pela Florida Atlantic University (1996) e pela Rutgers University (1998). E seminários sobre sua obra seriam realizados na University of Miami, quando ela recebeu o Prêmio Nélide Piñon Prize in

⁵ MUSSA, Alberto. Essa declaração encontra-se na seção Perfil, assinada por Álvaro de Lima e Silva, publicada no caderno

“Ilustríssima”, da *Folha de São Paulo*, em 13 de setembro de 2015.

Brazilian Studies, e na Universidade of Oklahoma, quando foi nomeada Puterbaugh Fellow, ambos em 2005.

A par sua forte relação com o universo cultural e literário dos Estados Unidos, sua aproximação com o continente sul-americano estreitava-se principalmente através da amizade com os escritores do “boom” latino-americano e pelas premiações que vinha acumulando: o Premio Juan Rulfo, em 1995, o Prêmio Menendez Pelayo, em 2003 e o Prêmio Iberoamericano de Narrativa Jorge Isaacs, em 2001. Com esses destaques, concedidos por instituições da América, pela primeira vez, a uma mulher escritora de língua portuguesa, Nélida alça sua carreira e se internacionaliza cada vez mais, até chegar a alcançar o Prêmio Príncipe de Asturias de las Letras, concedido pela Casa Real de Espanha, em 2005. Ao mesmo tempo, avoluma-se sua participação em eventos internacionais, ocasiões de que se vale para declarar seu compromisso como mulher escritora, como representante da literatura brasileira e como defensora da língua portuguesa.

Desde pequena, Nélida parecia estar se preparando para esse grande debate. A intenção de se tornar escritora, definida aos dez anos, foi estimulada pela mãe, figura marcante em sua vida. Em *Coração andarilho*, Nélida comenta um episódio que se passa entre mãe e filha: “Disse-me que, embora fosse inteligente e perceptiva, tinha a linguagem precária e pobre” (PIÑON, 2009, p. 41) e que a solução para uma

escritora, como eu o pretendia ser, estava, também, em luzir palavras e ideias a fim de causar uma impressão duradoura”. (PIÑON, 2009, p. 41), lição materna que Nélida carrega para a vida.

Por outro lado, o olhar atento que mantém sobre a matéria para seus futuros escritos a leva à observação do núcleo familiar, onde convivem avós, tias, primas. É nesse primeiro espaço que ela desenvolve a percepção aguda com que aborda o universo ficcional feminino. Delas, afirma, inspirou-se na “possível desatenção da avó para criar a primeira mulher distraída de uma longa lista de personagens com esta característica” (PIÑON, 2009, p. 60). E completa: “Mulheres que, à margem da realidade canônica, defendiam-se dos ataques sociais sofridos mediante a adoção de um comportamento que desconsiderava tutores e algozes. Uma galeria de personagens que culminou com a construção de Eulália, do romance *A república dos sonhos*.” (PIÑON, 2009, p. 60).

É, portanto, no núcleo familiar que começa a se gestar a escritora. Ser escritora é uma tarefa que a menina e logo a adolescente assume como atividade a ser levada pela vida. Seu primeiro livro, escrito em um período de férias em Friburgo, no Rio de Janeiro, mescla a vivência familiar com a escrita romanesca, e ela própria confessa que aproveitou as férias escolares para escrever esse livro (PIÑON, 2009, p. 196). É possível observar que o processo de escrever, consciente para ela mesma,

constitui um *work in progress* que movimentará toda a sua trajetória. Contudo, se essa ideia – a de ser escritora – permeia as diferentes fases de Nélida, desde a infância, há outro ponto que parece ser problemático e que diz respeito à sua própria identidade: brasileira ou galega? Nacional ou estrangeira? Essa ambiguidade é significativa e talvez resida aqui um dos obstáculos para o reconhecimento, pelo público, da Nélida Piñon escritora brasileira.

Em *Coração andarilho*, Nélida registra: “Eu crescia. Firmava certas impressões sobre o país. As paragens brasileiras expressavam etnias, estilos, costumes, sabores, pensamentos, a língua do Brasil.” (PIÑON, 2009, p. 56). Ser brasileira e tornar-se brasileira era um processo pelo qual ela passava. Sua família, de origem galega, cultivava os hábitos da terra de origem, mas Nélida, vivendo a realidade do país eleito pelos avós, ainda se dividia entre uma e outra condição. Mais tarde, ao ser levada para a Espanha, para conhecer a terra dos antecedentes, essa dualidade torna-se mais evidente: na Espanha, é a brasileira; no Brasil, a galega. A ligação entre essas duas pátrias será feita por um elemento cultural que, desde criança, Nélida valorizava e exercitava – a língua brasileira. Conhecer essa língua e dela se apropriar, assumir a defesa da língua portuguesa e do lugar que essa língua ocupa no mundo constitui, a meu ver, o compromisso maior da escritora, que se quer brasileira. Sua atenção para com esse idioma é motivo de muitas de suas reflexões e intervenções públicas.

Em 1997, quando a Academia Brasileira de Letras assinalou 100 anos de existência, Nélida Piñon ocupava a presidência da instituição fundada por Machado de Assis. No discurso que proferiu nessa ocasião, intitulado “A pátria do verbo”, declara seu amor a essa língua e a reverência com que se vale dela: “Esta língua portuguesa, de feição arqueológica, perambula agora pelo coração do Brasil. O corpo sagrado do seu enigma resguarda-se nos descampados e nos grotões, acata os presságios das bruxas, pede emprestado ao vizinho farinha e sentimentos íntimos”. (PIÑON, http://www.nelidapinon.com.br/autora/inte/aut_discursos_patria.php)

Mas é na frase de abertura do discurso que pronuncia ao receber o Prêmio Príncipe de Asturias de las Letras, em 2005, que realiza sua profissão de fé ao idioma português:

Procedo del Brasil y reverencio la majestade de la lengua portuguesa. En este idioma saludo a Dios y a los hombres. Mi litania diaria es celebrar las leyendas de mi casa galega, de mi país, de toda la tierra que aspiro a conocer. La condición humana me obliga a retomar siempre a los lugares de donde partí, aunque jamás los hubiera visitado.
(<http://fundacionprincipedeasturias.org/premios/2005/nelidapinon/speech/>)

Sua condição de escritora brasileira é definida também nesse texto: “como escritora brasileña, huelo la brisa de la floresta y del mar, los códigos de mi identidade. Nada en mi borra el camino de regreso al lar brasileño”.

Escritora consagrada, figura intelectual de alta respeitabilidade, mulher cosmopolita, com passagens por diferentes continentes, conferencista, Nélide Piñon trafega com desenvoltura e segurança nos territórios mais diferentes do fazer literário. Dos colegas de profissão obtém os juízos mais positivos, com os prêmios recebidos preenche as prateleiras de seu apartamento no Rio de Janeiro. Jornalistas das Américas e da Europa a sabatinam costumeiramente, reconhecendo nela a mulher atenta e afável para com todos. Seus romances são traduzidos e circulam em mais de vinte países. Nos últimos anos, os livros de sua autoria transitam por gêneros diferentes – *O presumível coração da América* – discursos, *Vozes do deserto* – romance (que receberia o Prêmio Jabuti por romance), *Aprendiz de Homero* – ensaios e *Coração andarilho* – memórias, expressam a multiplicidade de uma produção literária e singular e de extrema fertilidade.

Quando analisa as características dominantes no discurso literário brasileiro na contemporaneidade, em *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*, Beatriz Resende observa três evidências na produção das últimas décadas, ou seja, de 1995 para diante: a) a reconfiguração do próprio termo literatura, o que exige um sistema literário partilhado, com o ingresso de novas subjetividades no mundo da cultura; b) a inserção da literatura no movimento dos fluxos globais; c) a ruptura da tradição realista da literatura, em que “o documental e o ficcional podem conviver na mesma obra” (RESENDE, 2014, p. 14), provocando o fenômeno que ela denomina de “rasura do real”, que coloca em discussão o próprio conceito de ficção. Essas características não são alheias à Nélide que se mantém atenta às novas exigências de um mundo global, que encara o trabalho com a literatura como ofício e que discute o papel do literário no mundo da globalização. Ela própria em suas últimas obras investe na variedade de gêneros, garantindo outras das evidências de Beatriz Resende: a fertilidade da escrita literária devido ao movimento de abertura pelo qual passou o país, abrindo-se para a cultura, com festivais, feiras de livros, concursos, prêmios e inserção da literatura nas redes sociais.

3.Últimas Histórias

Apesar, porém, de todas essas condições que propiciam a circulação da obra de Nélide Piñon no circuito nacional e

internacional, e não obstante sua visibilidade como agente cultural intercontinental, reside, ainda, no Brasil,

um certo obscurantismo em relação a seus livros. Tomo por referência para confirmar essa invisibilidade dois fatores: a) de um lado, as últimas publicações de caráter historiográfico lançadas no Brasil, relacionando autores e obras mais significativos, nos diferentes momentos da história literária nacional; b) de outro, os registros do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior, órgão do Ministério da Educação, plataforma que centraliza informações sobre os trabalhos finais de mestrandos e doutorandos, no país.

– A história da literatura – Em 2007, Carlos Nejar, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras, onde ocupa a cadeira número 4, desde 1988, confrade, portanto, de Nélida Piñon na instituição fundada por Machado de Assis, lançou uma *História da literatura brasileira*, subintitulada “Da carta de Pero Vaz de Caminha à contemporaneidade”, abarcando 500 anos de literatura, com o objetivo de tratar das transformações do literário nesse período. A obra, que tem o intuito de abranger a produção literária mais ampla, organiza-se por uma “perspectiva pessoal da literatura brasileira, desde os primórdios até a Geração de 60” (NEJAR, 2007, p. 12), recolhendo “do melhor que julgamos da criação literária contemporânea” (NEJAR, 2007, p. 13). Nejar define os critérios que norteiam sua obra: o gosto pessoal do autor e a qualidade da produção artística. Nélida, que inicia sua carreira literária em 1961, não estaria abrangida pela faixa cronológica definida pelo historiador, o que

justificaria sua ausência das 565 páginas desse volume. No entanto, essa lacuna fica gritante quando a comparamos com outro nome da mesma época: o da escritora Clarice Lispector. À autora de *Perto do coração selvagem*, Nejar escreve 22 referências, em momentos diferentes: cita-a ao lado de Guimarães Rosa e Juan Rulfo (NEJAR, 2007, p. 18), reconhece-a como gênio (NEJAR, 2007, p. 88) e dedica-lhe um subcapítulo poeticamente intitulado “Lispector: névoa úmida, paixão do silêncio”, que se estende da página 424 a 428. Nos seus comentários críticos sobre a obra de Clarice Lispector, aborda romances escritos na década de 1970, ultrapassando, portanto, a faixa cronológica previamente estabelecida, para avaliar obras de períodos posteriores, demonstrando uma verdadeira adoração à escritora.

Na segunda edição da *História da literatura brasileira*, em 2011, agora subintitulada “Da Carta de Caminha aos contemporâneos”, Nejar amplia a obra e nela acrescenta, entre outros, o subcapítulo “Nélida Piñon, de O fundador à República dos sonhos e às Vozes do deserto”, comentando e avaliando a produção da colega acadêmica num texto que se estende da página 863 à página 871. A primeira abordagem crítica diz respeito à nacionalidade da escritora: “Nélida é uma brasileira de alma galega, ou uma galega de alma brasileira” (NEJAR, 2011, p. 865), juízo esse que, em outros tempos, prejudicou sua carreira, por não considerá-la digna representante da literatura do Brasil. Numa perspectiva mais ampla, na continuidade do texto, o historiador destaca outros pontos da obra de Nélida: “maneira

astuciosamente a carnavalização (suscitada por Bakhtin) e o jogo sagrado/profano, com a ironia machadiana, tendo na matéria da memória o seu cuidar de honra, o seu cuidar de referências e de uma tradição que se adiciona ao mistério”. (NEJAR, 2011, p. 867).

Entre a edição de 2007 e a nova, de 2011, o autor de *História da literatura brasileira* parece redimir-se da falha anotada na primeira edição, para construir um texto que, embora privilegie alguns títulos da vasta produção ficcional de Nélide Piñon, descortina uma obra de alto significado para a literatura brasileira.

A pergunta logo se impõe: por que Nejar, colega de Nélide na Academia, não lhe dedica sequer uma nota, um comentário, uma observação, na primeira edição de sua *História da literatura*? Não atendia a obra de Nélide, em 2007, o gosto pessoal do historiador e, por isso, a excluiu de sua história da literatura? Que fatores justificaram a ausência dessa importante escritora brasileira, impedindo que ela figurasse no cânone eleito por Nejar? Não fora ela a presidente da instituição que compartilham, onde dividem sessões de trabalho e momentos amenos de conversa nos famosos chás dos acadêmicos? Essas e outras questões persistem e merecem ser averiguadas, posteriormente. Por ora, fica o registro e as inúmeras perguntas que a lacuna suscita.

A outra obra sobre a história da literatura brasileira é de autoria do jornalista Martim Vasques da Cunha, intitulada *A poeira da glória* e subintitulada “uma (inesperada) história da literatura brasileira”, de 2015. Seu autor “quer assoprar poeira” (CUNHA, 2015, p. 17), ou melhor, a partir do descaso de seus colegas para com a leitura e a literatura no Brasil, pretende “analisar um determinado estado de coisas e descobrir por que estamos nesta situação de calamidade pública e privada que contamina o país desde o descobrimento” (p. 19). Cunha quer retirar a poeira de alguns juízos viciados e inadequados. Com esse afã, porém, desconsidera a obra de Nélide Piñon, no alentado volume de 628 páginas.

Importante índice de consulta sobre a literatura brasileira, o Catálogo de Teses e Dissertações constitui, atualmente, um dos grandes cadastros disponibilizados pelo MEC para consulta de informações relativas a dissertações de Mestrado e teses de Doutorado defendidas no Brasil, desde 1987. Nele constam a versão completa dos trabalhos gerados na pós-graduação brasileira, como metadados (autor, título e/ou palavra-chave) desses arquivos, de modo a facilitar a consulta dos usuários. Trata-se, portanto, de fonte fidedigna da produção dos egressos, pois a plataforma é alimentada pelos programas de pós-graduação que os titulam.

Num levantamento realizado no dia 7 de setembro de 2018, obtive para o nome “Nélide Piñon”, 507 resultados, assim

especificados: 294 dissertações de Mestrado e 197 teses de Doutorado produzidas entre os anos de 1996 a 2018. Num recorte mais específico, é possível obter resultados ano por ano, em 22 anos. Tomando por baliza os últimos 5 anos, obtém-se o seguinte escore: 2013 – 10; 2014 – 12; 2015 – 13; 2016 – 11; 2017 – 9; 2018 – 3. Os dados são significativos e

comprovam o interesse dos pós-graduandos pela obra da autora de *A república dos sonhos*. No entanto, numa análise mais detalhada, é possível observar a estabilidade numérica desses estudos, que não variam muito entre os anos de 2013 a 2018, permanecendo entre 9 a 13 trabalhos por ano, no período.

4. Considerações Finais

Entre altos e baixos, curvas ascendentes e descendentes, num sobe e desce de opiniões, Nélida Piñon chega ao ano de 2018 no auge de sua performance: em 8 de março a Associação de Cooperação Internacional e Codesenvolvimento Coletivo Brasil Catalunha, distribuía o Prêmio Nélida Piñon, em sua oitava edição. Um prêmio já recebido por Gloria Casaldàliga, Mar Rubiralta, Jabu Morales, Maria Helena Bedoya, Ângela Assis e Adriana Piscitelli, entre outras homenageadas.

Em 2018, em Salamanca, realiza-se o I Congresso Internacional de Literatura Brasileira - Nélida Piñon em *A república dos sonhos*, reunindo especialistas do mundo inteiro para discutir sua obra e para homenagear a escritora no ano em que comemora 80 anos de vida, contabiliza mais de 20 livros publicados, incontáveis prêmios e distinções, participação em júris, congressos e eventos, enfim, uma dama com circulação internacional. Apesar de todo esse reconhecimento e da posição que desfruta nos meios nacionais e

internacionais, por que a crítica não lhe é mais receptiva? Por que sua obra não frequenta com mais assiduidade os programas dos espaços acadêmicos? Por que então ela repetiu em uma entrevista: “Eu estou preparada para ser esquecida... temporariamente”, numa espécie de sentença que guarda um certo ressentimento.

Nélida Piñon encontra-se no patamar da literatura brasileira e a oscilação entre momentos de maior fulgor com outros de menor brilho talvez justifiquem-se por alguns fatores. Levanto hipóteses, mas não me atrevo a assumir uma justificativa:

- Nélida é tida mais como a mulher internacional que gravita entre o mundo dos intelectuais e sua literatura é expressão desse elitismo?
- Nélida é brasileira, mas para seus leitores seu coração pertenceria à Galícia, à terra dos antepassados?

- Nélida é comparada à Clarice e, nesse caso, o intimismo e o misticismo da autora de *A hora da estrela* sobrepuja o da autora de *Vozes do deserto*?

- Nélida não superou o requinte da escrita e do grafismo, e aristocraticamente vive a sua vida de escritora?

Essas questões não têm resposta, por ora. Talvez a própria Nélida viva a sua máxima, aquela que assumiu quando decidiu ser escritora: “Se resolvi ser escritora, eu não podia fraquejar. Gritinhos de mulher, ai, ai, ai, nunca!” Ou talvez ainda persista na crítica brasileira a avaliação da italiana Luciana Stegagno-Picchio sobre a escrita de nossa homenageada: “Nélida conjuga experimentalismo e realismo”⁶, requinte nos contos e nos romances, é criadora de atmosferas rarefeitas e dona de uma escrita aristocrática. Sou levada a pensar

que, na opinião de Alberto Mussa, encontra-se fundamento para explicar a insegurança da crítica e a ausência da história da literatura sobre a obra de Nélida. Para esse estudioso, Nélida Piñon carrega o signo da inovação, desde seu primeiro livro. Diz Mussa: ela “já o fez abrindo nova senda, inaugurando uma linhagem romanesca – ao unir, entre outros elementos, um fundo verdadeiramente mítico a essa dicção tragicizante”. (MUSSA, 2015, p. 10).

A persistir esse julgamento, sobe Nélida e desce a crítica. Incapaz ou despreparada para reconhecer as inovações e os novos rumos provocados por sua obra, oscila entre a certeza e a dúvida, ficando a obra nesse sobe e desce de opiniões. Esse parece ser o caminho dos desbravadores: muitas vezes por receio, a crítica pode ser impiedosa para com eles.

⁶ STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 649

BIBLIOGRAFIA

- COSTA E SILVA, Álvaro. A ladeira íngreme de Nélida Piñon. Ilustríssima, Folha de São Paulo, 17 set. 2015.
- CUNHA, Martim Vasques da. A poeira da glória. Uma (inesperada) história da literatura brasileira.
- MUSSA, Alberto. A emersão da Atlântida. In: PIÑON, Nélida. A república dos sonhos. Edição comemorativa 30 anos. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 7-26.
- NEJAR, Carlos. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Cpesul; Telos, 2007
- NEJAR, Carlos. História da literatura brasileira. Da carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011.
- PARDO, M. Carmen Villarino. Nélida Piñon en el sistema literário brasileño: la conquista de prestigio y procesos de profesionalización. Salamanca: Universidade de Salamanca, 2010. Acessível: <https://www.researchgate.net/>.
- PIÑON, Nélida. A pátria do verbo. http://www.nelidapinon.com.br/autora/inte/aut_discursos_patria.php
- PIÑON, Nélida
(<http://fundacionprincipedeasturias.org/premios/2005/nelidapinon/speech/>)
- PIÑON, Nélida. Coração andarilho. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Possibilidades da nova escrita literária no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 2014.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- SCHOLLHAMMER, Karl Eric. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BIBLIOGRAFIA



As Pensadoras vol.1

Participou em colaboração dessa resenha a mestranda Carmen Mily dos Reis Leocádio do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Amazonas, Brasil - contato: milyleocadio@gmail.com

The Thinkers vol.1

Rita de Cássia Fraga Machado 

Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST, Universidade do Estado do Amazonas, Brasil

rmachado@uea.edu.br

Conflito de interesses: nada a declarar. Financiamento: nada a declarar.

Histórico:

Publicação | Published: 19/03/2022



Recensão

O livro *As Pensadoras* vol. 1, é o projeto editorial de estreia recentemente no Brasil (Editora As Pensadoras, 200 páginas, disponível em formato físico e e-book), que reúne nove artigos, com apresentação assinada pela Coordenadora pedagógica da Escola As Pensadoras e fundadora da editora As Pensadoras.

A editora As Pensadoras nasce do ponto de vista jurídico em 2020 e passou a atuar no mercado editorial em 2021. Em 16 de junho de 2021, foi o dia escolhido para lançar a editora e também a coleção *As Pensadoras* vol. 1. Assim, a trilha surge a partir de uma postura independente. A identificação dessa postura trabalha a valorização da propriedade intelectual, o fortalecimento dos agentes sub-representados (mulheres, pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+, pessoas com deficiência, idosos, entre outros grupos), a busca por alternativas de circulação da produção gráfica e literária bem como a revisão dos processos produtivos, o redimensionamento do papel social dos agentes estratégicos que formam essa cadeia produtiva como: autor (a), editora, distribuidora, livraria e o leitor além da formação de redes produtivas e espaços políticos.

A editora As Pensadoras, através da coleção do vol. 1 tem “uma estratégia de difusão da produção acadêmica sobre feminismos”. Ou seja, esse projeto “cujo pressuposto se funda no pensamento interdisciplinar de mulheres” porque “assume a responsabilidade de suprir as

lacunas e a exclusão promovidas pelo cânone oficial”. E se propôs como uma experiência prática de mudança.

Nesse primeiro volume da obra tem-se a apresentação de dez pensadoras. Pensadoras que deram voz a grandes outras pensadoras. Desde o período Medieval com Margaret Cavendish até à Contemporaneidade.

Os artigos contidos nesta coleção *As Pensadoras* vol. 1 revelam o pensamento como postura filosófica feminista.

Para iniciar o fundar do cânone feminista, encontra-se o texto da pensadora Cecília Pires sobre a filósofa Hannah Arendt. A proposta arendtiana é instigante porque é a questão do pensar e do agir. É própria da condição humana, atrelada à condição da liberdade. Ou seja, sem a liberdade é impossível ter uma vida na política. A pensadora apresenta a proposta da filósofa Arendt que se pense o que se está fazendo. Pois, a experiência de pensar no que estamos fazendo nos coloca num espaço público.

As pensadoras Carla Milano Damião e Carmelita Brito de Freitas Felício dão voz à tonalidade feminista Adriana Cavarero. Nascida em 1947, foi influenciada pelo pensamento de Hannah Arendt. Docente de Filosofia Política na Universidade de Verona, atualmente uma das pensadoras mais importantes da Itália. Nascida em 1947, a filósofa feminista e é autora de diversos livros não traduzidos para o

português até hoje. A pesquisa de Cavarero tem como base a filosofia clássica metafísica e a filosofia política de Hannah Arendt. E desenvolve um pensamento complexo que subverte paradigmas históricos de discursos hegemônicos. E produz uma obra de cunho bem acentuado feminista. O pensamento de Caravero se caracteriza por diversos temas presentes na filosofia política de Arendt. Na obra, em vozes plurais, evidenciam-se questões como: a pluralidade humana, seres singulares, ação e discurso. Para a autora, todo ser humano revela a sua identidade única e pessoal através das suas ações e dos seus discursos, e é através desses discursos e ações que o ser humano se distingue dos outros.

O pensamento de Seyla Benhabib é contemporâneo, pois, o movimento crítico evidenciado nos artigos sobre a realidade das mulheres o torna mais integrante. E é a Profa. Loiane Prado Verbicaro que dá voz ao movimento considerando a obra de Benhabib. Compreende democracia como “um modelo para a organização do exercício político e coletivo do poder nas principais instituições de uma sociedade”. E afirma “com base no princípio segundo o qual as decisões que atingem o bem-estar de uma coletividade”. E, ainda, é pessimista no sentido de que “podem ser vistas como o resultado de um procedimento de deliberação livre e racional entre indivíduos considerados iguais política e moralmente”. (BENHABIB, 2007, p. 48).

A pensadora Janyne Sattler apresenta Margaret Cavendish pelo engajamento intelectual, no período Medieval. Parece ser uma mulher que reivindica pelo lugar de

igualdade de sua categoria. Poucos são os dados particulares sobre a vida da filósofa natural. E se deve à biografia escrita de próprio punho – A Verdadeira Relação do meu nascimento, criação e educação (1656) – e depois aos relatos do companheiro de exílio e esposo William Cavendish, incentivador de seu percurso filosófico e editorial. Na obra nomeia suas ambições e seu desejo de servir à Rainha Henrietta Maria quando todos ao seu redor pareciam ser capazes de lutar pela monarquia. Janyne afirma que “todo o empreendimento intelectual de Margaret Cavendish como paradigmaticamente político, como um exercício realizado pela via da palavra”. Ainda, a pensadora comenta “é o que tenho chamado de política do texto, da escrita e da linguagem, se pudermos qualificar suas ações, ainda que anacronicamente, como ações de apelo à emancipação filosófica e literária das mulheres”. Para Margaret a ciência possui um destaque de cunho político. Que compreende e que de fato explica a ação excludente das mulheres do mundo das “sérias” investigações das sociedades científicas e da construção do seu edifício epistemológico como um todo, bem como sua inédita e mal-vista visita à Royal Society, algo que as epistemólogas contemporâneas têm insistido em enfatizar há algumas décadas. Cavendish não hesita em estabelecer o cenário do primeiro discurso com uma amargura que encontra ecos em outros momentos de sua obra, e poderíamos imaginar um desejo seu de conclamação uma revolta coletiva, a despeito de sua reclusão e de seu insulamento intelectual.

A pensadora Beatris Seus apresenta a Simone Beauvoir destaca o conceito de engajamento com a teoria beauvoiriana que dialoga com a Escola As Pensadoras e com a atualidade. Para iniciar, Simone Beauvoir, é interpretada precipitadamente como contraditória e polêmica. É uma autora engajada em favor do ser humano. Mas, uma tentativa de não se aplicar uma distinção humana. E, sim, lutar por um convívio coletivo engajado, racional e reflexivo que conseqüentemente viesse transformar a sociedade a partir do pressuposto feminista. A francesa Simone é uma pensadora feminista que ignorou os dados da biologia, vendeu-se ao ideal Marxista, Socialista e contrariado aos padrões conjugais e da maternidade, isto é, não se casou e nem teve filhos. A Profa. Beatris faz relevância sobre a crítica da obra *O segundo Sexo* de Beauvoir.

Continuando no fundar do cânone feminista é apresentada a Profa. Alice Lino ao discutir o tema da emancipação das mulheres negras a partir do pensamento político e ético de Davis. A filosofia Angela Davis faz que apareça a história dessa resistência e também narra historicamente fundamentando essa argumentação como se requer no campo da filosofia. Ainda, articula que as demandas do movimento negro não foram atendidas pelas feministas brancas da classe média. Daí essa urgência em pensar nas associações das mulheres negras e que representassem as suas demandas. A relevância dessa discussão histórica pode ser atualizada. A necessidade do diálogo é uma questão pautada no intuito de aprender um vocabulário em relação à escrita e se

possibilite uma reflexão e estabelecer um debate político a confrontar o racismo na sociedade.

Susana de Castro propõe-se a apresentar Maria Lugones, a filósofa, professora e ativista feminista. A partir da inter-relação de três conceitos: feminismos, subalternidade e decolonialidade. O feminismo decolonial acadêmico surge a partir do texto “Colonialidad y género” (2008), é um dos trabalhos mais conhecidos. De cunho investigativo sobre a interseção de raça, classe, gênero e sexualidade. Com objetivo de entender a indiferença dos homens em relação às violências que sistematicamente infringem contra as mulheres não brancas. A autora conclui que são mulheres vítimas da colonialidade do poder, e não se separa da colonialidade de gênero. Na ótica de Lugones, “a nossa localização como mulheres do Sul Global (portanto, mulheres racializadas do ponto de vista europeu independente de quão brancas ou não sejam as nossas peles já marcadas pela miscigenação) é fraturada”. Pois, a pensadora se direciona adjetivando-nos de “subalternas aos olhos do colonizador, mas também pertencemos a uma tradição de mulheres que sempre lutou contra o colonialismo, ainda que algumas mais e outras menos”. A decolonialidade em Lugones pode ser compreendido como caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados.

Dando continuidade no processo de mergulho sobre os pensamentos. Silvia Rivera Cusicanqui é apresentada a partir do pensamento latino-americano, no Brasil,

tecido por Lia Pinheiro Barbosa. Inicialmente, a tônica é memórias de outras mulheres que em diferentes épocas iniciaram também. O processo da escrita como expressão de resistência, da escrita como expressão de um pensamento, de um posicionamento como mulheres e também de mulheres que são sujeitas-produtoras de cultura. A Silvia Cusicanqui nomeia também outras mulheres essa memória e nostalgia de ancestrais que vai perdurar também essa necessidade de refletirmos, lermos, escrevermos e sermos produtoras de cultura; a partir de outras mulheres. Seja espaços nos diferentes espaços da nossa formação continuada seja intelectual e/ou políticas. Cusicanqui destaca a reflexão sobre o lugar da mulher andina como uma chave filosófica e como chave de interpretação sociológica. Entender do que somos como sociedade e construir meios de descolonização e de emancipação.

O artigo de Karina de França Silva Valle finaliza esta antologia apresentando o pensamento de Lélia Gonzalez. Para iniciar, faz-se menção de uma pequena bio da intelectual brasileira. Graduada em história, geografia e Filosofia – UERJ, Mestrado em

comunicação Social, Doutorado em Antropologia Social e Formação contínua em Psicanálise. Valle apresenta uma boniteza em sua escrita em relação ao pensamento de Lélia, que nos toca. Assim, adentra nos conceitos que centralizam a obra da pensadora. E que nos leva a entender um conteúdo que é inerente do pensamento brasileiro e do pensamento de mulheres negras, como é o caso do conceito de “Pretuguês”. Não há dúvida que a intelectual Lélia é uma pensadora que também funda o cânone filosófico no Brasil e que ao lado de outras pensadoras presentes, neste primeiro volume, contribui reforçando o lugar das mulheres na história do pensamento humano até hoje.

O livro *As pensadoras vol. 1* é de uma linguagem acessível e didática, dirigido a educadores, educandos e todos/todas que sentem a necessidade de uma leitura agradável, potente e enriquecedora.

Todos os textos do livro mostram claramente da fundação do pressuposto cânone feminista. E indico o livro porque todos os artigos fazem esse diálogo durante a leitura em nos convidar a pensar e agir.

Bibliografia

LINO, Alice de Carvalho; SEUS, Beatris da Silva; DAMIÃO, Carla Milani; FELICIO, Carmelita Brito de Freitas; PIRES, Cecília; SATTLER, Janyne; VALLE, Karina de França Silva; BARBOSA, Lia; VERBICARO, Loiane Prado; CASTRO, Susana; MACHADO, Rita de Cássia

Fraga (Organizado). *Coleção As Pensadoras vol. 1*. Porto Alegre: As Pensadoras Editora, 2021. [e-book].





Um acerto de contas com o passado das escritoras do Rio Grande do Sul

A reckoning with the past of Rio Grande do Sul's female writers

Mauro Nicola Póvoas 

Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Brasil

mauropovoas@furg.br

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Histórico:

Publicação | Published: 19/03/2022



Todo o conteúdo da **Herança – Revista de História, Patrimônio e Cultura** é licenciado sob *Creative Commons*, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.

Recensão

O livro *Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses* reúne textos sobre nove escritoras do Rio Grande do Sul que produziram as suas obras no final do século XIX e no início do século XX. O camafeu, como se sabe, é um adorno do vestuário feminino, constituindo uma peça singular, com um retrato ou uma pequena relíquia. No passado, as mulheres traziam ao pescoço um camafeu, onde guardavam fotos – de pais, esposos, filhos – numa espécie de genealogia familiar. Geralmente com duas faces, numa das quais aparece uma figura em alto relevo, o camafeu reveste-se de um sentido especial para quem o carrega, deixando escondidas as figuras retratadas, mas sempre aberto à possibilidade de uma revelação.

O volume resulta de uma pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), dentro do edital “Memórias brasileiras: biografias”, da agência brasileira de fomento, envolvendo três universidades do estado do Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Universidade de Caxias do Sul (UCS). O estudo tomou como *corpus* onze mulheres que publicaram no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, de Lisboa, entre 1873 e 1903, e cujos nomes e procedências são relacionados a seguir: Anália Vieira do Nascimento (Porto Alegre), Andradina América Andrade de Oliveira

(Porto Alegre), Arminda (sem identificação de sobrenome – Itaqui), Cândida Fortes Brandão (Cachoeira do Sul), Ibrantina Cardona (Nova Friburgo/RJ), Júlia César Cavalcanti (Pelotas), Julieta de Melo Monteiro (Rio Grande), Luísa Cavalcanti Guimarães (Pelotas), Maria Clara da Cunha Santos (Pelotas), Sofia A. Benny (Pelotas) e Tercília Nunes Lobo (Rio Grande).

Praticamente desconhecidas da historiografia literária, tanto brasileira como gaúcha, essas mulheres viveram, como visto, em diferentes cidades do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Cachoeira do Sul e Itaqui. Embora não se conhecessem, em um ponto convergiram: todas tiveram versos, charadas e textos em prosa publicados no almanaque lisboeta, que vem sendo objeto de extensa investigação no âmbito de um projeto liderado pela professora Vania Pinheiro Chaves, do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), vinculado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Esse grupo heterogêneo de autoras, em sua formação social, cultural e étnica, é representativo das relações da sociedade sul-rio-grandense da época, quando a literatura sulina construiu suas bases, mas também expressa as relações entre cultura e sociedade, nesse momento. De Porto Alegre, a capital da antiga Província, e de cidades do interior com um maior desenvolvimento cultural, Pelotas e Rio Grande, provêm a maioria dessas

escritoras; mas vieram também de Cachoeira do Sul e Itaquí, municípios menores. Exerçeram elas profissões distintas: professoras, jornalistas, editoras e donas de casa; desfrutaram de condições sociais mais favoráveis, obtidas pelo casamento ou em decorrência da situação familiar; obtiveram maior ou menor escolaridade; integraram grupos culturais e étnicos diferenciados, embora a maior parte do grupo tenha ascendência lusitana, colonização predominante nas cidades de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande.

Em uma sociedade como a rio-grandense, em que a voz do homem sempre soou mais alta, e a produção feminina foi relegada ao silêncio, ter espaço em um periódico português poderia ter concedido a elas destaque e visibilidade. No entanto, isso não aconteceu e foi necessário que o grupo de pesquisadores, sob a liderança da PUCRS, desenvolvesse esse projeto interinstitucional, a fim de recuperar a vida e a obra das autoras. Assim, nessa publicação, encontram-se as biografias de nove das onze escritoras, em capítulos escritos por especialistas, integrantes do projeto.

Cecil Jeanine Albert Zinani, da UCS, traz à tona Anália Vieira do Nascimento (Porto Alegre, 1854-1911), professora, poeta e exímia criadora de logótipos, um tipo de passatempo bastante comum em periódicos do século XIX.

Salette Rosa Pezzi dos Santos, também da UCS, escreve sobre Andradina América Andrade de Oliveira (Porto Alegre, 1864; São Paulo, 1935), que dividiu a sua vida profissional entre a escrita literária, o

jornalismo e o magistério, sendo lembrada, especialmente, pelo polêmico livro epistolar *Divórcio?*, de 1912, em que discute a questão da indissolubilidade do casamento.

Maria Eunice Moreira, coordenadora do projeto e professora da PUCRS, lança um olhar sobre a obra e a vida de Cândida Fortes Brandão (Cachoeira do Sul, 1862-1922), que também se dedicou, em sua cidade natal, ao magistério, à poesia e ao jornalismo, em especial contribuindo para o jornal cachoeirense *O Comércio*.

Viviane Viebrantz Herchmann, pesquisadora de pós-doutorado vinculada à PUCRS, aborda Ibrantina Cardona (Nova Friburgo/RJ, 1868; São José do Rio Pardo/SP, 1956), única das nove mulheres que não nasceu no Rio Grande do Sul, embora tenha vivido aqui a infância e a adolescência. Morou ainda em Santa Catarina, Minas Gerais e São Paulo, escrevendo livros de poesia e textos a favor da emancipação feminina e da educação como forma de progresso da sociedade.

Regina Kohlrausch, igualmente professora da PUCRS, recupera os dados biográficos de Luísa Cavalcanti Guimarães (Pelotas, 1869-1891) e Júlia César Cavalcanti (Pelotas, 1871-1890), irmãs de vida breve, vitimadas pela tuberculose, o que não impediu que ambas se dedicassem à poesia, além de redigirem artigos que defendiam os direitos da mulher e a instauração da República no Brasil.

Francisco das Neves Alves, da FURG, examina a poeta, contista, cronista, dramaturga, jornalista e editora Julieta de Melo Monteiro (Rio Grande, 1855-1928),

autora de vasta obra espalhada por periódicos e livros, muitos dos quais editados em parceria com a irmã Revocata Heloísa de Melo.

Paloma Esteves Laitano, pesquisadora de pós-doutorado da PUCRS, atenta para Maria Clara da Cunha Santos (Pelotas, 1866; Rio de Janeiro, 1911), que morou em várias cidades brasileiras, em todas elas dedicando-se à literatura, ao jornalismo, à música e às artes plásticas.

Mauro Nicola Póvoas, também da FURG, analisa a pequena obra de Tercília Nunes Lobo (Rio Grande, 1854-1917), que cultivou, em publicações esparsas em jornais, poemas em que predomina uma temática melancólica.

Duas das escritoras – Arminda e Sofia A. Benny – não foram biografadas, pela ausência de dados sobre ambas, mesmo após a realização da pesquisa.

O volume – com oito ensaios que contemplam nove autoras – mapeia parte

da produção literária sul-rio-grandense dos séculos XIX e XX, priorizando a escrita feminina, que esteve subsumida durante muitos anos, seja em histórias da literatura, seja em antologias. Trazer à tona essas vozes, que ecoam desde as páginas de livros, jornais, revistas e almanaques, foi a tarefa proposta aos pesquisadores envolvidos, tendo em mente o objetivo de recolocar à disposição do público os textos do conjunto de escritoras selecionadas.

Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses, lançado como o volume 36 da Coleção Rio-Grandense, mantida pela Biblioteca Rio-Grandense, de Rio Grande/RS, e pela Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização, de Lisboa, Portugal, pode ser lido nos suportes impresso e digital, sendo esta última versão disponível em: https://issuu.com/bibliotecariograndense/docs/cole_o_rio-grandense_vol_36.

Bibliografia

MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense; Lisboa: Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização, 2020. 164 p.



Retratos de camafeu:

biografias de escritoras sul-rio-grandenses

MARIA EUNICE MOREIRA
organizadora

36



CIDH
Coleção Convidada FCT /Infante Dom Henrique
para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização







Museus, lugares de autenticidade?

Kimmel, D., & Brüggerhoff, S. (Eds.). (2020). *Museen: Orte des authentischen? = Museums: Places of authenticity?*. Heidelberg: Propylaeum. (RGZM – Tagungen, Vol.

42) <https://doi.org/10.11588/propylaeum.745>

Museums, places of authenticity?

Maria Isabel Roque 

Universidade Europeia / Universidade Católica Portuguesa / CIDEHUS-UÉ, Portugal

maria.roque@universidadeeuropeia.pt

Conflito de interesses: nada a declarar. Financiamento: nada a declarar.

Histórico:

Publicação | Published: 19/03/2022

151

Todo o conteúdo da **Herança – Revista de História, Património e Cultura** é licenciado sob *Creative Commons*, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.



Recensão

As atas do congresso internacional “Museen – Orte des Authentischen? Museums – Places of Authenticity?” (Museus: lugares de autenticidade?), editadas por Dominik Kimmel e Stefan Brüggerhoff, foram publicadas em finais de 2020. O Congresso, organizado pela Leibniz Research Alliance “Historical Authenticity” com o apoio da Daimler and Benz Foundation, tinha ocorrido em Mainz, no complexo histórico do Erbacher Hof e no Museum für antike Schifffahrt des Römisch-Germanischen Zentralmuseums (Museu da Navegação Antiga do Museu Central Romano-Germânico), em 2-3 de março de 2016. Contou com a presença de 200 investigadores, académicos e profissionais de museus, oriundos de países como Alemanha, Áustria, Suíça, Holanda, França, Grã-Bretanha, Itália, Portugal, Hungria, Catar, Estados Unidos e Austrália, tendo sido apresentadas 50 contribuições em 13 painéis e grupos de discussão. Outra parte dos artigos incluídos neste volume resulta de duas conferências, organizadas conjuntamente com a Leibniz Research Alliance “Historical Authenticity” e que tiveram lugar na Universidade de Cambridge, em 2017 e 2019.

As presentes atas incluem, além do ensaio introdutório assinado por Dominik Kimmel, em alemão e em inglês, 42 contributos, 24 dos quais são em inglês. Partindo do reconhecimento dos museus, bem como outros locais e instituições patrimoniais, como guardiões de testemunhos

autênticos, são abordadas as várias dimensões do fenómeno da “autenticidade”, ou do conceito de “autêntico”. Se alguns dos contributos se formalizam como estudos de caso, centrados em experiências particulares nas várias tipologias de museus (de arte, de história, de história natural, de ciência e tecnologia, etc.), o tema proposto convocava abordagens teóricas mais amplas, pelo que a maioria dos artigos é de natureza conceptual, refletindo acerca do fenómeno da autenticidade, nas suas diversas dimensões e através das várias componentes da ação museológica (constituição e gestão da coleção, investigação, conservação e restauro, exposição e comunicação).

O tema não é novo, sobretudo, a partir dos textos seminais de Walter Benjamin ([1936] 2007) e do incremento da reprodutibilidade de originais e da disseminação das reproduções, mas tornou-se mais relevante com o desenvolvimento das modalidades digitais de cópia e representação, tal como o papel do museu (e outros sítios e instituições patrimoniais) adquirem relevância como guardiões e divulgadores do “real” e “verdadeiro” face à evolução da reprodução artificial e do acesso virtual. Por outro lado, se o tema era pertinente em 2016, tornou-se crucial em 2020, quando a pandemia do Covid-19 obrigou ao encerramento temporário ou permanente de muitos museus e ao afastamento de potenciais visitantes impedidos de viajar, forçando

novos modelos de acesso e de mediação. Neste contexto, a reflexão acerca da autenticidade – isto é, da definição ou da percepção do valor de autenticidade dos objetos, das coleções, das exposições, dos discursos museológicos, dos espaços, das narrativas de mediação – ganha uma inesperada centralidade nos estudos de museu.

A obra está estruturada em sete partes, que refletem as várias perspectivas de análise do fenómeno:

1. Is it all relative? Authenticity between characteristic and attribution
2. Conflicts and decisions: Objects between changing states and authenticity ideals
3. Places, spaces and structures: Authenticity between historical location and translocation
4. Ordering, interpreting, staging: Authenticity by contextualizing in the museum
5. Players and audiences: Conveying and perceiving of the authentic
6. Replica, reconstruction and forgery: Relative authenticities of the unreal
7. Between collection infrastructure and virtual worlds – Authenticity as a value for scientific integrity

Através da **parte 1**, fica estabelecida a dificuldade em descrever objetivamente os atributos de autenticidade e em aplicá-los ao património e aos objetos museológicos. Destaca-se, aqui, o contributo de Achim Saupe, “Analysing authentication and authorisation processes in cultural heritage and the museum” (pp. 35-42) que, confirmando o impacto cultural da

autenticidade, através da distinção entre verdadeiro (autêntico) e falso, analisa o processo de autenticação como um fator de valorização patrimonial subjetivo e sujeito a conflitos de interesses, sendo, assim, um conceito relativo. Por isso, Saupe aponta uma perspectiva de análise que, em certa medida, se encontra subjacente na maioria dos contributos. “Rather than simply attributing authenticity, or even taking it as an essence of things, it is preferable to examine authenticity primarily in terms of communicational structures, i.e. to ask to whom and when authenticity is attributed, as well as how and why” (Saupe, 2020, p. 40).

Ao relativizar a objetividade do conceito de autêntico e dos seus correlativos (como real, genuíno, original, etc.), abre-se a possibilidade de considerar como um atributo mutável e flexível, construído em função do contexto cultural em que se insere. Portanto, a autenticidade não é uma qualidade intrínseca ao objeto, cujo historial se constrói através de alterações, reutilizações, recuperações, perdas, destruições. É disto, aliás, que trata a **parte 2** desta obra, ao versar o complexo sistema de decisões que envolvem as mudanças sofridas pelos objetos quer nos sítios originais, quer em contexto museológico e, em particular, nos processos de conservação e restauro e de exposição. Stavroula Golfomitsou, no artigo “Conservation in the 21st century: Materials, concepts and audiences” (pp. 89-96) articula estas questões com as alterações programáticas dos museus que, nas últimas décadas, têm vindo a desviar o foco da coleção para os públicos,

centrando-se na experiência do visitante na exposição e face ao objeto, tornando-se um espaço cada vez mais participativo e inclusivo. Por seu turno, Judith Dehail, em “Conflicting authenticities in the museum: The exhibition of musical instruments” (pp. 94-102) descreve estes conflitos, em função da evolução dos princípios deontológicos de conservação e restauro ao longo do século XX.

A **parte 3** aborda a questão correlacionada da translocação do objeto, isto é, da sua transferência do contexto original (que lhe garantia alguma autenticidade) para o espaço museológico. Destaca-se, aqui, o contributo de Sílvia Ferreira, intitulado “From the convent to the museum: The displacement and exhibition of baroque gilded woodcarving altars in Portugal” (pp. 117-125), analisa a deslocação dos altares barrocos em talha dourada, entre o espaço litúrgico e o museológico, no contexto da extinção das ordens religiosas decretado em 1834 e, posteriormente, pela Lei da Separação do Estado das Igrejas, em 1919, centrando-se nos museus de Aveiro / Santa Joana, de Lamego e Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. Retemos as suas palavras finais: “[...] an altar is a significant object with its special structure, images and symbols. It is a narrative that lives through the dialogue between different actors: space, ambience, rituals and individuals. In the museum, all we can give them is the best possible environment by articulating the different perspectives: those of the curator, of the art historian and of the public” (p. 123). O artigo de Sílvia Ferreira sintetiza, através do caso português, os processos de transferência e de

descontextualização dos objetos no museu e, por conseguinte, a forma como a sua autenticidade é, ou não, preservada.

A translocação dos objetos analisada nesta parte tem uma continuidade lógica na **parte 4**, onde se aborda a autenticidade e a (re)contextualização do objeto no museu. Neste âmbito, Stefanie Jovanovic-Kruspel, em “Between truth and storytelling: Authenticity in 19th-century museum architecture” (pp. 215-224), analisa o papel da arquitetura e arranjo do espaço em conexão com o exposto para reforçar a ideia de autenticidade, tal como sucede no Museu de História Natural de Viena, que mantém as características oitocentistas. Em confronto com esta perspetiva, Anja Grebe, em “Authenticity in context: Historic displays and modern museum practice” (pp. 225-235), partindo da reinstalação do Gabinete de Curiosidades (Kunstkammern) no Castelo de Ambras e no Museu de História Natural de Viena, analisa as contradições destas representações historicizantes para concluir que “none of the modern reinstallations of former collections is ‘authentic’ in the strict sense of the term” e que “it would be beneficial if visitors could touch some of the objects or at least a replica to get an idea of the materiality of the objects and to get more directly involved with the past” (p. 232). Ou seja, a perceção de autenticidade pode ser potenciada pela presença de réplicas que permitem a interação sem prejudicar a materialidade dos objetos originais.

A perceção da autenticidade é precisamente o tema da **parte 5**. Esta secção abre com o contributo de Hendrikje Brüning, “A discussion on authentic

communication: How museums convey knowledge and how this affects the perception of authenticity” (pp. 269-278), onde analisa a função comunicativa do museu, através da forma como este transmite o conhecimento e o público percebe a sua autenticidade.

A percepção de autenticidade é um fator que influencia positivamente a experiência do visitante no museu. Kiersten F. Latham, em “Visitor perceptions of ‘the real thing’ in museums” (pp. 323-328) apresenta os resultados da primeira fase de um estudo fenomenológico acerca da coisa real (‘the real thing’), levado a cabo em 21 museus dos Estados Unidos, com o objetivo de estudar a forma como os visitantes reagem e o experienciam, permitindo-lhe estabelecer quatro categorias “through aspects of the self, in relation to others, through the presence of the actual physical thing, and through one’s surroundings” (p. 328).

A **parte 6** aborda as questões das réplicas, reconstruções e falsos, dando continuidade ao conceito já apreendido no referido artigo

de Anja Grebe e reforçando a ideia de que as reproduções podem transmitir a percepção de autenticidade e potencializar a experiência do visitante no museu.

A **parte 7** e última continua a estudar estas representações em suporte virtual, nomeadamente, através de projetos digitais de simulação 3D, de Realidade Virtual (RV) ou de Realidade Aumentada (RA). Mieke Pfarr-Harfst, no artigo “Digital 3D reconstructed models in the museum context: Are they authentic?” (pp. 431-438) analisa as reconstruções digitais como modelos de conhecimento e sua autenticidade, advertindo que “there are no strategies or standards for their authenticity, for the plausibility of the knowledge contained in the models, or for quality assurance” (p. 437), o que conduz à questão: “How authentic is the knowledge that is generated from the process and sources?” (id.).

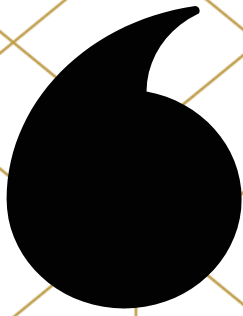
No fundo, esta questão pode ser aplicada a todas as representações da realidade elaboradas pelo museu e, por conseguinte, ao discurso museológico *latu sensu*.

Bibliografia

Benjamin, W. ([1936] 2007). The work of art in the age of mechanical reproduction. In H. Arendt (ed.), *Illuminations* (pp. 217–251). New York, NY: Schocken Books.

Nota: todas as restantes referências reportam à obra em recensão.

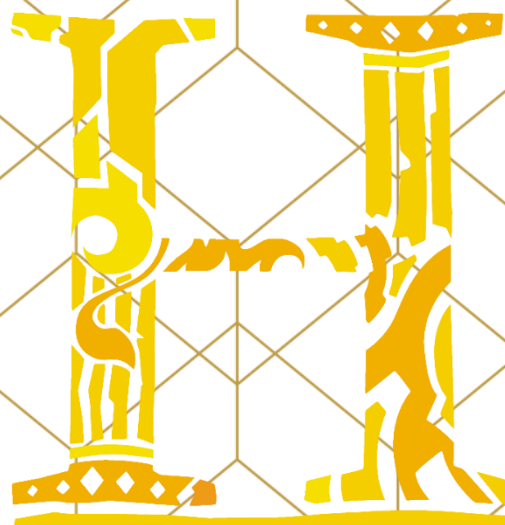




Mas permanece também a verdade de que todo fim na história constitui necessariamente um novo começo; esse começo é a promessa, a única 'mensagem' que o fim pode produzir. O começo, antes de tornar-se evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente, equivale à liberdade do homem. *Initium ut esset homo creatus est* - 'o homem foi criado para que houvesse um começo', disse Agostinho (In *De Civitate Dei*, Livro 12 Cap. 20). Cada novo nascimento garante esse começo; ele é, na verdade, cada um de nós.

(Hannah Arendt, *As Origens do Totalitarismo*)





HERANÇA
Revista de História, Património e Cultura

pontēditora
A travessia para o conhecimento

e³ | Revista de Economia
Empresas e
Empreendedores
na CPLP



J²
Jornal Jurídico

JIM
Jornal de Investigação Médica

A PÁTRIA
JORNAL DA COMUNIDADE CIENTÍFICA DE LÍNGUA PORTUGUESA